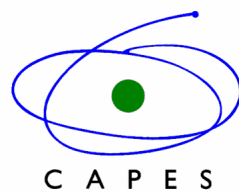




PROFLETRAS



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
PROFISSIONAL EM REDE
(PROFLETRAS) – UNIDADE ITABAIANA

EVANDRO OLIVEIRA SANTOS

O MANIFESTO LITERÁRIO COMO AÇÃO DE LINGUAGEM:
UMA PROPOSTA DE DIDATIZAÇÃO DO GÊNERO PARA A
LEITURA EM SALA DE AULA

Itabaiana, SE
2018

EVANDRO OLIVEIRA SANTOS

**O MANIFESTO LITERÁRIO COMO AÇÃO DE LINGUAGEM:
UMA PROPOSTA DE DIDATIZAÇÃO DO GÊNERO PARA A
LEITURA EM SALA DE AULA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Profissional em Rede (PROFLETRAS) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. José Ricardo Carvalho da Silva

Itabaiana, SE
2018

EVANDRO OLIVEIRA SANTOS

O MANIFESTO LITERÁRIO COMO AÇÃO DE LINGUAGEM:
UMA PROPOSTA DE DIDATIZAÇÃO DO GÊNERO PARA A
LEITURA EM SALA DE AULA

Esta dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre no Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Sergipe, Campus Prof. Alberto Carvalho.

Orientador: Prof. Dr. José Ricardo Carvalho da Silva

Aprovado em 19 de Julho de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Ricardo Carvalho da Silva - PRESIDENTE
UFS – Itabaiana - SE

Prof^ª. Dr^ª. Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquim – AVALIADORA EXTERNA
UFC – Fortaleza - CE

Prof^ª. Dr^ª. Jeane de Cassia Nascimento Santos – AVALIADORA INTERNA
UFS – Itabaiana – SE

Itabaiana, SE
2018

*Aos artistas-cidadãos: Oswald, Tarsila, Sérgio Vaz, Mano Brown, Criolo e tantos outros, por
terem a ousadia de cantar a poesia dos fatos.*

AGRADECIMENTOS

Ao professor doutor José Ricardo Carvalho da Silva, pela permanente disponibilidade e exigência, sem ter perdido a grandeza da compreensão de minhas limitações, sobretudo de tempo. Mas também pela confiança, pela persistência e decisivas sugestões no curso da realização deste trabalho.

Às professoras da banca examinadora Isabel Azevedo (UFS), Eulália Leurquin (UFC) e Jeane de Cássia (UFS), pelas contribuições oferecidas por ocasião da qualificação e da defesa.

Aos demais professores doutores do curso PROFLETRAS, pelo tratamento humano, pelas cobranças e pelas valorosas contribuições teóricas.

À Andréa Reis, secretária do PROFLETRAS do Campus Itabaiana, pela permanente prontidão.

Aos colegas do PROFLETRAS, que se tornaram amigos de caminhada acadêmica, pela acolhida e conversas descontraídas, especialmente Ivânia, Piedade e Pedro, parceiros de viagem, que tornaram o riso mais solto e, por isso, a caminhada menos dolorida.

Aos meus pequenos, Artur e Davi, pela espera, nem sempre paciente, mas muito amorosa.

À minha esposa, que sempre me apoiou, me deu forças para não desistir. Uma parceira de todas as horas.

Aos meus pais, que mesmo com média ou nenhuma instrução formal, souberam valorizar a educação, de tal modo que essa realização é parte da aposta deles lá no passado.

Aos meus tios, especialmente a Raimundo e Sônia, pela força e incentivos de sempre.

À Finha, minha sogra, que muito torceu pela concretização dessa caminhada.

Às minhas irmãs pela torcida e incentivo.

Aos meus avós *in memoriam*, pelo acolhimento em uma época de grandes dificuldades na batalha pela sobrevivência.

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), pelo apoio financeiro fundamental, ação resultante das políticas públicas educacionais dos governos Lula e Dilma.

A Deus, pela saúde e força para superar os momentos de pressão e angústia.

*A Periferia nos une pelo amor, pela dor e pela cor.
(...) Contra a arte fabricada para destruir o senso crítico, a emoção e a sensibilidade que
nasce da múltipla escolha. (...)*

Sérgio Vaz

Manifesto da Antropofagia Periférica

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA PROFESSOR ALBERTO CARVALHO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

S237m Santos, Evandro Oliveira

O manifesto literário como ação de linguagem: uma proposta de didatização do gênero para a leitura em sala de aula / Evandro Oliveira Santos; orientador: José Ricardo Carvalho da Silva. – Itabaiana, 2018. 79 f.; il.

Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, 2018.

1. Letras língua portuguesa. 2. Textos. 3. Leitura. 4. Gêneros literários. I. Silva, José Ricardo Carvalho da. II. Título.

CDU 811.134.3(81):37

RESUMO

A presente pesquisa parte do pressuposto de que o ensino de língua portuguesa deve mirar o desenvolvimento de *capacidades de linguagem* dos estudantes, a partir do trabalho instrumentalizado pelos gêneros de textos. Nossa problemática diz respeito às dificuldades de aluno(a)s para realizar, adequadamente, a leitura de textos no plano discursivo-enunciativo. Tem como objetivo possibilitar a apropriação das práticas languageiras associadas à leitura do gênero manifesto literário. Como modelo de análise, utilizamo-nos da perspectiva teórico-epistemológica defendida por pesquisadores da Universidade de Genebra, identificados com o interacionismo sociodiscursivo (ISD), sobretudo os postulados de Bronckart (2009), que se associam a três bases centrais: o interacionismo social de Vigotski (2008), a ciência do texto-discurso de Bakhtin (2003) e Volochinov (2013) e a Linguística Saussuriana (2006). A partir de uma pesquisa-ação baseada em Thiollent (2012), em um contexto de escola pública de ensino fundamental do município de Paripiranga-BA, desenvolvemos uma intervenção docente que seguiu o princípio da transposição didática de gênero, com a adoção do instrumento *Sequência Didática de Leitura (SDL)*, adaptado de Dolz, Noverraz & Schneuwly (2004) para interpretar a ação languageira de manifestar-se a partir de um *corpus* composto pelos *Manifestos da Poesia Pau-Brasil* (1924) e *Antropófago* (1928), escritos por Oswald Andrade e o *Manifesto da Antropofagia Periférica* (2007), escrito por Sérgio Vaz. Trata-se de importante contribuição aos estudos linguísticos, na medida em que busca suprir insuficiências quanto ao domínio de gêneros de difícil acesso aos estudantes, além de fazer uma abordagem advinda da *linguística aplicada* para textos que geralmente são lidos como introdutórios aos estudos literários. De modo geral, o procedimento SDL mostrou-se um bom instrumento para a mediação da aprendizagem alicerçada em novas concepções de ensino com foco nas práticas de linguagem. Como resultado, portanto, desenvolvemos um *Produto Didático de Gênero (PDG)*, através da elaboração de um caderno de atividades para a leitura do manifesto literário em sala de aula, a fim de contribuir com as práticas docentes que se associam a uma perspectiva sociodiscursiva de ensino de língua materna.

Palavras-chave: ensino de língua portuguesa; leitura; gênero de texto; manifesto literário; interacionismo sociodiscursivo.

ABSTRACT

The present research is based on the assumption that portuguese language teaching should focus on students' language skills development, based on the work of the text genres. Our problematic concerns the difficulties of students to adequately carry out the reading of texts in the discursive-enunciative plane. Its purpose is to enable the appropriation of the linguistic practices associated with the reading of the genre manifest literary. As a model of analysis, we use the theoretical-epistemological perspective defended by researchers at the University of Geneva, identified with sociodiscursive interactionism (SDI), especially the postulates of Bronckart (2009), which are associated with three central bases: social interactionism of Vygotsky (2008), the science of the text-speech of Bakhtin (2003) and Volochinov (2013) and Saussurian Linguistics (2006). Based on an action research based on Thiollent (2012), in a context of public elementary school in the city of Paripiranga-BA, we developed a teaching intervention that followed the principle of the didactic transposition of gender, with the adoption of the Didactic Reading Sequence (DRS), adapted from Dolz, Noverraz & Schneuwly (2004) to interpret the language action to manifest itself from a corpus composed by Manifestos of Manifests from poetry redwood (1924) and Anthropophagus (1928), written by Oswald Andrade and Manifest of Peripheral Anthropophagy (2007), written by Sérgio Vaz. This is an important contribution to linguistic studies, in that it seeks to overcome deficiencies in the domain of genres that are difficult for students to access, as well as to make an approach derived from applied linguistics for texts that are generally read as introductory to literary studies. In general, the DRL procedure proved to be a good instrument for the mediation of learning based on new conceptions of teaching focusing on language practices. As a result, therefore, we developed a Teaching Product of Gender (TPG), through the elaboration of an activity book for the reading of the literary manifest in the classroom, in order to contribute to the teaching practices that are associated with a sociodiscursive.

Key words: teaching of Portuguese language; reading; genre of text; literary manifest; sociodiscursive interactionism.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: mundos formais e contexto de produção do texto	20
Quadro 2: Tipos de discurso.....	24
Quadro 3: Modelo Didático do Manifesto Literário.....	31
Quadro 4: Sequência argumentativa no Manifesto Antropófago	33
Quadro 5: Esquema da interpretação descendente dos textos	36
Quadro 6 – Contexto de Produção do <i>Manifesto da Poesia Pau-Brasil</i>	40
Quadro 7 – Plano de texto do Manifesto da Poesia Pau-Brasil	41
Quadro 8 – Contexto de Produção do Manifesto Antropófago	48
Quadro 9 – Plano de texto do Manifesto Antropófago.....	49
Quadro 10 – Contexto de Produção do <i>Manifesto da Antropofagia Periférica</i>	54
Quadro 11 – Plano de texto do <i>Manifesto da Antropofagia Periférica</i>	55
Quadro 12 – Sequência Didática de Leitura.....	60
Quadro 13 – Ficha de Interpretação sobre o domínio do gênero.....	62
Quadro 14 – Capacidades e dificuldades identificadas	64
Quadro 15 – Dificuldades x novas capacidades	69

LISTA DE SIGLAS

PROFLETRAS – Programa de Pós-Graduação em Letras Profissional em Rede

ISD – Interacionismo Sociodiscursivo

MDG – Modelo Didático de Gênero

PDG – Produto Didático de Gênero

SD – Sequência Didática

SDL – Sequência Didática de Leitura...

CL – Capacidade de Linguagem

LISTA DOS CÓDIGOS UTILIZADOS NAS ANÁLISES

Código	Ocorrência
A1, A2, A3...	Alunos
T1, T2, T3...	Segmentos de textos

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
1. A PERSPECTIVA INTERACIONISTA SOCIODISCURSIVA	18
1.1. Modelo de análise de textos do ISD	19
1.1.1. A compreensão do contexto de produção para a leitura de textos.....	19
1.1.2. A arquitetura textual.....	21
1.1.3. Tipos de discurso: um fenômeno da heterogeneidade textual.....	23
1.1.3.1. Semiotização dos discursos em unidades linguísticas.....	24
1.2. Capacidades de linguagem: o propósito da análise de textos.....	27
2. GÊNERO MANIFESTO	28
2.1. Modelo didático do manifesto	28
2.1.1. Modelização do manifesto literário.....	30
3. CAMINHOS METODOLÓGICOS: MÉTODOS E MATERIAIS.....	34
3.1. Natureza e tipo de pesquisa	34
3.2. Campo de pesquisa e sujeitos envolvidos.....	35
3.3. Análise do corpus: o agir discursivo-enunciativo nos manifestos literários	35
3.4. Sob a perspectiva da transposição didática de gênero	58
3.5. O procedimento sequência didática.....	59
4. ANÁLISE DOS RESULTADOS DA APLICAÇÃO DA SDL	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS	74
APÊNDICE: PRODUTO DIDÁTICO DE GÊNERO	78

INTRODUÇÃO

A compreensão das práticas de leitura e escrita tornou-se outra depois da divulgação do artigo “Os gêneros do discurso”, inserido no Brasil através de Bakhtin (2003, p. 282). Esse texto ampliou o termo “gênero”, que deixou de vincular-se, apenas, à noção de “gêneros literários”, compreendendo também “todos os enunciados com *formas* relativamente estáveis e típicas de *construção do todo*”, denominadas “gêneros discursivos”.¹

O trabalho com os gêneros de texto trouxe à tona a importância das práticas sociais para a vivência escolar, o que tem revelado o papel essencial da linguagem, conforme aponta Volochínov (2013, p. 143): “toda ação expressa um signo de valor social que deve converter-se num valor de uso interior que remete à compreensão e à interação”. Há aqui uma implicação de destaque especial: a forma natural da linguagem é o diálogo (idem, p. 162), porque todo discurso é dirigido à outra pessoa, à sua compreensão e à sua efetiva resposta potencial (idem, p. 168).

Volochínov (2013, p. 144) já se perguntava: “que significado tem a linguagem para a consciência individual, pessoal, do homem, para a formação de sua vida ‘interior’, de suas ‘experiências’, para a *expressão* dessa vida, dessas experiências?”. Para ele, “o crescimento da consciência determina o crescimento da linguagem, a quantidade de palavras e expressões” (idem, p. 144). E isso só se pode dar no mundo, através da interação, que ocorre sob a forma de um dialogismo.

É da força desse dialogismo que os horizontes humanos se expandem e potencializam ações: de reclamar, de convocar, de questionar, de poetizar, de narrar, de argumentar sob a mediação da linguagem, que amplia a consciência e o repertório linguístico-discursivo necessários para que os indivíduos operem de forma mais proficiente seu agir no mundo.

Com a publicação dos PCN (1998), de base bakhtiniana, o entendimento das práticas de ensino foi redirecionado, saindo do eixo gramatical para o eixo discursivo, ao estabelecer a relação entre conhecimento e a aprendizagem, através da inserção de concepções dialógicas e interativas como ferramentas de mediação de aprendizagem mobilizadoras de escolhas que combinam composição, operações cognitivas e linguísticas, identificadas nos gêneros de texto.

¹ Neste trabalho, adotamos o termo gênero de texto.

É na esteira da renovação das concepções de ensino que devemos debruçar-nos, de maneira a responder às demandas da sociedade, em relação aos usos da linguagem, o que nos leva, como docentes de língua materna, a dar maior valor aos textos que asseguram o uso público da linguagem, porque determinantes para assegurar o exercício da cidadania, como destacam os PCN (BRASIL, 1998, p. 24).

O manifesto é um desses textos. Trata-se de um gênero cujo uso público é mais habitual do que no cotidiano escolar. Por isso, é desafiador para os estudantes, em função de duas razões: de um lado, por aparecer apenas no ensino médio, associado à divulgação de ideias estético-literárias; de outro, por ser um gênero que raramente aparece na escola sob uma perspectiva linguística. Esses dois polos implicam na necessidade de adaptar o gênero ao segmento e ao ambiente onde é trabalhado, o que pressupõe a adoção da perspectiva de trabalho com base na transposição didática de gênero, que consiste em transpor uma elaboração conceitual em uma intervenção docente, a partir de um problema constatado no ensino. Essa perspectiva requer o desenvolvimento de atividades sob a forma de Sequência Didática (SD), um procedimento apresentado ao ensino de língua materna por Dolz, Noverraz & Schneuwly (2004), que neste trabalho ganha a forma de um conjunto de atividades para o ensino da leitura que chamamos de Sequência Didática de Leitura (SDL), mecanismo utilizado para interpretar a ação linguageira de manifestar-se a partir de um *corpus* composto pelos *Manifestos da Poesia Pau-Brasil* (1924) e *Antropófago* (1928), escritos por Oswald Andrade e o *Manifesto da Antropofagia Periférica* (2007), escrito por Sérgio Vaz.

Neste trabalho refletimos sobre a problemática das dificuldades de aluno(a)s para realizar, adequadamente, a leitura de textos no plano discursivo-enunciativo, com o objetivo geral de desenvolver a didatização do gênero manifesto literário para a leitura em sala de aula, como forma de suprir insuficiências quanto ao domínio desse gênero de texto por estudantes de ensino fundamental do Brasil. São objetivos específicos:

- a) interpretar manifestos literários;
- b) identificar as características do gênero manifesto literário;
- c) compreender o plano global, o discurso e as sequências predominantes nos textos;
- d) identificar as vozes e julgamentos;
- e) estabelecer relações discursivas no processo de leitura dos textos;

f) analisar o desenvolvimento das *capacidades de linguagem* dos alunos em relação à atividade de interpretação final da SDL.

Os pressupostos teórico-epistemológicos do interacionismo sociodiscursivo (ISD) são utilizados para compreensão das dificuldades enfrentadas pelos alunos e para adoção de proposta de intervenção docente. Assim, trilhamos os caminhos do modelo de análise de textos, segundo Bronckart (2009), para o estabelecimento de uma diretriz de descrição do gênero, seguindo uma análise descendente, que parte da atividade social (literatura) às representações do agir discursivo-enunciativo mobilizado nos textos. Tais caminhos apontam para dois níveis analíticos centrais: o primeiro, diz respeito ao *contexto de produção*; o segundo, trata da *arquitetura textual*, que mobiliza todo o conteúdo temático, segundo as características da situação comunicativa.

O foco nessas categorias analíticas pressupõe o desenvolvimento de capacidades de linguagem, conceito fundamental para o ISD, porque reflete no mapeamento das capacidades dos alunos como pré-requisito para a elaboração e desenvolvimento de uma Sequência Didática. Toda SD deve abordar atividades que agreguem as três capacidades: ação, discursiva e linguístico-discursiva. A primeira, está relacionada às representações do contexto físico e sociossubjetivo da ação de linguagem; a segunda, está relacionada infraestrutura geral do texto, no que se refere o plano geral, os tipos de discurso e de sequências; por fim, a capacidade linguístico-discursiva, que se refere à construção dos enunciados, a textualização do texto, incluindo elementos de responsabilização enunciativa.

Metodologicamente, realizamos uma pesquisa-ação, segundo Thiollent (2012), de natureza qualitativa, como assegura Godoy (1995), ao passo que dá um tratamento crítico aos dados coletados, mediante atividades desenvolvidas cooperativamente, em um contexto que tem como sujeitos discentes do nono ano do ensino fundamental de uma escola da rede pública de ensino do município de Paripiranga, estado da Bahia, de modo que fazemos uma análise do *corpus* para orientar a implementação de uma SDL.

Em relação ao plano de texto desse trabalho, orientamos a apresentação da estrutura em quatro capítulos. No primeiro capítulo, destacamos as bases teórico-epistemológicas da pesquisa. Esse capítulo foi subdividido em 2 partes: 1) o modelo de análise de textos do ISD; 2) as capacidades de linguagem: o propósito da análise de texto. O capítulo II apresenta o gênero manifesto e seu processo de modelização. No capítulo III, apresentamos o enquadre metodológico que norteia esse trabalho,

incluindo: 1) natureza e tipo de pesquisa; 2) o campo de pesquisa, sujeitos; 3) a análise do corpus: o agir discursivo-enunciativo nos manifestos literários; 4) sob a perspectiva da transposição didática de gênero; o procedimento em sequência didática. Finalmente, no capítulo 4, analisamos os dados coletados da intervenção em sala de aula.

Como resultado, portanto, dessa pesquisa, construímos um *Produto Didático de Gênero (PDG)*, que consiste em um caderno de atividades apresentado no apêndice do texto para mediar à adoção da leitura do manifesto literário em sala de aula, como forma de contribuir com as práticas docentes que se associam a uma perspectiva sociodiscursiva de ensino de língua materna.

1. A PERSPECTIVA INTERACIONISTA SOCIODISCURSIVA

O ISD é uma vertente da psicologia da linguagem que procura desenvolver uma ciência do humano, oposta à fragmentação comtiana da divisão atual ciências humanas/sociais.

A linguagem tem papel central para o ISD, porque é através dela que se materializam as atividades humanas, mediadas pelos textos e relacionadas a diversos contextos sociais de interação do agir. Essa concepção propôs um modelo psicológico da aprendizagem em língua materna (Bronckart, 2009), sustentado em três bases centrais: o interacionismo social de Vigotski (2008), a ciência do texto-discurso de Bakhtin (2003) e Volochinov (2013) e a Linguística Saussuriana (2006), bem como outras contribuições: o agir comunicativo e os mundos formais de Habermas (2012), os tipos de discurso de Simonin-Grumbach (1975), além de referendar-se em outras influências determinantes para a elaboração do modelo de arquitetura textual (Charolles, 1994; Benveniste, 1966; Weinrich, 1973; Roulet et al., 1985; Adam 1990, 1992, 1999; e Genette, 1972, dentre outros), conforme destacou Bronckart (2009).

Atualmente, as pesquisas do Grupo de Genebra se voltam para dois campos: didática do ensino (Grupo GRAFE, liderado por Schneuwly e Dolz) e morfogênese das ações em diferentes situações de trabalho (Grupo LAF, liderado por Bronckart.).

No Brasil, a influência dos pressupostos teóricos do ISD surge, de forma sistematizada, a partir dos trabalhos coordenados por Anna Rachel Machado, sobretudo aqueles vinculados às formulações resultantes do grupo de pesquisa ALTER, que reuniu trabalhos de doutorandos e mestrandos, a partir de um projeto integrado, chamado “Análise de Linguagem, Trabalho Educacional e suas relações”, inserido no Programa de Estudos Pós-graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL) da PUC de São Paulo.

As pesquisas envolvidas nesse projeto, atualmente, associam os pressupostos teórico-metodológicos dessa teoria psicológica aos aportes da Ergonomia da Atividade (Amigues, 2004; Saujat, 2002 e 2004) e da Psicologia do Trabalho (Faïta, 2004; Clot, 1999). Assim têm focado em abordagens marxianas do trabalho, vigotskianas do desenvolvimento e sociodiscursivas da linguagem, conforme destacou Machado apud Cristovão (2012).

Diversos pesquisadores continuam as formulações iniciadas sob a coordenação da professora Anna Rachel Machado, a exemplo das desenvolvidas por: Leurquim (2001), Lousada (2006), Abreu-Tardelli (2006), Bueno (2007), Guimarães *Et Al.* (2008) Barros (2012) Mascanhi (2013), Melão (2014), Almeida (2015), Riciolli (2015), Vignoli (2016), Silva (2016), dentre outros.

Embora essa concepção teórico-epistemológica tenha sido divulgada na década de 1980 do século passado, somente dezoito anos depois, essa abordagem foi assumida em nossos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Com a publicação dos PCN (1998), de base bakhtiniana, o entendimento das práticas de ensino foi redirecionado, saindo do eixo gramatical para o eixo discursivo, ao estabelecer a relação entre conhecimento e aprendizagem, através da inserção de concepções dialógicas e interativas como ferramentas de mediação de aprendizagem mobilizadoras de escolhas que combinam composição, operações cognitivas e linguísticas, identificadas nos gêneros de texto. Tais escolhas encontram-se sistematizadas pelo modelo de análise de texto proposto por Bronckart (2009).

1.1. Modelo de análise de textos do ISD

O modelo de análise de textos do ISD apresenta dois parâmetros: um relacionado ao contexto de produção; o outro, voltado à arquitetura ou *folhado* textual.

1.1.1. A compreensão do contexto de produção para a leitura dos textos

Toda situação de ação de linguagem apresenta fatores contextuais que definem o tipo de agir languageiro do agente produtor de texto. Segundo Bronckart (2008; 2009), o agente-produtor realiza uma dupla ação: 1) escolhe ou adota um gênero de texto; 2) adapta o gênero escolhido em função da situação de linguagem, levando em conta referências dos mundos físico e sociossubjetivo, de modo a incluir conhecimentos do mundo material, dos papéis atribuídos aos protagonistas da interação, do tipo e dos objetivos da interação, assim projetados:

a) *o mundo físico*, que mobiliza coordenadas espaço-temporais voltadas para uma ação de linguagem situada em um *lugar físico e em um momento de produção*, feita por um *emissor* para um *receptor*, inseridos numa situação imediata; e

b) *o mundo sociossubjetivo*, que vincula a ação de linguagem à *interação entre o mundo social e o subjetivo*, ambos estabelecidos pelas *normas/valores* e pela *imagem que o agente-produtor faz de si e do destinatário ao agir*, inseridos numa situação mais ampla do contexto social, histórico e ideológico da comunicação. O quadro abaixo sintetiza essa representação:

Quadro 1: mundos formais e contexto de produção do texto

Mundo físico		Mundo sociossubjetivo	
Contexto das coordenadas espaço-temporais em que se dá a ação de linguagem implicadas na produção de um texto.		Contexto das normas e valores sociais, bem como da imagem que o agente faz de si e do destinatário ao realizar uma ação de linguagem.	
Coordenadas	Questionamentos mobilizados	Coordenadas	Questionamentos mobilizados
O <i>lugar</i> físico de produção.	De onde escreveu?	O <i>lugar social</i> no qual o texto é produzido (escola, família, igreja, movimento artístico, social, sindical, político, etc.).	Que instituição ou lugar social representa?
O <i>momento</i> de produção.	Quando foi escrito?	Os <i>objetivos da interação</i> .	Quais efeitos o enunciador pretende produzir no destinatário?
O <i>emissor</i> : pessoa que produz fisicamente o texto.	Quem escreveu?	A posição social do emissor ou <i>enunciador</i> .	Qual a posição social de quem enuncia?
O <i>receptor</i> : a(s) pessoa(s) que recebe(m) concretamente o texto.	Para quem?	A posição social do receptor ou <i>destinatário</i> .	Qual a posição social de quem recebe a enunciação?

Fonte: Adaptado de Bronckart (2009).

Cabe destacar, no entanto, que há diferenciação de sujeitos, de acordo com a relação estabelecida pelo contexto que situa a produção textual. Isto se deve não pelo gênero que mobiliza a ação, mas pela própria representação, que varia segundo a situação de comunicação. Por exemplo, ao mobilizar uma ação de linguagem a partir do gênero manifesto, a posição do agente-produtor varia segundo o conteúdo temático, o meio de circulação e o público destinatário, podendo o agente ocupar posição de um grupo de adolescentes que falam à comunidade estudantil, um professor que conclama

pais e mães de estudantes a se inserirem na mediação de aprendizagem discente, um grupo de artistas que anuncia e defende uma estética nova, dentre outras.

1.1.2. A arquitetura textual

A arquitetura textual organiza o conteúdo temático em três níveis:

a) no nível mais profundo, há a *infraestrutura global do texto*, que compreende o plano geral (organização resumida das partes constitutivas), os tipos de discursos (interativo, teórico, narração e relato interativo) e de sequências (narrativa, descritiva, argumentativa, explicativa, injuntiva, dialogal, script e esquematização).

b) no nível intermediário, ocorrem os *mecanismos de textualização*, que articulam a progressão do conteúdo temático dos textos, a partir de unidades linguísticas que marcam as relações de continuidade, ruptura e contraste, agrupadas em três grandes conjuntos: conexão, coesão nominal e coesão verbal.

Há quatro tipos linguísticos que marcam a conexão, segundo Bronckart (2009):

- 1) advérbios ou locuções adverbiais
- 2) sintagmas preposicionais
- 3) conjunções de coordenação
- 4) conjunções de subordinação

Quanto à coesão *nominal*, dar-se-á a partir da explicitação de relações de dependência entre referentes, sendo realizada por anáforas, nominais ou pronominais, constituindo uma organização em cadeia (Barros, 2012, p. 61).

Finalmente, a coesão verbal, que se dá através das escolhas dos verbos, e respectivos tempos, que contribuem para dar coerência temática aos textos.

c) no nível mais superficial, há os *mecanismos de responsabilização enunciativa*, que apresentam as vozes e as modalizações. Neste nível, ocorre a coerência pragmática (ou interativa), definida tanto pela responsabilidade do que é enunciado quanto pelas avaliações contidas no conteúdo temático.

I – São vozes enunciantes do discurso:

a) *Voz do expositor*

Corresponde à voz que procede diretamente da pessoa que está na origem da produção textual e que intervém, como tal, para comentar ou avaliar alguns aspectos do

que é enunciado. Essa voz predomina em textos de sequência expositiva ou argumentativa.

b) Voz neutra

Diz respeito à voz do narrador ou do expositor/textualizador, como instância geral da enunciação, deduzida, principalmente, do uso da 3ª pessoa do verbo, muito comum em gêneros argumentativos, sobretudo nas dissertações objetivas.

c) Voz de personagem

A voz secundária de um personagem pode proceder de segmentos de textos na primeira pessoa ou na terceira pessoa. Essa voz aparece com maior frequência em textos de sequência narrativa.

c) Vozes sociais

São as vozes provenientes de personagens, grupos ou instituições sociais, mencionadas como instâncias externas e, por isso, não intervêm como agentes de um dado segmento de texto.

II - Outra instância de responsabilização enunciativa, traduzida nos diversos comentários ou avaliações dentro de um conteúdo temático, pode ser encontrada nas modalizações:

a) Modalização lógica

Avalia aspectos do conteúdo temático, pautados em critérios e conhecimentos (certos, possíveis, prováveis, eventuais, necessários, etc.). Por isso, elementos linguísticos como: *talvez, necessariamente, é evidente*, dentre outros, são comuns na mobilização dos julgamentos lógicos.

b) Modalização deôntica

Avalia aspectos do conteúdo temático procedentes das regras, dos valores e das opiniões do mundo social. Assim, é comum o aparecimento de formas verbais como *dever* e *poder*, além de expressões prescritivas como *é preciso que*, dentre outras.

c) Modalização apreciativa

Avalia aspectos do conteúdo temático, procedentes do mundo subjetivo. Isto é, julga do ponto de vista de quem avalia, sendo comum o aparecimento de expressões *ai de mim, felizmente, infelizmente*, dentre outras.

d) Modalização pragmática

Explicita as intenções, razões ou capacidades de ação do agente do texto. Esse agente pode ser uma personagem, um expositor, um grupo ou instituição. É com aparecerem julgamentos identificados pela presença de diversas formas verbais (quis, pôde, pretendeu-se, pudesse, não devia, devia, etc.).

1.1.3. Tipos de discurso: um fenômeno da heterogeneidade textual

O conceito de tipo de discurso (TD) está diretamente associado aos chamados *mundos discursivos ou da enunciação*, que evidenciam as relações estabelecidas entre as representações sobre o agir humano e sobre a própria atividade de linguagem. A primeira, diz respeito ao *mundo ordinário*; a segunda, às *coordenadas de organização temporal do conteúdo temático no texto*, que têm uma relação direta com a *organização atorial*, evidenciada segundo o TD adotado.

Do ponto de vista da organização temporal, os enunciados podem se dar de forma *conjunta* ou *disjunta*. Assim, ocorre relação de *conjunção* quando a ação de linguagem se dá no mundo real/ordinário, coincidindo no tempo e se traduzindo na *ordem do expor*, com os discursos *teórico* e *interativo*. Por outro lado, a relação estabelecida de *disjunção* entre os enunciados se dá na *ordem do narrar*, com os discursos *relato interativo* e *narração*, que apresentam o conteúdo temático distante do real/ordinário, não fazendo coincidir o tempo com a situação de produção, porque se trata de ação criada, ficcional.

De modo análogo, a relação entre os agentes mobilizados no texto e a situação de produção evidencia a organização atorial, que destaca os tipos psicológicos correspondentes, e ocorre de duas formas: *implícada* e *autônoma*. A primeira, aparece nos *discursos interativos* e nos *relatos interativos*, porque fazem coincidir os agentes mobilizados no texto e na situação de produção; a segunda, diz respeito ao *discurso teórico* e à *narração*, em que os agentes mobilizados no texto não coincidem com os da situação de produção.

Os TD têm importância central para análise do texto, porque incorporam as línguas, as linguagens e os estilos como elementos constitutivos da heterogeneidade textual, sendo, por isso, uma das características dos gêneros, diretamente associada ao

agir linguageiro, conforme pontua Machado (2005, p. 245). Bronckart (2009, p. 157) assim sintetiza os TD:

Quadro 2: Tipos de discurso

		ORGANIZAÇÃO TEMPORAL	
		Coordenadas gerais dos mundos e dos tipos de discurso	
		Ordem do Expor (conjunção)	Ordem do Narrar (disjunção)
		Discurso Interativo	Relato Interativo
ORGANIZAÇÃO ATORIAL	Implicado	Discurso Teórico	Narração
	Autônomo		

1.1.3.1. Semiotização dos discursos em unidades linguísticas

Em cada tipo de discurso ocorre a semiotização (tradução) em um tipo linguístico, formado por um conjunto de unidades linguísticas que o caracterizam. Vejamos como, em cada mundo discursivo, isso aparece caracterizado.

Em relação aos textos que se apresentam implicados, temos as seguintes características linguísticas, conforme Bronckart (2009, p. 166-176):

a) Discurso interativo:

- Pode ser dialogado ou monologado, oral ou escrito;
- Alternância de turnos de fala nas formas dialogadas;
- Presença de unidades que remetem à interação verbal (real ou encenada);
- Presença de frases não declarativas (interrogativas, imperativas e exclamativas);

- Exploração do subsistema de verbos do plano do discurso

(Benveniste): presente, pretérito perfeito e futuro perifrástico; geralmente, com valor dêitico;

- Presença de unidades que remetem: a objetos acessíveis (ostensivos), ao espaço (dêiticos espaciais) e ao tempo (dêiticos temporais);

- Presença de nomes próprios, verbos e pronomes de primeira e segunda pessoa do singular ou do plural, que remetem aos protagonistas da interação verbal (valor exofórico);

- Presença do pronome indefinido *on*, com valor de primeira pessoa do singular ou do plural. Em português: a gente, você;

- Presença de anáforas pronominais;
- Presença de auxiliares de modo (poder, dever, querer, ser preciso, etc.);
- Densidade verbal elevada;
- Densidade sintagmática baixa.

b) Relato interativo

- É monologado em princípio;
- Desenvolve-se em situação de interação;
- Tem caráter disjunto, implicado, do mundo construído;
- Ausência de frases não declarativas;
- Os tempos verbais mais dominantes são: o pretérito perfeito e o imperfeito, podendo associar-se a esses, os tempos pretérito-mais-que-perfeito, futuro simples e futuro do pretérito;
- Presença de organizadores temporais (advérbios, sintagmas preposicionais, coordenativos e subordinativos, etc.);
- A presença de pronomes e adjetivos de primeira e segunda pessoa;
- Presença dominante de anáforas pronominais;
- Densidade verbal semelhante ao discurso interativo.

Quanto aos textos que se apresentam de forma autônoma, disjunta do momento da produção, temos as características linguísticas que seguem, em conformidade com Bronckart (2009, p. 170-179):

c) Discurso teórico

- Apresentação, em princípio, sob a forma monologada e escrita;
- Ausência de frases não declarativas;
- Explora o mesmo subconjunto de verbos presentes no discurso interativo, com nítida dominância do presente e do futuro do pretérito;
- ausência de unidades que remetem aos interactantes ou espaço-tempo da produção, como os ostensivos, os dêiticos espaciais e temporais;
- ausência de nomes próprios e de pronomes e adjetivos de primeira e segunda pessoa do singular com valor exofórico, ou ainda de verbos na primeira e segunda pessoa do singular;

- presença de organizadores com valor lógico-argumentativo (como, de outro lado, de fato, primeiro, mas);
- presenças de numerosas modalizações lógicas e do auxiliar de modo poder (de modo geral, é evidentemente difícil, aparentemente, poderiam, podemos, pode, etc.);
- Presença de procedimentos de referência metatextual, intratextual e intertextual;
- presença de numerosas frases passivas;
- grande frequência de anáforas nominais e pronominais e de referenciação dêitica intratextual;
- densidade verbal fraca;
- densidade sintagmal elevada.

d) Discurso narração

- Apresentado sob a forma escrita e monologada;
- Comporta apenas frases declarativas;
- Tem caráter disjuncto autônomo do mundo discursivo;
- Os tempos verbais mais dominantes são o pretérito perfeito e o imperfeito, podendo ser acrescido o mais-que-perfeito composto, o futuro do pretérito e as formas complexas (aux. do imperfeito+infinitivo);
- Presença de organizadores temporais (advérbios, sintagmas preposicionais, coordenativos e subordinativos, etc.);
- Ausência de pronomes e adjetivos de primeira e segunda pessoa do singular e do plural, que remetem ao agente-produtor ou ao destinatário;
- Anáforas pronominais;
- Anáforas nominais, que retomam sintagma antecedente, com substituição lexical;
- Densidade verbal mediana, em relação aos discursos interativo e teórico;
- Densidade sintagmática mediana.

1.2. Capacidades de linguagem: o propósito da análise de textos

A análise de texto deve levar o ser humano a desenvolver capacidades de linguagem. (Bronckart, 2009). Tais *capacidades de linguagem* relacionam-se com as aptidões requeridas do ser humano para agir socialmente, sob a mediação de um gênero, constituído sócio histórico e culturalmente. Segundo Dolz e Schneuwly (2004), as capacidades constituem-se de três tipos, interligados e indissociáveis para o domínio de um gênero:

a) *capacidade de ação*, que possibilita ao agente-produtor fazer representações do contexto de produção da ação de linguagem, nos parâmetros físico, social e subjetivo;

b) *capacidade discursiva*, que permite ao agente produtor fazer escolhas discursivas, situadas na arquitetura textual, como o plano geral do texto, o tipo de discurso e de sequência, mobilizados para o gênero escolhido;

c) *capacidade linguístico-discursiva*, que possibilita ao agente produtor realizar operações linguísticas, com os mecanismos de textualização, e operações discursivas, com os mecanismos enunciativos.

Tais capacidades diferem em relação aos níveis de análise do texto, porque enquanto estes pertencem ao texto enquanto objeto empírico, de descrição, aquelas pertencem a um estatuto psicológico, de internalização pelo sujeito, dos requisitos fundamentais para a ação de linguagem.

2. O GÊNERO MANIFESTO

A palavra manifesto vem do latim *manifestus*, palavra formada por *manus* (mão) e *festus* (agarrado), que tem o sentido agarrado à mão. O dicionário, por conseguinte, afirma que se trata de algo *evidente*, de uma *coisa manifestada*; uma *declaração pública ou solene das razões que justificam certos atos ou (...) direitos*, podendo ser também um *programa político, religioso, etc.* (Ferreira, 2010).

A origem dos manifestos remota a tempos distantes, embora tenham aparecido no Brasil na primeira metade do século XX², do ponto de vista histórico. Os primeiros textos datam dos séculos XVI e XVII. Surgiram primeiro nos países de língua francesa, como divulgadores de posições políticas; depois, como declarações de guerras e demais atos oficiais de líderes políticos, até o final do século XVIII, para meados do século XIX, quando grupos radicais jacobinos publicaram exigências de mudança social, na segunda fase da Revolução Francesa, como atesta Bortolucce (2015, p.7). A partir desse período, segundo a autora, o manifesto passou a ser visto como um documento revolucionário, cuja consagração se dá em 1848, com a publicação do Manifesto Comunista, que apresentou o gênero “com uma estrutura redacional que apresenta, em primeiro lugar, uma análise do panorama da situação, para em seguida divulgar, de modo programático, as intenções e atos de mudança” (idem, p. 7).

2.1. Modelo didático do manifesto

Considerando que é a escola que deve fornecer elementos para que os alunos possam apreender conhecimentos para aperfeiçoar sua ação em sociedade, e que o “processo de internalização dos conhecimentos ocorre, em um primeiro momento, pela imitação (VIGOTSKI, 2008, p. 99), propomos a modelização do gênero manifesto, como forma de orientar atividades de mediação formativa. Para tanto, subdividimos essa caracterização, tomando como referência as operações de linguagem que são mobilizadas em cada nível de análise para o desenvolvimento de capacidades de linguagem:

² Por volta de 1922, quando os artistas modernistas brasileiros, na Semana de Arte Moderna, propuseram uma nova forma de fazer arte, divulgando uma proposta estética radical, na forma e no conteúdo.

a) *No nível das condições de produção*, a leitura do manifesto mobilizada as seguintes operações de linguagem vinculadas à internalização da *capacidade de ação*:

- 1) Prática social de manifestação pública.
- 2) Gênero escrito.
- 3) Pertence a várias esferas de comunicação: política, cotidiana, religiosa, artístico-literária, linguística³.
- 4) Produzido individual ou coletivamente, por artista(s), estudante(s), político(s), líder(es) religioso(s), linguista(s), etc., que desejam fazer a defesa de uma tese sobre um assunto de interesse de um grupo social.
- 5) Tem a finalidade de chamar a atenção de públicos diversos sobre uma tese manifestada, geralmente de interesse coletivo.
- 6) Divulgado atualmente em jornais, revistas, blogs e redes sociais.
- 7) O conteúdo temático está relacionado à tese defendida na manifestação, que pode vincular-se à apresentação de uma estética nova, um programa político, uma ação social, uma proposta de intervenção religiosa, linguística, dentre outras.

b) *No nível da infraestrutura textual*, a leitura do manifesto mobilizada as seguintes operações de linguagem vinculadas à internalização da *capacidade discursiva*:

- 1) Gênero argumentativo, com predomínio do discurso interativo.
- 2) Apresenta uma argumentação monologada, embora com algumas marcas de quem fala, sobretudo o nós genérico.
- 2) O texto estrutura-se semelhante à dissertação, com tom de convocação e presença de vocativos em alguns textos, com planificação desta forma:
 - I) Título, que serve para demarcar a síntese do texto.
 - II) Introdução, geralmente em um parágrafo, com a apresentação das premissas que fundam a tese.
 - III) Argumentos, que comprovam ou validam a tese.
 - IV) Local e data.
 - V) Assinatura e signatários (que aderem previamente ao manifesto).
- 3) Predomina a sequência argumentativa, embora apresente trechos de outras sequências textuais.

³ Cf.: Bronckart (1996)

4) Texto escrito em prosa, porém quando se trata de manifesto literário, ganha a forma do próprio fazer estético, configurando-se também numa forma semelhante à poesia, com forte presença da nominalização.

c) Nos níveis dos mecanismos de textualização e enunciação, a leitura do manifesto mobiliza as seguintes operações de linguagem vinculadas à internalização da *capacidade linguístico-discursiva*:

1) O tempo verbal de referência é o presente, uma vez que se deseja argumentar algo da ordem do aqui-agora, porém é comum a utilização do pretérito perfeito para comparar uma situação de ação-alvo passada.

2) Embora se trate de texto com predomínio de sequência argumentativa, no caso dos manifestos literários os elementos de coesão são muito raros.

3) A variedade predominante é a padrão.

4) A escolha lexical se confunde com o fazer estético, no caso do corpus da pesquisa, que apresenta textos marcados pelo paralelismo e pela construção nominal, sintagmática, com forte presença de substantivos concretos e poucos verbos de ação.

5) Na pontuação, predomina o uso do ponto continuativo, com quase nenhum elemento de retomada.

6) Texto com tom opinativo e convocatório.

7) Predomínio de vozes de agente produtor/expositor e vozes sociais, com avaliações identificadas pela maior presença de modalizadores lógicos e deônticos.

2.1.1. Modelização do manifesto literário

No manifesto literário esse processo de modelização apresenta algumas especificidades. De um lado, um modelo de gênero é muito identificado com o fazer estético e, por isso, marcado por nominalizações, ironias e poucos conectivos lógico-argumentativos; de outro, uma sequência argumentativa que nem sempre apresenta todas as fases da argumentação.

Quanto à modelização, o quadro a seguir apresenta essa caracterização:

Quadro 3: Modelo Didático do Manifesto Literário

Modelo Didático do Manifesto Literário		
Capacidades de Linguagem	Questionamentos norteadores	Operações de linguagem mobilizadas
Capacidades de ação	<ul style="list-style-type: none"> • A qual prática social o gênero está vinculado? • É um gênero oral ou escrito? • A qual esfera de comunicação pertence (jornalística, religiosa, publicitária, etc.)? • Quem produz esse gênero (emissor)? Para quem se dirige (destinatário)? • Qual o papel discursivo do emissor e do destinatário? • Com que finalidade/objetivo produz o texto? • Sobre o quê (tema) os textos desse gênero tratam? • Qual o meio de circulação (onde o gênero circula)? 	<ul style="list-style-type: none"> • Prática social de manifestação pública. • Gênero escrito. • Pertence a esfera artístico-literária. • Esse gênero pode ser produzido individual ou coletivamente, por artista(s) que desejam fazer a defesa de uma tese sobre uma mudança de agir artístico. • A relação entre textualizador/expositor e destinatário é de ordem formal e marcada hierarquicamente por níveis de poder: o enunciador representa a voz soberana. Por isso, está sempre em uma posição mais elevada, cabendo ao destinatário apenas a adesão ou não ao que está manifestado. • O conteúdo temático está relacionado à tese defendida na manifestação, vinculada à apresentação de uma estética nova. • Digitado, é divulgado em jornais, revistas, blogs e redes sociais.
Capacidades discursivas	<ul style="list-style-type: none"> • Qual o tipo de discurso? Do expor? Do narrar? • Como é esse expor? Interativo? Teórico? Misto? • Como é a estrutura geral do texto? Qual a sua cara? Como ele se configura? É dividido em partes? Tem título/subtítulo? É assinado? Qual sua extensão aproximada? • Como são organizados os conteúdos no texto? Em forma de lista? Versos? Prosa? • Qual o tipo de sequência predominante? Sequência narrativa? Descritiva? Explicativa? Argumentativa? Dialogal? Injuntiva? • Quais as estratégias mais usadas? 	<ul style="list-style-type: none"> • Predomínio do discurso interativo, pertencente ao mundo do expor, embora apresente segmentos de outros tipos de discurso; • Apresenta uma argumentação monologada, com marcas de quem fala, sobretudo o “eu” e o “nós” genérico. • Texto de extensão variável, com estrutura semelhante à dissertação, e planificação formada por: título, tese, argumentos e contra-argumentos, local, data e assinatura. • Predomina a sequência argumentativa. • O texto é escrito em prosa, mas com forte nominalização, assemelhando-se à poesia. • O expositor utiliza diversas estratégias, que se configuram em um jogo discursivo voltado para a oposição em relação à estética anterior, para fazer referência à estética moderna e sua forma artística, através de um discurso de forte implicação, com presença de ironias e tom contestatório.
	<ul style="list-style-type: none"> • Como é feita a coesão verbal? Quais os tempos verbais usados? E os tipos de verbo: ação? Estado? • Quais os tipos de conectivo usados: lógico (mas, portanto, assim, dessa forma, etc.)? Temporal (era uma vez, um dia, depois, amanhã, etc.)? Espacial (lá, aqui, no bosque, etc.)? 	<ul style="list-style-type: none"> • O tempo verbal de referência é o presente, uma vez que se deseja argumentar algo da ordem do aqui-agora, porém é comum a utilização do pretérito perfeito para comparar uma situação de ação-alvo passada. • Poucos conectivos. • A variedade predominante é a

Capacidades linguístico-discursivas	<ul style="list-style-type: none"> • Qual a variedade linguística privilegiada? Mais formal? Mais informal? Coloquial? Estereotipada? Respeita a norma culta da língua? Usa gírias? Como se verifica isso no texto? Pelo vocabulário empregado? Pela sintaxe? • Como se dá a escolha lexical? Há mais substantivos concretos? Abstratos? Há muitos verbos de ação? De estado? • Como são mobilizados os sinais de pontuação no texto? Quais os mais usados? E com qual finalidade? • Qual o tom? • Que vozes são frequentes no texto? Do autor? Sociais? De personagens? • De que instâncias advêm essas vozes? Do poder público? Do senso comum? De autoridades científicas? • Quais processos de modalização discursiva são mais frequentes? Modalizações lógicas? Deônticas? Apreciativas? Pragmáticas? • Há a mobilização de elementos supratextuais como os títulos? Como eles agem na construção dos sentidos do texto? 	<p>padrão.</p> <ul style="list-style-type: none"> • A escolha lexical se confunde com o fazer estético, no caso do corpus da pesquisa, que apresenta textos marcados pelo paralelismo e pela construção nominal, sintagmática, com forte presença de substantivos concretos e poucos verbos de ação. • Na pontuação, predomina o uso do ponto continuativo, com quase nenhum elemento de retomada. • Texto com tom opinativo e convocatório. • Predominam vozes de expositor, vozes sociais e de personagens. • Modalizações lógicas, deônticas e pragmáticas, advindas de instâncias de autoridades literárias. • Os títulos servem para demarcar a síntese da tese do texto.
-------------------------------------	---	--

Fonte: questões geradoras extraídas de Barros (2012, p. 161-162).

No que se refere à sequência textual, o manifesto literário é um texto predominantemente argumentativo, de modo que também apresenta o pressuposto da argumentação: a negociação, estabelecida entre interlocutores que se inserem no debate de uma tese, no contexto daquilo que Adam (apud Bronckart, 2009, p. 225) chama de lógica natural, subdivida em fases:

1) *fase de premissas*, em que se apresentam dados de constatação inicial, destacando a tese a ser trilhada;

2) *fase de argumentos*, em que se apresentam os elementos que constatarem/comprovam a premissa ou a tese;

3) *fase de contra-argumentos*, em que se destacam posicionamentos restritivos às premissas;

4) *fase de conclusão*, que estabelece uma síntese argumentativa, podendo ser uma nova tese.

Tais fases podem não vir completas, conforme podemos reconhecer no *Manifesto Antropófago*. A planificação do texto é marcada pela predominância da sequência argumentativa, que articula o universo semântico da antropofagia no quadro a seguir:

Quadro 4: Sequência argumentativa no Manifesto Antropófago.

Planificação da sequência argumentativa do Manifesto Antropófago	
Fase de premissa/tese	<i>Só a Antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente.</i>
Fase de argumento	<i>Tupi, or not tupi that is the question.</i>
Fase de contra-argumento	<i>Contra todas as catequese. E contra a mãe dos Gracos.</i>
Fase de contra-argumento	<i>Contra todos os importadores de consciência enlatada (...)</i>
Fase de argumento	<i>Queremos a Revolução Caraíba. Maior que a Revolução Francesa (...)</i>
Fase de contra-argumento	<i>Contra o mundo reversível e as ideias objetivadas. Cadaverizadas. O stop do pensamento que é dinâmico. O indivíduo vítima do sistema. Fonte das injustiças clássicas. Das injustiças românticas. E o esquecimento das conquistas interiores.</i>
Fase de argumento	<i>A nossa independência ainda não foi proclamada. Frase típica de D. João VI: – Meu filho, põe essa coroa na tua cabeça, antes que algum aventureiro o faça! Expulsamos a dinastia. É preciso expulsar o espírito bragantino, as ordenações e o rapé de Maria da Fonte.</i>
Fase de contra-argumento	<i>Contra a realidade social, vestida e opressora, cadastrada por Freud – a realidade sem complexos, sem loucura, sem prostituições e sem penitenciárias do matriarcado de Pindorama.</i>

Fonte: quadro organizado pelo autor.

3. CAMINHOS METODOLÓGICOS: MÉTODO E MATERIAIS

A presente pesquisa foi dedicada à exploração do processo ensino aprendizagem em língua portuguesa. Na sua implementação, adotamos o modelo didático do gênero manifesto para realização de intervenção no ensino fundamental de segundo segmento, à luz da transposição didática, com a finalidade de aperfeiçoar as metodologias à disposição de professores de língua materna em nosso país, de maneira que possamos minimizar o problema da baixa proficiência leitora de estudantes da escola pública brasileira. Para consecução desse intento, seguiremos os seguintes passos: primeiro, refletiremos sobre a natureza e o tipo de pesquisa; depois, apontaremos o campo da pesquisa e os sujeitos envolvidos; em seguida, debruçar-nos-emos sobre a análise do corpus; por último, apresentamos a SDL, que gerou como fruto um PDG apresentado no apêndice.

3.1. Natureza e tipo de pesquisa

Compreendida como pesquisa-ação, orientada por Thiollent (2012, p.14), traduziu-se em uma abordagem empírica, de base social, “concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou tom de resolução de um problema coletivo e na qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estiveram envolvidos de modo cooperativo ou participativo”. Isso significa que o pesquisador tomou como objeto sua própria sala de aula.

Essa abordagem se enquadra, também, numa pesquisa de natureza qualitativa, como assegura Godoy (1995), ao passo que dá um tratamento crítico aos dados coletados, de modo a envolver: a) utilização do ambiente natural como fonte direta de coleta de dados, tendo o pesquisador como instrumento fundamental; b) um caráter descritivo; e c) uma preocupação com o significado dado às coisas pelas pessoas, dentre outros.

3.2. Campo de pesquisa e sujeitos envolvidos

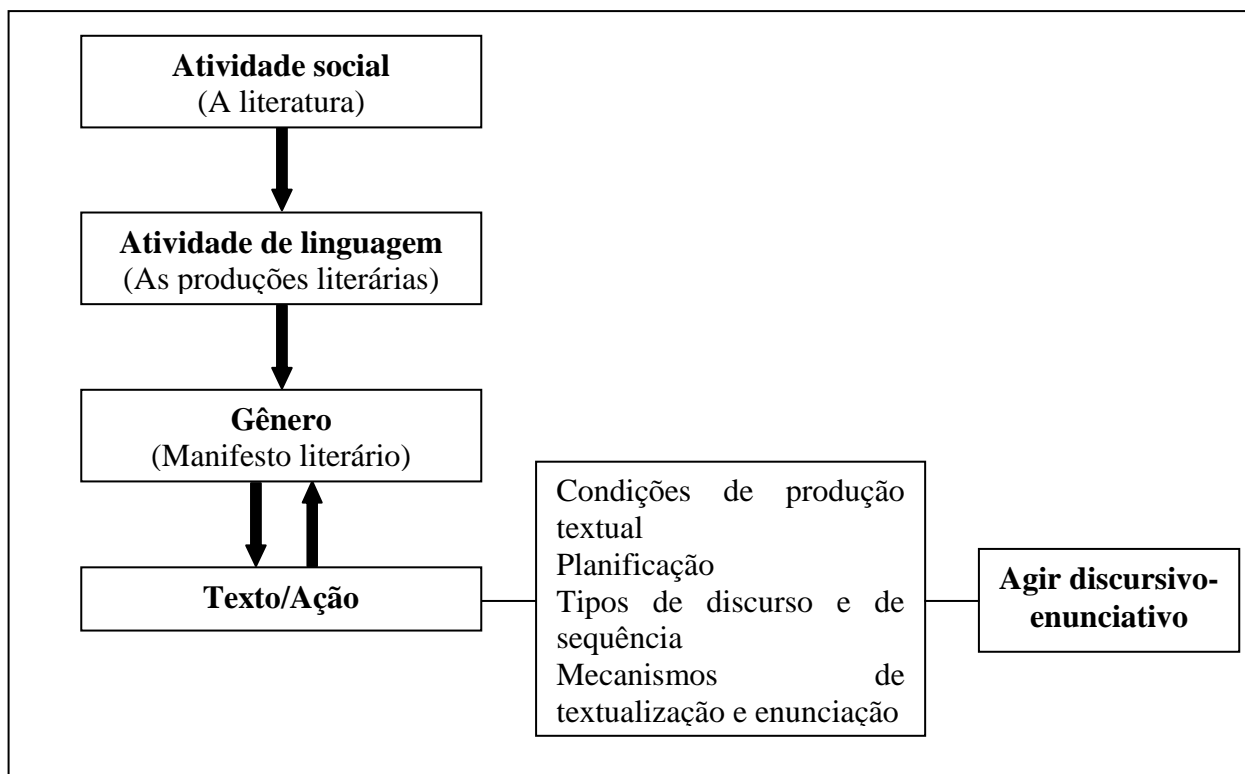
A unidade de ensino onde foi realizada a pesquisa-ação é equipada com oito salas de aulas, uma sala de professores, uma sala da direção (incluindo secretaria e coordenação pedagógica), um pátio/refeitório coberto, uma quadra poliesportiva aberta ao ar livre, um banheiro para os alunos e outro para os professores. Ademais, conta com sala que funciona como almoxarifado e tem cozinha, mas não dispõe de espaço adequado para a leitura (biblioteca) e inclusão digital (sala de informática). Também não se constata no pátio da escola um local específico para fazer circular trabalhos desenvolvidos pelos estudantes. Trata-se, portanto, de um espaço físico em boas condições para a realização do trabalho docente, considerada a realização de precarização física de outras unidades de ensino da mesma rede, sobretudo àquelas situadas no meio rural.

Os sujeitos envolvidos foram discentes do 9º ano da turma A do ensino fundamental. Eles fazem parte da Escola Municipal Professora Maria José dos Santos Lima, antiga Escola Médici, uma unidade da rede pública de ensino do município baiano de Paripiranga. Trata-se de uma escola urbana que atende, nos turnos matutino e vespertino, aproximadamente 400 alunos de baixa renda, da cidade e, majoritariamente, do meio rural.

3.3. Análise do corpus: o agir discursivo-enunciativo nos manifestos literários

A análise do *corpus* é prerrogativa fundamental na descrição de um gênero, de acordo com Bronckart (2009), pois é através dela que se observa, em textos do mesmo gênero, como as representações contidas na arquitetura *textual* projetam o agir discursivo-enunciativo. Para isso, faremos uma interpretação descendente dos textos *Manifesto da Poesia Pau-Brasil (1924)* e *Manifesto Antropófago*, escritos pelo poeta moderno Oswald de Andrade e *Manifesto da Antropofagia Periférica (2007)*, escrito pelo poeta contemporâneo Sérgio Vaz. Essa análise segue uma perspectiva descendente, conforme esquema desenvolvido a seguir:

Quadro 5: Esquema da interpretação descendente dos textos



Fonte: quadro adaptado de Peixoto (2011, p. 112).

Nossa análise parte do princípio de que o texto, organizado em forma de gênero, apresenta uma infraestrutura basilar que é uma síntese entre a forma e o conteúdo, emergidos de uma situação de ação de linguagem que precisa vincular-se à transformação de um fazer social.

3.1. Manifesto da Poesia Pau-Brasil

Manifesto da Poesia Pau-Brasil

A poesia existe nos fatos. Os casebres de açafrão e de ocre nos verdes da Favela, sob o azul cabralino, são fatos estéticos.

O Carnaval no Rio é o acontecimento religioso da raça. Pau-Brasil. Wagner submerge ante os cordões de Botafogo. Bárbaro e nosso. A formação étnica rica. Riqueza vegetal. O minério. A cozinha. O vatapá, o ouro e a dança.

Toda a história bandeirante e a história comercial do Brasil. O lado doutor, o lado citações, o lado autores conhecidos. Comovente. Rui Barbosa: uma cartola na

Senegâmbia. Tudo revertendo em riqueza. A riqueza dos bailes e das frases feitas. Negras de jockey. Odaliscas no Catumbi. Falar difícil.

O lado doutor. Fatalidade do primeiro branco aportado e dominando politicamente as selvas selvagens. O bacharel. Não podemos deixar de ser doutos. Doutores. País de dores anônimas, de doutores anônimos. O Império foi assim. Eruditamos tudo. Esquecemos o gavião de penacho.

A nunca exportação de poesia. A poesia anda oculta nos cipós maliciosos da sabedoria. Nas lianas da saudade universitária.

Mas houve um estouro nos aprendimentos. Os homens que sabiam tudo se deformaram como borrachas sopradas. Rebentaram.

A volta à especialização. Filósofos fazendo filosofia, críticos, crítica, donas de casa tratando de cozinha. A Poesia para os poetas. Alegria dos que não sabem e descobrem.

Tinha havido a inversão de tudo, a invasão de tudo: o teatro de base e a luta no palco entre morais e imorais. A tese deve ser decidida em guerra de sociólogos, de homens de lei, gordos e dourados como Corpus Juris.

Ágil o teatro, filho do saltimbanco. Ágil e ilógico. Ágil o romance, nascido da invenção. Ágil a poesia. A poesia Pau-Brasil, ágil e cândida. Como uma criança.

Uma sugestão de Blaise Cendrars: - Tendes as locomotivas cheias, ides partir. Um negro gira a manivela do desvio rotativo em que estais. O menor descuido vos fará partir na direção oposta ao vosso destino.

Contra o gabinetismo, a prática culta da vida. Engenheiros em vez de jurisconsultos, perdidos como chineses na genealogia das ideias.

A língua sem arcaísmos, sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos.

Não há luta na terra de vocações acadêmicas. Há só fardas. Os futuristas e os outros.

Uma única luta - a luta pelo caminho. Dividamos: poesia de importação. E a Poesia Pau-Brasil, de exportação. Houve um fenômeno de democratização estética nas cinco partes sábias do mundo. Instituíra-se o naturalismo.

Copiar. Quadro de carneiros que não fosse lã mesmo, não prestava. A interpretação no dicionário oral das Escolas de Belas Artes queria dizer reproduzir igualzinho... Veio a pirogravura. As meninas de todos os lares ficaram artistas. Apareceu a máquina fotográfica. E com todas as prerrogativas do cabelo grande, da caspa e da misteriosa

genialidade de olho virado - o artista fotográfico.

Na música, o piano invadiu as saletas nuas, de folhinha na parede. Todas as meninas ficaram pianistas. Surgiu o piano de manivela, o piano de patas. A pleyela. E a ironia eslava compôs para a pleyela. Straviski.

A estatuária andou atrás. As procissões saíram novinhas das fábricas.

Só não se inventou uma máquina de fazer versos - a havia o poeta parnasiano.

Ora, a revolução indicou apenas que a arte voltava para as elites. E as elites começaram desmanchando. Duas fases: 1a) a deformação através do impressionismo, a fragmentação, o caos voluntário. De Cézanne e Malarmé, Rodin e Debussy até agora. 2a) o lirismo, a apresentação no templo, os materiais, a inocência construtiva.

O Brasil profiteur. O Brasil doutor. E a coincidência da primeira construção brasileira no movimento de reconstrução geral. Poesia Pau-Brasil.

Como a época é miraculosa, as leis nasceram do próprio rotamento dinâmico dos fatores destrutivos. A síntese. O equilíbrio. O acabamento de carrosserie. A invenção. A surpresa. Uma nova perspectiva. Uma nova escala. Qualquer esforço natural nesse sentido será bom. Poesia Pau-Brasil.

O trabalho contra o detalhe naturalista - pela síntese; contra a morbidez romântica - pelo equilíbrio geométrico e pelo acabamento técnico; contra a cópia, pela invenção e pela surpresa.

Uma nova perspectiva.

A nova, a de Paolo Ucello criou o naturalismo de apogeu. Era uma ilusão de ótica. Os objetos distantes não diminuía. Era uma lei de aparência. Ora, o momento é de reação à aparência. Reação à cópia. Substituir a perspectiva visual e naturalista por uma perspectiva de outra ordem: sentimental, intelectual, irônica, ingênua.

Uma nova escala:

A outra, a de um mundo proporcionado e catalogado com letras nos livros, crianças nos colos. O reclame produzindo letras maiores que torres. E as novas formas da indústria, da viação, da aviação. Postes. Gasômetros Rails. Laboratórios e oficinas técnicas. Vozes e tics de fios e ondas e fulgurações. Estrelas familiarizadas com negativos fotográficos. O correspondente da surpresa física em arte.

A reação contra o assunto invasor, diverso da finalidade. A peça de tese era um arranjo monstruoso. O romance de ideias, uma mistura. O quadro histórico, uma aberração. A escultura eloquente, um pavor sem sentido.

Nossa época anuncia a volta ao sentido puro.

Um quadro são linhas e cores. A estatuária são volumes sob a luz.

A Poesia Pau-Brasil é uma sala de jantar das gaiolas, um sujeito magro compondo uma valsa para flauta e a Maricota lendo o jornal. No jornal anda todo o presente.

Nenhuma fórmula para a contemporânea expressão do mundo. Ver com olhos livres.

Temos a base dupla e presente - a floresta e a escola. A raça crédula e dualista e a geometria, a álgebra e a química logo depois da mamadeira e do chá de erva-doce.

Um misto de "dorme nenê que o bicho vem pegá" e de equações.

Uma visão que bata nos cilindros dos moinhos, nas turbinas elétricas, nas usinas produtoras, nas questões cambiais, sem perder de vista o Museu Nacional. Pau-Brasil.

Obuses de elevadores, cubos de arranha-céus e a sábia preguiça solar. A reza. O Carnaval. A energia íntima. O sabiá. A hospitalidade um pouco sensual, amorosa. A saudade dos pajés e os campos de aviação militar. Pau-Brasil.

O trabalho da geração futurista foi ciclópico. Acertar o relógio império da literatura nacional. Realizada essa etapa, o problema é outro. Ser regional e puro em sua época.

O estado de inocência substituindo o estado de graça que pode ser uma atitude do espírito. O contrapeso da originalidade nativa para inutilizar a adesão acadêmica.

A reação contra todas as indigestões de sabedoria. O melhor de nossa tradição lírica. O melhor de nossa demonstração moderna.

Apenas brasileiros de nossa época. O necessário de química, de mecânica, de economia e de balística. Tudo digerido. Sem meeting cultural. Práticos. Experimentais. Poetas. Sem reminiscências livrescas. Sem comparações de apoio. Sem pesquisa etimológica. Sem ontologia.

Bárbaros, crédulos, pitorescos e meigos. Leitores de jornais. Pau-Brasil. A floresta e a escola. O Museu Nacional. A cozinha, o minério e a dança. A vegetação. Pau-Brasil.

São Paulo, 18 de março de 1924.

Oswald de Andrade.

ANDRADE, Oswald de. Manifesto Pau-Brasil. São Paulo: **Jornal Correio da Manhã**, 18 de março de 1924. Disponível em: <http://static.recantodasletras.com.br/arquivos/3629805.pdf>. Acesso em 12/03/2017.

3.1.1. Contexto de produção

Texto pertencente ao âmbito da atividade literária. Elaborado por Oswald de Andrade (1890-1954) em 18 de março de 1924, com o objetivo de defender ideias estéticas modernistas, identificadas por uma poesia primitivista que tomou a árvore Pau-Brasil como símbolo nacional e, sob influência de vanguardas artísticas europeias, opôs-se ao parnasianismo, concepção estética anterior. O público-alvo desse texto foi inicialmente a burguesia brasileira, representada naquela oportunidade pela elite paulistana, leitora do *Jornal do Comércio*, periódico dirigido pelo autor, que era de origem rica, mas assumiu a liderança do modernismo, com destacada contribuição em favor de uma arte que falasse a língua da população brasileira, valorizando os saberes e fazeres nacionais. Por isso, de forte contestação à perspectiva estética parnasiana, que era notadamente elitista. A seguir sintetizamos os aspectos mencionados:

Quadro 6 – Contexto de Produção do *Manifesto da Poesia Pau-Brasil*

Autor	Oswald de Andrade
Público-alvo	Burguesia brasileira, classe alta, que valoriza uma arte elitista.
Data de produção	18 de março de 1924
Local de produção	São Paulo
Lugar social	Sociedade Paulista
Objetivo	a) divulgar as ideias modernistas, identificadas na Poesia Pau-Brasil como representativas da identidade nacional. b) combater a arte elitista c) contestar a poesia parnasiana
Posição social do escritor	Burguesia brasileira
Posição social do receptor	Burguesia brasileira

Fonte: quadro organizado pelo autor.

É importante destacar, ainda, que a origem rica do escritor o permite tornar-se pioneiro no contato com as vanguardas artísticas europeias, na França de 1912 a 1917. Ao chegar ao Brasil, defende a pintura de Anita Malfatti das críticas do escritor Monteiro Lobato, que valorizava uma arte pura, em detrimento da perspectiva moderna.

Oswald foi um ativista do modernismo, tendo participado ativamente da Semana de Arte Moderna de 1922, realizada no Teatro Municipal, na cidade de São Paulo.

3.1.2. Arquitetura textual

A apresentação da estruturação do conteúdo temático do manifesto destaca um plano de texto composto de título, corpo do texto, local, data e assinatura, conforme organizado abaixo:

Quadro 7 – Plano de texto do *Manifesto da Poesia Pau-Brasil*

1) Título, que representa uma síntese do texto	Manifesto da Poesia Pau-Brasil
2) Corpo do texto	A poesia existe nos fatos.
	Os casebres de açafrão e de ocre nos verdes da favela (...) são fatos estéticos.
	Contra o gabinetismo, a prática culta da vida, a erudição, a importação (...) parnasiana
	Uma poesia ágil (...) sem arcaísmos, sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos. (...) Poesia de exportação.
3) Local, data e assinatura	São Paulo, 18 de março de 1924. Oswald de Andrade.

Fonte: quadro organizado pelo autor.

A articulação do universo semântico do texto aponta para uma planificação marcada pela predominância da sequência argumentativa, como se pode constatar nos trechos indicativos das fases abaixo:

T1: *A poesia existe nos fatos.* (Tese)

T2: *A língua sem arcaísmos, sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos.* (Argumento)

T3: *Contra o gabinetismo, a prática culta da vida. Engenheiros em vez de jurisconsultos, perdidos como chineses na genealogia das ideias.* (Contra-argumento)

T4: *Tudo digerido. Sem meeting cultural. Práticos. Experimentais. Poetas. Sem reminiscências livrescas. Sem comparações de apoio. Sem pesquisa etimológica. Sem ontologia.*

Bárbaros, crédulos, pitorescos e meigos. Leitores de jornais. Pau-Brasil. A floresta e a escola. O Museu Nacional. A cozinha, o minério e a dança. A vegetação. Pau-Brasil. (Conclusão)

Cabe destacar, para além disso, que outras sequências aparecem no texto. É o caso da presença do discurso direto, marcador de narração discursiva no trecho a seguir:

T5: *Uma sugestão de Blaise Cendrars: - Tendes as locomotivas cheias, ides partir. Um negro gira a manivela do desvio rotativo em que estais. O menor descuido vos fará partir na direção oposta ao vosso destino.*

A sequência injuntiva também é mobilizada pela presença da forma verbal *dividamos*, no imperativo afirmativo, sugerindo o que deve ser feito:

T6: *Dividamos: poesia de importação. E a Poesia Pau-Brasil, de exportação.*

Tais sequências colaboram para a construção discursiva do texto, favorecendo à adoção de estratégias argumentativas para o convencimento do interlocutor/destinatário, a exemplo de:

1) Argumenta em favor de uma poesia do cotidiano, que usa a língua de modo que seja acessível a todos, portanto, popular, além de representante da agilidade própria da escrita automática, futurista e surreal.

2) A poesia produzida até o modernismo era representativa da cópia, do gabinetismo, dos arcaísmos e da erudição, fugindo de uma concepção de identidade nacional.

3) Poesia de ruptura com a arte pela arte, representada pelo parnasianismo.

4) Jogo entre passado (parnasiano) e presente (moderno).

O discurso mobilizado é o do aqui-agora, como em:

Ex.: *Dividamos: poesia de importação. E a Poesia Pau-Brasil, de exportação.*

No trecho acima, percebe-se a construção verbal predominante no texto, marcada pelo tempo presente e pela desinência verbal *mos*, que indicam conjunção temporal e implicação discursiva do expositor.

Do ponto de vista da coesão nominal, temos um texto fragmentado, carregado de pontos continuativos e quase a ausência de elementos de retomada, conforme abaixo:

Ex.: *O Carnaval. A energia íntima. O sabiá. A hospitalidade um pouco sensual, amorosa. A saudade dos pajés e os campos de aviação militar. Pau-Brasil.*

Essa construção é influenciada pelas vanguardas artísticas europeias, que fazem o texto se distanciar de outros textos argumentativos como o artigo de opinião, a dissertação e a carta aberta, carregados de elementos anafóricos e conexões diversas.

Enunciativamente o *Manifesto da Poesia Pau-Brasil* é um texto de tom opinativo e convocatório que apresenta vozes e modalizações diversas. Do ponto de vista das vozes, predominam as de expositor e neutra:

T1: (...) *A contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos (...), marca a voz de expositor, designada pela forma desinencial *mos* dos verbos *falamos* e *somos*.*

T2: “(...) *A estatuária andou atrás. As procissões saíram novinhas das fábricas. Só não se inventou uma máquina de fazer versos - a havia o poeta parnasiano. Ora, a revolução indicou apenas que a arte voltava para as elites (...),* há voz neutra, marcada pelo verbo na terceira pessoa.

Há também vozes sociais:

T3: (...) *Só não se inventou uma máquina de fazer versos - a havia o poeta parnasiano.*(...) há a menção a voz social daquele que fazia versos na época parnasiana.

As avaliações são formas de julgamentos mobilizados no texto. No manifesto em análise, predominam modalizadores deônticos e pragmáticos, conforme exemplificado adiante:

T4: *Dividamos: poesia de importação. E a Poesia Pau-Brasil, de exportação.*

No trecho acima, o emprego da forma verbal imperativa *duidamos*, representa uma prescrição utilizada pelo actante para evidenciar a oposição discursiva entre a poesia de importação (parnasiana) e a de exportação (Pau-Brasil).

T5: *Temos a base dupla e presente - a floresta e a escola. A raça crédula e dualista e a geometria, a álgebra e a química logo depois da mamadeira e do chá de erva-doce. Um misto de "dorme nenê que o bicho vem pegá" e de equações.*

Uma visão que bata nos cilindros dos moinhos, nas turbinas elétricas, nas usinas produtoras, nas questões cambiais, sem perder de vista o Museu Nacional. Pau-Brasil.

As formas verbais “temos” e “bata” dizem respeito a um expositor (nós) que propõe à ação de projetar a visão de bater sobre as realizações modernas (turbinas elétricas, usinas, etc.), em sintonia com a nossa identidade Pau-Brasil, representando uma intenção do actante, o que é representativo da modalização pragmática.

Outras modalizações também são mobilizadas:

T6: (...) A nunca exportação de poesia. A poesia anda oculta nos cipós maliciosos da sabedoria. Nas lianas da saudade universitária.

Mas houve um estouro nos aprendimentos (...).

Há acima a avaliação de aspectos do conteúdo temático, através do emprego do advérbio de tempo “nunca”, representativo de um julgamento subjetivo do actante em relação à ausência de exportação da poesia brasileira.

3.2. Manifesto Antropófago

Manifesto Antropófago

Só a Antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente.

Única lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os coletivismos. De todas as religiões. De todos os tratados de paz.

Tupi, or not tupi that is the question.

Contra todas as catequeses. E contra a mãe dos Gracos.

Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago.

Estamos fatigados de todos os maridos católicos suspeitosos postos em drama. Freud acabou com o enigma mulher e com outros sustos da psicologia impressa.

O que atropelava a verdade era a roupa, o impermeável entre o mundo interior e o mundo exterior. A reação contra o homem vestido. O cinema americano informará.

Filhos do sol, mãe dos viventes. Encontrados e amados ferozmente, com toda a hipocrisia da saudade, pelos imigrados, pelos traficados e pelos turistas. No país da cobra grande.

Foi porque nunca tivemos gramáticas, nem coleções de velhos vegetais. E nunca soubemos

o que era urbano, suburbano, fronteiro e continental. Preguiçosos no mapa-múndi do Brasil.

Uma consciência participante, uma rítmica religiosa.

Contra todos os importadores de consciência enlatada. A existência palpável da vida. E a mentalidade pré-lógica para o Sr. Lévy-Bruhl estudar.

Queremos a Revolução Caraíba. Maior que a Revolução Francesa. A unificação de todas as revoltas eficazes na direção do homem. Sem nós a Europa não teria sequer a sua pobre declaração dos direitos do homem.

A idade de ouro anunciada pela América. A idade de ouro. E todas as girls.

Filiação. O contato com o Brasil Caraíba. Ori Villegaignon print terre. Montaigne. O homem natural. Rousseau. Da Revolução Francesa ao Romantismo, à Revolução Bolchevista, à Revolução Surrealista e ao bárbaro tecnizado de Keyserling. Caminhamos.

Nunca fomos catequizados. Vivemos através de um direito sonâmbulo. Fizemos Cristo nascer na Bahia. Ou em Belém do Pará.

Mas nunca admitimos o nascimento da lógica entre nós.

Contra o Padre Vieira. Autor do nosso primeiro empréstimo, para ganhar comissão. O rei-analfabeto dissera-lhe: ponha isso no papel mas sem muita lábia. Fez-se o empréstimo.

Gravou-se o açúcar brasileiro. Vieira deixou o dinheiro em Portugal e nos trouxe a lábia.

O espírito recusa-se a conceber o espírito sem o corpo. O antropomorfismo. Necessidade da vacina antropofágica. Para o equilíbrio contra as religiões de meridiano. E as inquisições exteriores.

Só podemos atender ao mundo oreular.

Tínhamos a justiça codificação da vingança. A ciência codificação da Magia. Antropofagia.

A transformação permanente do Tabu em totem.

Contra o mundo reversível e as ideias objetivadas. Cadaverizadas. O stop do pensamento que é dinâmico. O indivíduo vítima do sistema. Fonte das injustiças clássicas. Das injustiças românticas. E o esquecimento das conquistas interiores.

Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros.

O instinto Caraíba.

Morte e vida das hipóteses. Da equação eu parte do Cosmos ao axioma Cosmos parte do eu. Subsistência. Conhecimento. Antropofagia.

Contra as elites vegetais. Em comunicação com o solo.

Nunca fomos catequizados. Fizemos foi Carnaval. O índio vestido de senador do Império.

Fingindo de Pitt. Ou figurando nas óperas de Alencar cheio de bons sentimentos portugueses.

Já tínhamos o comunismo. Já tínhamos a língua surrealista. A idade de ouro.

Catiti Catiti

Imara Notiá

Notiá Imara

Ipeju*

A magia e a vida. Tínhamos a relação e a distribuição dos bens físicos, dos bens morais, dos bens dignários. E sabíamos transpor o mistério e a morte com o auxílio de algumas formas gramaticais.

Perguntei a um homem o que era o Direito. Ele me respondeu que era a garantia do exercício da possibilidade. Esse homem chamava-se Galli Mathias. Comi-o.

Só não há determinismo onde há mistério. Mas que temos nós com isso?

Contra as histórias do homem que começam no Cabo Finisterra. O mundo não datado. Não rubricado. Sem Napoleão. Sem César.

A fixação do progresso por meio de catálogos e aparelhos de televisão. Só a maquinaria. E os transfusores de sangue.

Contra as sublimações antagônicas. Trazidas nas caravelas.

Contra a verdade dos povos missionários, definida pela sagacidade de um antropófago, o Visconde de Cairu: – É mentira muitas vezes repetida.

Mas não foram cruzados que vieram. Foram fugitivos de uma civilização que estamos comendo, porque somos fortes e vingativos como o Jabuti.

Se Deus é a consciência do Universo Incriado, Guaraci é a mãe dos viventes. Jaci é a mãe dos vegetais.

Não tivemos especulação. Mas tínhamos adivinhação. Tínhamos Política que é a ciência da distribuição. E um sistema social-planetário.

As migrações. A fuga dos estados tediosos. Contra as escleroses urbanas. Contra os Conservatórios e o tédio especulativo.

De William James e Voronoff. A transfiguração do Tabu em totem. Antropofagia.

O pater famílias e a criação da Moral da Cegonha: Ignorância real das coisas+ fala de imaginação + sentimento de autoridade ante a prole curiosa.

É preciso partir de um profundo ateísmo para se chegar à idéia de Deus. Mas a caraíba não precisava. Porque tinha Guaraci.

O objetivo criado reage com os Anjos da Queda. Depois Moisés divaga. Que temos nós com isso?

Antes dos portugueses descobrirem o Brasil, o Brasil tinha descoberto a felicidade.

Contra o índio de tocheiro. O índio filho de Maria, afilhado de Catarina de Médicis e genro de D. Antônio de Mariz.

A alegria é a prova dos nove.

No matriarcado de Pindorama.

Contra a Memória fonte do costume. A experiência pessoal renovada.

Somos concretistas. As ideias tomam conta, reagem, queimam gente nas praças públicas. Suprimarnos as idéias e as outras paralisias. Pelos roteiros. Acreditar nos sinais, acreditar nos instrumentos e nas estrelas.

Contra Goethe, a mãe dos Gracos, e a Corte de D. João VI.

A alegria é a prova dos nove.

A luta entre o que se chamaria Incriado e a Criatura – ilustrada pela contradição permanente do homem e o seu Tabu. O amor cotidiano e o modus vivendi capitalista. Antropofagia. Absorção do inimigo sacro. Para transformá-lo em totem. A humana aventura. A terrena finalidade. Porém, só as puras elites conseguiram realizar a antropofagia carnal, que traz em si o mais alto sentido da vida e evita todos os males identificados por Freud, males catequistas. O que se dá não é uma sublimação do instinto sexual. É a escala termométrica do instinto antropofágico. De carnal, ele se torna eletivo e cria a amizade. Afetivo, o amor. Especulativo, a ciência. Desvia-se e transfere-se. Chegamos ao aviltamento. A baixa antropofagia aglomerada nos pecados de catecismo – a inveja, a usura, a calúnia, o assassinato. Peste dos chamados povos cultos e cristianizados, é contra ela que estamos agindo. Antropófagos.

Contra Anchieta cantando as onze mil virgens do céu, na terra de Iracema, – o patriarca João Ramalho fundador de São Paulo.

A nossa independência ainda não foi proclamada. Frape típica de D. João VI: – Meu filho, põe essa coroa na tua cabeça, antes que algum aventureiro o faça! Expulsamos a dinastia. É preciso expulsar o espírito bragantino, as ordenações e o rapé de Maria da Fonte.

Contra a realidade social, vestida e opressora, cadastrada por Freud – a realidade sem complexos, sem loucura, sem prostituições e sem penitenciárias do matriarcado de Pindorama.

São Paulo, 1º de maio de 1928.

Oswald de Andrade.

ANDRADE, Oswald de. Manifesto Antropófago. **Revista de Antropofagia**, Ano 1, No. 1, maio de 1928. Disponível em: <http://www.uel.br/projetos/artetextos/textos/antropofagico.htm>. Acesso em 12/03/2017.

3.2.1. Contexto de produção

O *Manifesto Antropófago* tem um contexto de produção muito associado à perspectiva estética que começou a ser defendida pelo *Manifesto da Poesia Pau-Brasil*. Inclusive, tem o mesmo autor. Trata-se de um texto, como o primeiro, que faz parte da atividade literária, escrito em 1º de maio de 1928, época em que o autor tinha já solidificado suas concepções estéticas. Também influenciado pelas vanguardas artísticas europeias, teve como objetivo defender a perspectiva antropofágica como forma de devoração da cultura estrangeira para criação de uma cultura e de uma arte revolucionária, genuinamente brasileira. O público-alvo desse texto foi inicialmente a burguesia brasileira, representada naquela oportunidade pela elite paulistana, leitora da *Revista de Antropofagia*, periódico dirigido por Alcântara Machado e Raul Bopp, na primeira *dentição*; e, na segunda *dentição*, por Geraldo Ferraz. Tal periódico teve uma vida efêmera, de maio de 1928 a agosto de 1929. Abaixo. Uma síntese dos aspectos mencionados:

Quadro 8 – Contexto de Produção do *Manifesto Antropófago*

Autor	Oswald de Andrade
Público-alvo	Burguesia brasileira, classe alta, que valoriza uma arte elitista.
Data de produção	1º de maio de 1928
Local de produção	São Paulo
Lugar social	Sociedade Paulista
Objetivo	a) defender “a Revolução Caraíba”, como representação da “Lei do Antropófago”, uma antropofagia voltada para a devoração da cultura estrangeira a fim de criação de uma cultura e de uma arte revolucionária, genuinamente brasileira. b) combater a arte catequética e os empréstimos

	vernaculares. c) contestar a poesia dos importadores de consciência enlatada.
Posição social do escritor	Burguesia brasileira
Posição social do receptor	Burguesia brasileira

Fonte: quadro organizado pelo autor.

3.2.2. Arquitetura textual

No Manifesto Antropófago, o conteúdo temático é apresentado conforme mesmo plano do texto da Poesia Pau-Brasil, variando apenas quanto ao conteúdo:

Quadro 9 – Plano de texto do *Manifesto Antropófago*

1) Título, que representa uma síntese do texto	Manifesto Antropófago
2) Corpo do texto	Só a Antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente.
	Tupi, or not tupi that is the question.
	Contra todas as catequese. E contra a mãe dos Gracos.
	Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago.
	Contra todos os importadores de consciência enlatada (...)
	Queremos a Revolução Caraíba. Maior que a Revolução Francesa (...)
	Contra o mundo reversível e as ideias objetivadas. Cadaverizadas. O stop do pensamento que é dinâmico. O indivíduo vítima do sistema. Fonte das injustiças clássicas. Das injustiças românticas. E o esquecimento das conquistas interiores.
	A nossa independência ainda não foi proclamada. Frape típica de D. João VI: – Meu filho, põe essa coroa na tua cabeça, antes que algum aventureiro o faça! Expulsamos a dinastia. É preciso expulsar o espírito bragantino, as ordenações e o rapé de Maria da Fonte.

	Contra a realidade social, vestida e opressora, cadastrada por Freud – a realidade sem complexos, sem loucura, sem prostituições e sem penitenciárias do matriarcado de Pindorama.
3) Local, data e assinatura	São Paulo, 1º de maio de 1928. Oswald de Andrade.

Fonte: quadro organizado pelo autor.

A planificação do texto apresenta uma predominância da sequência argumentativa. E encontra-se destacada ao final do capítulo 2. Como pudemos perceber, não há conclusão. Essa fase é suprimida no texto como decorrência da fragmentação, uma influência das vanguardas artísticas europeias como já destacamos.

Outras sequências também são mobilizadas no texto. É o caso da presença do mundo do narrar disjunto em relação ao contexto de produção, marcado pelos pretéritos perfeito e imperfeito que indicam uma sequência narrativa no trecho a seguir:

T1: *Perguntei a um homem o que era o Direito. Ele me respondeu que era a garantia do exercício da possibilidade. Esse homem chamava-se Galli Mathias. Comi-o.*

O mesmo ocorre com o discurso direto, marcado pela fala do rei D. João VI:

T2: *A nossa independência ainda não foi proclamada. Frape típica de D. João VI: – Meu filho, põe essa coroa na tua cabeça, antes que algum aventureiro o faça!*

Alicerçado nessa forma de planificação, a construção discursiva do texto, favorece à construção de estratégias que tornam a argumentação em favor da antropofagia passível de convencimento do interlocutor/destinatário, como em:

O discurso mobilizado também é o do aqui-agora, como em:

Ex.: *Só a Antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente.*

No trecho destacado acima, percebe-se uma construção marcada pelo tempo verbal no presente e pronome *nos*, representativos de uma conjunção temporal à ação de linguagem e uma implicação discursiva do expositor.

O texto mantém a fragmentação coesiva, carregado de pontos continuativos e quase a ausência de elementos de retomada, em uma enumeração de frases nominais, próprias da poesia :

Ex.: (...) *O stop do pensamento que é dinâmico. O indivíduo vítima do sistema. Fonte das injustiças clássicas. Das injustiças românticas. E o esquecimento das conquistas interiores.*

Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros.

O instinto Caraíba. (...)

Enunciativamente o *Manifesto Antropófago* também é um texto de tom opinativo e convocatório que apresenta vozes e modalizações diversas. Do ponto de vista das vozes, predominam as sociais e neutra:

T1: (...) *Contra o Padre Vieira. Autor do nosso primeiro empréstimo, para ganhar comissão. O rei-analfabeto dissera-lhe: ponha isso no papel mas sem muita lábia. Fez-se o empréstimo. Gravou-se o açúcar brasileiro. Vieira deixou o dinheiro em Portugal e nos trouxe a lábia (...).*

Constata-se a referência a voz social do Padre Antonio Vieira (1608 – 1697), que foi um reconhecido intelectual, erudito, qualidade que o tornou conselheiro e diplomata do rei, inclusive, propondo a criação da Companhia Geral do Comércio do Brasil e, com ela, o tributo sobre produtos como o açúcar, conforme aponta Loureiro (2015, p. 12).

T2: (...) *Se Deus é a consciência do Universo Incriado, Guaraci é a mãe dos viventes. Jaci é a mãe dos vegetais. (...),* há voz neutra, marcada pelo verbo na terceira pessoa.

Há também vozes de personagens:

T3: (...) *Contra o Padre Vieira. Autor do nosso primeiro empréstimo, para ganhar comissão. O rei-analfabeto dissera-lhe: ponha isso no papel mas sem muita lábia. Fez-se o empréstimo. Gravou-se o açúcar brasileiro. Vieira deixou o dinheiro em Portugal e nos trouxe a lábia (...).*

No manifesto em análise, predominam modalizadores lógicos, deônticos e apreciativos, que fazem avaliações, julgamentos, do conteúdo temático mobilizado no texto, conforme exemplificado adiante:

T4: (...) *O estado de inocência substituindo o estado de graça que pode ser uma atitude do espírito. O contrapeso da originalidade nativa para inutilizar a adesão acadêmica (...).*

A avaliação do mundo objetivo é atestada pela presença da locução verbal “pode ser”, que tem mesmo valor semântico de “é possível”, indicando a modalização lógica que destaca uma probabilidade de construção identitária, em oposição ao academicismo que dominava o fazer estético do período em que o manifesto tinha surgido.

T5: (...) *Expulsamos a dinastia. É preciso expulsar o espírito bragantino, as ordenações e o rapé de Maria da Fonte* (...).

Neste segmento, o emprego da locução verbal “É preciso”, representa uma prescrição utilizada pelo actante para evidenciar a opinião contrária ao Brasil que ainda carrega valores do tempo de colônia de Portugal, mobilizando assim o modalizador deôntico.

T6: (...) *Nunca fomos catequizados. Vivemos através de um direito sonâmbulo. Fizemos Cristo nascer na Bahia. Ou em Belém do Pará.*

Mas nunca admitimos o nascimento da lógica entre nós (...).

Como se pode constatar, o emprego do advérbio de tempo “nunca”, representa um julgamento do actante em relação à admissão do nascimento da lógica entre nós, brasileiros, o que corrobora para a mobilização do modalizador de apreciação.

3.3. Manifesto da Antropofagia Periférica

Manifesto da Antropofagia Periférica

A Periferia nos une pelo amor, pela dor e pela cor. Dos becos e vielas há de vir a voz que grita contra o silêncio que nos pune. Eis que surge das ladeiras um povo lindo e inteligente galopando contra o passado. A favor de um futuro limpo, para todos os brasileiros.

A favor de um subúrbio que clama por arte e cultura, e universidade para a diversidade. Agogôs e tamborins acompanhados de violinos, só depois da aula.

Contra a arte patrocínada pelos que corrompem a liberdade de opção. Contra a arte fabricada para destruir o senso crítico, a emoção e a sensibilidade que nasce da múltipla escolha.

A Arte que liberta não pode vir da mão que escraviza.

A favor do batuque da cozinha que nasce na cozinha e sinhá não quer. Da poesia periférica que brota na porta do bar.

Do teatro que não vem do “ter ou não ter...”. Do cinema real que transmite ilusão.

Das Artes Plásticas, que, de concreto, querem substituir os barracos de madeira.

Da Dança que desafoga no lago dos cisnes.

Da Música que não embala os adormecidos.

Da Literatura das ruas despertando nas calçadas.

A Periferia unida, no centro de todas as coisas.

Contra o racismo, a intolerância e as injustiças sociais das quais a arte vigente não fala.

Contra o artista surdo-mudo e a letra que não fala.

É preciso sugar da arte um novo tipo de artista: o artista-cidadão. Aquele que na sua arte não revoluciona o mundo, mas também não compactua com a mediocridade que imbeciliza um povo desprovido de oportunidades. Um artista a serviço da comunidade, do país. Que, armado da verdade, por si só exercita a revolução.

Contra a arte domingueira que defeca em nossa sala e nos hipnotiza no colo da poltrona.

Contra a barbárie que é a falta de bibliotecas, cinemas, museus, teatros e espaços para o acesso à produção cultural.

Contra reis e rainhas do castelo globalizado e quadril avantajado.

Contra o capital que ignora o interior a favor do exterior. Miami pra eles? “Me ame pra nós!”.

Contra os carrascos e as vítimas do sistema.

Contra os covardes e eruditos de aquário.

Contra o artista serviçal escravo da vaidade.

Contra os vampiros das verbas públicas e arte privada.

A Arte que liberta não pode vir da mão que escraviza.

Por uma Periferia que nos une pelo amor, pela dor e pela cor.

É TUDO NOSSO!

São Paulo, 18 de setembro de 2007.

Sérgio Vaz

VAZ, Sérgio. Manifesto da Antropofagia Periférica. **Revista Época**, São Paulo, nº 487, 18 de setembro de 2007. Disponível em:

<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG79089-6014-487,00.html>. Acesso em 10/04/2017.

3.3.1. Contexto de produção

Texto pertencente ao âmbito da atividade literária, como os demais analisados. Elaborado por Sérgio Vaz, poeta e agitador cultural contemporâneo, nascido em 1964, coordenador da Cooperativa Cultural da Periferia (Cooperifa). Divulgado em São Paulo, em 18 de setembro de 2007, na Revista Época e em diversos espaços na internet, o *Manifesto da Antropofagia Periférica* objetiva de defender ideias estéticas da arte periférica, identificadas por uma poesia cidadã que avança um estágio a mais no universo da antropofagia, para dar voz aos subúrbios, guetos e periferias, opondo-se às concepções estéticas elitistas, que negam a voz para quem vem da periferia. Esse texto teve como público-alvo os leitores da revista, mas principalmente, a própria periferia, porque o conteúdo de cidadania consiste em uma arte surgida da periferia para ela mesma como forma de suprir a ausência de museus, bibliotecas e afins. Os aspectos mencionados estão resumidos logo abaixo:

Quadro 10 – Contexto de Produção do *Manifesto da Antropofagia Periférica*

Autor	Sérgio Vaz
Público-alvo	Moradores de periferia e leitores da Revista Época
Data de produção	18 de setembro de 2007
Local de produção	São Paulo
Lugar social	Periferias das grandes cidades, particularmente da grande São Paulo.
Objetivo	a) defender ideias estéticas da arte periférica, através de uma união de todos pela dor, pela cor e pelo amor. b) combater a arte patrocinada pelos que corrompem a liberdade de opção c) favorecer uma arte que valoriza o senso crítico, a emoção e a sensibilidade que nasce da múltipla escolha. d) sugar da arte o artista-cidadão.

Posição social do escritor	Classe trabalhadora, poeta da periferia
Posição social do receptor	Classe trabalhadora, residentes da periferia, poetas, artistas e cidadãos comuns.

Fonte: quadro organizado pelo autor.

É importante destacar, ainda, que a leitura desse texto deve ser feita em o diálogo intertextual com o Manifesto Antropófago, já que ele estabelece as bases para uma nova antropofagia, divulgada na *Semana de Arte Moderna da Periferia*, evento coordenado pelo poeta Sérgio Vaz para celebrar a perspectiva estética da arte que surge da própria periferia.

3.2.2. Arquitetura textual

O conteúdo temático é desenvolvido no *Manifesto da Antropofagia Periférica* em acordo com o seguinte plano de texto:

Quadro 11 – Plano de texto do *Manifesto da Antropofagia Periférica*

1) Título, que representa uma síntese do texto	Manifesto da Antropofagia Periférica
2) Corpo do texto	A Periferia nos une pelo amor, pela dor e pela cor.
	A favor de um subúrbio que clama por arte e cultura, e universidade para a diversidade. Agogôs e tamborins acompanhados de violinos, só depois da aula.
	Contra a arte patrocinada pelos que corrompem a liberdade de opção. Contra a arte fabricada para destruir o senso crítico, a emoção e a sensibilidade que nasce da múltipla escolha.
	A arte que liberta não pode vir da mão que escraviza.
	A Periferia unida, no centro de todas as coisas.
	Contra o racismo, a intolerância e as injustiças sociais das quais a arte vigente não fala.
	Contra o artista surdo-mudo e a letra que não fala.
	É preciso sugar da arte um novo tipo de artista: o artista-cidadão. Aquele que na sua arte não revoluciona o mundo, mas também não compactua com a mediocridade que imbeciliza um povo desprovido de oportunidades. Um artista a serviço da comunidade, do país. Que, armado da verdade, por si só exercita a revolução.

	Por uma Periferia que nos une pelo amor, pela dor e pela cor. É TUDO NOSSO!
3) Local, data e assinatura	São Paulo, 18 de setembro de 2007 Sérgio Vaz.

Fonte: quadro organizado pelo autor.

Trata-se de um texto cuja planificação também é marcada pela predominância da sequência argumentativa, assim disposta:

T1: *A Periferia nos une pelo amor, pela dor e pela cor. (Tese)*

T2: *A favor de um futuro limpo, para todos os brasileiros.*

A favor de um subúrbio que clama por arte e cultura, e universidade para a diversidade. Agogôs e tamborins acompanhados de violinos, só depois da aula.
(Argumento)

T3: *Contra a arte patrocinada pelos que corrompem a liberdade de opção. Contra a arte fabricada para destruir o senso crítico, a emoção e a sensibilidade que nasce da múltipla escolha. (Contra-argumento)*

T4: *A favor do batuque da cozinha que nasce na cozinha e sinhá não quer. Da poesia periférica que brota na porta do bar.*

Do teatro que não vem do “ter ou não ter...”. Do cinema real que transmite ilusão.

Das Artes Plásticas, que, de concreto, querem substituir os barracos de madeira.

Da Dança que desafoga no lago dos cisnes.

Da Música que não embala os adormecidos.

Da Literatura das ruas despertando nas calçadas. (Argumento)

T5: *A Periferia unida, no centro de todas as coisas. (Argumento)*

T6: *É preciso sugar da arte um novo tipo de artista: o artista-cidadão. Aquele que na sua arte não revoluciona o mundo, mas também não compactua com a mediocridade que imbeciliza um povo desprovido de oportunidades. Um artista a serviço da comunidade, do país. Que, armado da verdade, por si só exercita a revolução. (Argumento)*

T7: *Contra reis e rainhas do castelo globalizado e quadril avantajado.*

Contra o capital que ignora o interior a favor do exterior. Miami pra eles? “me ame pra nós!”.

Contra os carrascos e as vítimas do sistema.

Contra os covardes e eruditos de aquário.

Contra o artista serviçal escravo da vaidade.

Contra os vampiros das verbas públicas e arte privada. (Contra-argumento)

T8: *A Arte que liberta não pode vir da mão que escraviza.*

Por uma Periferia que nos une pelo amor, pela dor e pela cor.

É TUDO NOSSO! (Conclusão)

Como se pode perceber, a conclusão é feita pela retomada da tese inicial, combinada com a centralidade da periferia na transformação antropofágica da arte.

Discursivamente, temos um texto que mobiliza marcas de implicação, conjunção com o ato de produção. Inclusive o tempo verbal predominante é o presente:

Ex.: *A Periferia nos une pelo amor, pela dor e pela cor.*

Percebemos a conjunção temporal com o momento da produção, no emprego da forma verbal *une*, que marca uma progressão temática do aqui-agora. Ademais, o deitico pessoal *nos* aponta a implicação discursiva do expositor.

Outro fator destacado é o discurso de tom contestatório. Característica, aliás, presente nos 3 textos do *corpus*. Para além disso, há um diálogo intertextual com o *Manifesto Antropófago* a partir da persistência de alguns termos. Vejamos nos trechos abaixo:

T1: *Ter ou não ter*. Expressão que remete à consagrada *Tupi, or not tupi that is the question*, que já fez intertexto anterior com *ser ou não ser? Eis a questão*, apontada por William Sheakespeare. Para a periferia, importa, prioritariamente, o acesso às políticas públicas, porque promovem cidadania. Mesmo assim, a arte pode ser produzida fora do mercado, *da poesia que brota na porta do bar*.

T2: *Periferia*. Termo que substitui e amplia o conceito de antropofagia. Desse modo, o estágio seguinte da perspectiva antropofágica é forjar uma arte cultura que se identifique com a periferia, que não esteja a serviço.

T3: *Contra reis e rainhas do castelo globalizado e quadril avantajado*. Trata-se de uma metáfora atual para designar a elite do centro, que tudo tem, comparativamente à dinastia, que Oswald desejava *expulsar o espírito bragantino, as ordenações e o rapé de Maria da Fonte*.

T4: *Pelo amor, pela dor e pela cor.* São expressões máximas da união antropofágica que retoma os termos *socialmente, economicamente e filosoficamente*, presentes no *Manifesto Antropófago*.

O texto mantém ainda uma coesão nominal pelo conteúdo, já que permanece o caráter fragmentário, com enumeração de frases nominais e quase ausência de elementos de retomada. Rara exceção é a mobilização da conjunção *e*, que dá um caráter de progressão/continuidade discursiva. Linguisticamente, assemelha-se à forma moderna, embora se trate de um texto contemporâneo.

Enunciativamente o *Manifesto da Antropofagia*, que também é um texto de tom opinativo e convocatório, apresenta vozes de expositor, sociais e neutras. A seguir, constatamos a referência às vozes sociais do *artista-cidadão, do artista surdo-mudo e de reis e rainhas*:

T1: *Contra o artista surdo-mudo e a letra que não fala.*

T2: *É preciso sugar da arte um novo tipo de artista: o artista-cidadão.*

T3: *Contra reis e rainhas do castelo globalizado e quadril avantajado.*

O expositor também fala no texto:

T4: *Por uma Periferia que nos une pelo amor, pela dor e pela cor.*

Por último, há a marca da voz neutra, representada pela 3ª pessoa verbal:

T5: *A Arte que liberta não pode vir da mão que escraviza.*

Em relação às avaliações mobilizadas no conteúdo temático do texto, identificamos o predomínio de modalizadores deônticos, voltados para uma avaliação dos valores defendidos pela antropofagia periférica, através da locução verbal *é preciso*:

T6: *É preciso sugar da arte um novo tipo de artista: o artista-cidadão.*

Além das prescrições do modalizador deôntico, há modalizador lógico no trecho a seguir, marcando uma avaliação do conteúdo temático. Observemos o valor semântico de *há de vir*, indicando conhecimentos possíveis, prováveis ou necessários para a consecução da antropofagia periférica:

T7: *Dos becos e vielas há de vir a voz que grita contra o silêncio que nos pune.*

As análises destacadas acima subsidiam a proposta de intervenção orientada pela perspectiva de transposição didática. Mas também o produto didático de gênero destinado à docência, apresentado no apêndice deste trabalho.

3.4. Sob a perspectiva da transposição didática de gênero

Nossa proposta de intervenção compreendeu a perspectiva da transposição didática de gênero, orientada pela adaptação do dispositivo apresentado por Dolz e Schneuwly (2004), tomando como referência o conceito de zona de desenvolvimento proximal (ZDP)⁴ de Vigotski.

O conceito de transposição didática foi criado por Verret (1975) e desenvolvido por Chevallard (1985), que defendeu a criação da didática como disciplina científica. Atualmente, é difundida por Bronckart (2009) e os demais pesquisadores de Genebra (particularmente, Dolz, Noverraz e Schneuwly), que a introduziram como noção basilar nas didáticas das disciplinas escolares (em especial, das línguas), conforme aponta Jorge (2014, p. 239-240).

Transpor didaticamente significa articular sistema de ensino, didático e o saber a ensinar, de modo que haja um movimento de transformação do saber, passando pela invenção, transmissão e aplicação, para a concretização em saber prático, aprendido. Isto implica desenvolver dispositivos operacionais que criem as condições para a didatização do saber mobilizado por um gênero. Tal tarefa requer:

“Planificar la materia que se va a enseñar, crear y adaptar dispositivos didácticos, introducir innovaciones, asegurar la gestión de la dinámica de la clase, regular las interacciones con los alumnos para asegurar los aprendizajes y evaluar las adquisiciones y los resultados de su trabajo son algunas de las principales tareas del docente (Dolz: 2009, p. 1).

Dos elementos apresentados como tarefa docente no trabalho com gênero de texto, a adaptação do dispositivo Sequência Didática (SD) é fundamental para suprir insuficiências quanto ao domínio de gêneros de difícil acesso por parte dos estudantes, em determinada modalidade de ensino.

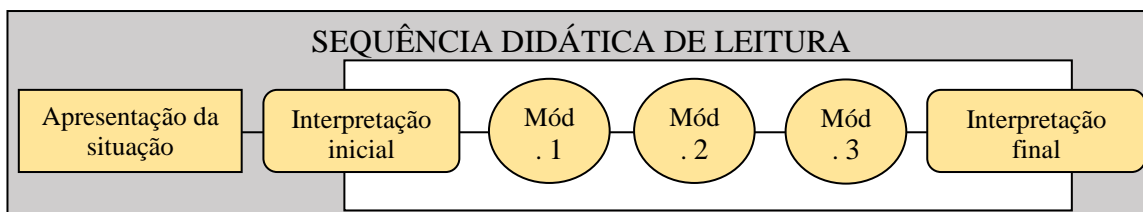
⁴ A ZDP é um conceito vigotskiano que é muito útil ao ensino, na medida em que deve focar nas funções psicológicas já existentes, por exemplo, no domínio de determinadas capacidades de linguagem. Mas também nas funções em desenvolvimento que, sob mediação, podem levar o indivíduo ao próximo estágio de internalização de novas capacidades.

3.5. O procedimento Sequência Didática

A SD corresponde a uma sequência de atividades, orientadas, originalmente, para o oral e a escrita, de modo a contemplar as seguintes etapas: a) *apresentação da situação*, quando o docente deve detalhar a tarefa a ser realizada, de modo a situar os estudantes na ação de linguagem a que o gênero adotado se vincula, culminando com a primeira produção, que deverá permitir ao professor avaliar as capacidades já adquiridas pelos discentes; b) *etapas de aplicação dos módulos de atividades*, que deve favorecer ao domínio do gênero, discursiva e linguisticamente; e d) *na etapa de produção final*, deve-se avaliar o dispositivo adotado, para destacar o desenvolvimento das capacidades de linguagem dos alunos.

Sistematizados por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 97), os procedimentos acima foram adaptados neste trabalho para o contexto de uma Sequência Didática de Leitura (SDL). Mesmo assim, mantivemos a estrutura da proposta original, de modo que incorporamos: no diagnóstico, uma atividade de leitura (interpretação inicial), ao invés de produção inicial; em seguida, uma sequência de módulos de estudo, dedicados à leitura com foco na arquitetura textual (plano de texto, sequências, discurso, coesão nominal e verbal, além da responsabilização enunciativa), finalizando com uma atividade de interpretação final, conforme representação a seguir:

Quadro 12 – Sequência Didática de Leitura



A realização da SDL acima apontou para possibilidades de trabalho com o gênero manifesto literário no ensino de língua portuguesa, a seguir discutidas.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS DA APLICAÇÃO DA SDL

a) Apresentação da situação

A apresentação da situação foi dividida em dois momentos: no primeiro, discutimos o conceito de contestação, porque comum a gêneros diversos; no segundo, a contestação presente especificamente no gênero manifesto literário.

Foi explicado aos alunos que essas atividades iniciais seriam introdutórias ao conjunto de atividades de leitura do gênero manifesto literário. Ademais, apontamos que avaliaríamos, em discussão aberta, as marcas discursivas, particularmente, o tom contestatório e sua manifestação no texto literário.

Utilizamos, assim, a estratégia de apresentação de tais marcas a partir de gêneros mais conhecidos dos alunos. Por isso, adotamos inicialmente uma charge de Duque (2015), como forma de destacar os discursos que se opõem, nas figuras de um anjo e de São Pedro. A cena remetia a entrada no céu. Em seguida, abrimos espaço para a discussão aberta.

Mediamos o debate fazendo algumas afirmações e questionamentos.

Primeiro, apontamos que o discurso do anjo pressupôs uma diferenciação de classe social ou nível de poder para que uma pessoa tivesse prioridade para entrar no céu. depois, perguntamos sobre o discurso de São Pedro.

Os alunos não tiveram dificuldade em apontar que São Pedro contestava o anjo, e o fazia porque considerava todas pessoas iguais diante do céu.

Destacamos, em seguida, que essa forma discursiva de contestação aparece em gêneros como a música, a poesia e os manifestos, remetendo, inclusive, a situações do dia a dia, nos privilégios que alguns têm no Brasil, enquanto outras pessoas vivem excluídas.

Adiante, fizemos uma leitura coletiva, seguida de audição, da canção *Diga Não*, do grupo *heróis da resistência*, a fim de destacar as práticas discursivas a que o texto fazia referência em tom de contestação. Foi uma oportunidade de os alunos interagirem com o texto escrito, apresentando uma leitura proativa do discurso mobilizado. Na oportunidade, discutimos o contexto da música e a atuação do compositor na atualidade, comparando o universo dele ao dos jovens da atualidade. Foi

uma oportunidade para identificação dos gostos musicais dos jovens e adolescentes inseridos no contexto da pesquisa.

No momento seguinte, introduzimos o tom contestatório no gênero manifesto, a partir de uma leitura coletiva, dividimos a sala em grupos. Formamos 4 grupos. Cada grupo ficou responsável com a leitura e registro de informações contextuais: emissor, destinatário, assunto, tipo de manifesto, objetivo do texto e discurso de contestação.

Na oportunidade, vimos, por exemplo, que nem sempre o manifesto contesta. Às vezes, ele apresenta apenas uma tese com respectivo programa. Foi o caso dos textos nº 1 (Manifesto de Confiança ao Governo Brasileiro) e nº 2 (Manifesto de Girona Sobre os Direitos Linguísticos) contidos no apêndice.

b) Interpretação inicial

A interpretação diagnóstica foi realizada a partir da leitura do Manifesto da Poesia Pau-Brasil, compreendendo três momentos: a) olhar de contexto; b) a organização do conteúdo temático; e c) olhar linguístico-discursivo.

Com essa atividade, objetivamos diagnosticar o domínio do gênero manifesto literário, com a finalidade do reconhecimento da adequada zona de desenvolvimento proximal.

O processo de avaliação foi feito com base no instrumento *Ficha de Interpretação Diagnóstica*. Essa ficha foi elaborada como forma de construção de um indicador de domínio do gênero, a partir da relação aluno-texto. Abaixo seguem os dados contidos nela:

Quadro 13 – Ficha de Interpretação sobre o domínio do gênero

Ficha de Interpretação Diagnóstica					
Olhar de contexto	Emissor	Consegue identificar quem escreveu o texto?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
		Consegue compreender o papel social desempenhado pelo autor?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()

	Receptor	Consegue identificar para quem se destina o texto?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
		Consegue compreender o papel social desempenhado pelo destinatário?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
	Objetivo da interação	Consegue compreender o objetivo do texto?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
Análise da arquitetura textual	A organização do conteúdo temático	Identifica o título como síntese do texto?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
		Compreende o plano (estrutura) do texto?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
		Consegue identificar as fases argumentativas?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
		Identifica as sequências mobilizadas?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
		Identifica as marcas de contestação?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
		Localiza as marcas de implicação do discurso no texto?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
		Identifica os discursos em contraponto?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
	Olhar linguístico-discursivo	Consegue compreender a coesão nominal pela fragmentação?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
		Identifica, na pontuação, o predomínio de ponto continuativo, com poucos elementos de retomada?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
		Identifica escolhas lexicais que primam pela nominalização?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
		Identifica a coesão verbal marcada pelo tempo presente	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
		Compreende adequadamente quem fala no texto?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
		Identifica com os propriedade julgamentos mobilizados?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()

Fonte: quadro organizado pelo autor.

Em *olhar de contexto*, fizemos uma abordagem dos aspectos contextuais mobilizados pelo texto em relação aos mundos físico e sociossubjetivo. Na *organização do conteúdo temático*, avaliamos o domínio sobre o plano de texto, a planificação e o discurso mobilizado. Em *olhar linguístico-discursivo*, destacamos questões referentes aos mecanismos de textualização e enunciação, relacionados com a coesão nominal e verbal, com as escolhas lexicais e com as vozes e modalizações mobilizadas pelo texto.

Ao término da atividade foi entregue a ficha a cada estudante, como forma de proporcionar a interação durante a resolução das questões, a fim de avaliar, coletivamente, as respostas apontadas por cada aluno, em comparação ao gabarito da atividade, de modo que pudéssemos, juntos, compreender a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) e, partir daí, traçarmos os passos seguintes para o adequado domínio do gênero. Essa mesma ficha foi utilizada também para a interpretação final.

Após análise das respostas da atividade, obtivemos os seguintes resultados:

Quadro 14 – Capacidades e dificuldades identificadas

Dificuldades identificadas		Alunos
<i>olhar de contexto</i>	Desconhecimento do autor e dificuldade de compreensão dos objetivos do texto	A1, A2, A4, A5, A6, A7, A8, A9, A10, A11, A12, A13, A14, A15, A16, A17, A18,
	Não reconheceu adequadamente o destinatário	A1, A2, A4, A5, A6, A7, A8, A9, A10, A11
<i>organização do conteúdo temático</i>	Não compreendeu suficientemente o plano textual	A1, A2, A4, A5, A6, A7, A8, A9, A10, A11
	Desconhece a planificação de sequência argumentativa	A1, A2, A4, A5, A6, A7,
	Não conseguiu reconhecer outras sequências textuais	A1, A2, A4, A5, A6, A7, A8, A9, A10, A11, A12, A13, A14, A15, A16, A17, A18
	Não compreendeu adequadamente a construção discursiva	A1, A2, A4, A5, A6, A7, A8, A9, A10, A11, A12, A13, A14, A15, A16, A17, A18

	Desconhecimento das concepções discursiva em oposição mobilizadas	A1, A2, A4, A5, A6, A7, A8, A9, A10, A11, A12, A13, A14, A15, A16, A17, A18
	Pouco conhecimento do discurso parnasiano	A1, A2, A4, A5, A6, A7, A8, A9, A10, A11, A12, A13, A14, A15, A16, A17, A18
	Não identificou adequadamente o discurso moderno	A1, A2, A4, A5, A6, A7, A8, A9, A10, A11, A12, A13, A14, A15, A16, A17, A18
	Não identificou as marcas do discurso de importação, da arte pela arte	A1, A2, A4, A5
<i>olhar linguístico-discursivo</i>	Não identificou as marcas linguísticas de contestação	A1, A2, A4,
	Não identificou as marcas linguísticas de fragmentação e nominalização	A1, A2, A4, A5, A6, A7, A8, A9, A10, A11, A12, A13, A14, A15, A16, A17, A18
	Não compreendeu suficientemente as escolhas lexicais	A1, A2, A4, A5, A6, A7, A8, A9, A10, A11, A12, A13, A14, A15, A16, A17, A18
	Não reconheceu a coesão nominal e verbal adequadamente	A1, A2, A4, A5, A6, A7, A8, A9, A10, A11, A12, A13
	Compreende medianamente algumas vozes	A1, A2, A4, A5, A6, A7, A8
	Não reconheceu suficientemente os julgamentos discursivos mobilizados no texto	A1, A2, A4, A5, A6, A7, A8, A9, A10

Fonte: quadro organizado pelo autor.

Como pudemos constatar, as maiores dificuldades se deram: a) em relação aos elementos de contexto, pouca compreensão do autor e dos objetivos do texto; b) em relação ao *conteúdo temático*, pouca compreensão de outras sequências textuais, embora não fosse pleno o conhecimento da sequência argumentativa. Além disso, constatamos dificuldades na identificação de discursos que se opunham no texto, bem como pouco conhecimento das marcas discursivas do modernismo, do parnasianismo e da associação deste último com a *arte pela arte*. Ademais, embora as dificuldades de linguístico-

discursivas tenham sido menores, ainda assim pudemos constatar uma problemática maior em relação ao léxico e ao formato de coesão, sobretudo a coesão nominal.

c) Módulo 1: Conhecendo um pouco mais sobre o gênero...

O diagnóstico serviu para compreensão da necessidade de uma retomada conceitual do gênero, tendo em vista o pouco acesso dos alunos a manifestos, sobretudo manifestos literários. Mas, mais que isso: também o discurso mobilizado e suas características estilísticas.

Para mobilizar aprendizagens, utilizamos leituras complementares de esquetes e poesias como formas mediadoras na compreensão do conceito de gênero manifesto, na percepção da estética anterior à moderna como uma arte elitista, apegada à forma e, por isso, pouco original, porque uma versão dos modelos clássicos, além de pautar-se na arte pela arte. Assim, reunimos os seguintes objetivos:

- compreender o conceito de gênero manifesto.
- reconhecer as marcas dos discursos mobilizados no manifesto literário.
- perceber a estética anterior à moderna como uma arte elitista, apegada à forma e, por isso, pouco original, porque uma versão dos modelos clássicos.

A atividade foi iniciada com a apresentação do vídeo da esquete *Versão brasileira* (Porta dos Fundos, 2012), que faz uma abordagem crítica da dublagem como falsificação, caricatura, cópia. Destacamos, em seguida, que a literatura que copiava formatos de produção literária era como a fala do personagem, uma tentativa de reprodução infiel da fala dele. Ainda alertamos os alunos sobre essa literatura que imitava formas de dizer era criticada pelos modernos. Destacamos, em seguida, que essa literatura era chamada de Parnasiana.

No processo de discussão aberta, realizamos uma atividade oral, que procurou avaliar:

- as marcas do discurso da estética parnasiana.
- outros elementos discursivos mobilizados nas esquetes e textos lidos.
- as marcas que apontam para uma arte moderna como uma estética diversa, original e primitiva.

Ainda no contexto desse módulo, fizemos a leitura coletiva, seguida de debate, sobre as marcas presentes no poema *profissão de fé*, de Olavo Bilac. Pudemos verificar um discurso voltado para a *arte pela arte*, que supervalorizava a forma e o emprego da língua padrão, criando um elitismo linguístico.

d) Módulo 2: Um outro discurso, da diversidade

A esquete intitulada *sotaque* (Porta dos Fundos, 2015), foi apresentada como forma provocar a atenção para o contraponto ao modelo de arte apresentado no módulo anterior, de maneira que partimos da diversidade linguística, abordada no vídeo, para a estética moderna, em oposição a estética parnasiana, porque diversa, original e primitiva, o que implicava negar a cópia e a forma fixa da arte pela arte. Essa atividade objetivou:

- identificar na esquete e afins as marcas que apontam para uma arte moderna como uma estética diversa, original e primitiva, além de destacar outros elementos discursivos mobilizados como discurso de contestação à arte pela arte.

Na oportunidade, foram mobilizados poemas modernistas como recursos complementares que se contrapunham ao parnasianismo. Mas também não eram unânimes na época, como pudemos constatar a crítica de Monteiro Lobato às concepções modernistas, particularmente a exposição de pintura moderna de Anita Malfatti. Ademais, sugerimos uma atividade breve para que os alunos, munidos das discussões anteriores, pudessem interagir discursivamente com a postura de Monteiro.

e) Módulo 3: Um pouco mais...Manifesto Antropófago

Agora que os alunos já estavam familiarizados com a noção do discurso de contestação, com a linguagem literária que apresenta esse discurso, o manifesto literário, partimos para o aprofundamento de alguns aspectos da argumentação, tomando como referência a leitura do texto *Manifesto Antropófago*, focado nos aspectos: a) plano de texto, fases argumentativas, as sequências textuais e os tipos de discursos mobilizados. Desse modo, mobilizamos os objetivos:

- compreender o plano de texto.
- reconhecer as fases argumentativas.
- identificar as sequências textuais e os tipos de discursos mobilizadas.

Assim, avaliamos:

- Aspectos da arquitetura textual, vinculados ao desenvolvimento da capacidade discursiva, mediante a interação dos alunos na leitura e atividade coletiva do texto.

Na resolução da atividade, pudemos mediar considerações importantes, tais como:

- a) discurso predominantemente implicado.
- b) sequência predominante argumentativa, porque tem um ponto de vista, com respectivos comentários a respeito, a favor e contra.
- c) há conjunção temporal com o ato de produção.
- d) ausência de conclusão.

f) Interpretação final

Finalmente, a última atividade: *interpretação final*, a partir da leitura do texto *Manifesto da Antropofagia Periférica* em intertexto com os demais manifestos. Para a aplicação da atividade, objetivamos:

- utilizar o modelo de análise de textos do interacionismo sociodiscursivo para avaliar o domínio do gênero manifesto literário.
- avaliar o desenvolvimento de capacidades de linguagem mobilizadas na leitura do Manifesto Literário.

Com isso em vista, procuramos avaliar o desenvolvimento das capacidades de linguagem referentes à leitura do gênero manifesto literário.

Ao final da atividade, voltamos a preencher coletivamente *Ficha de Interpretação* para avaliarmos o desenvolvimento de capacidades de linguagem mobilizadas. Na oportunidade, consideramos a internalização de conceitos e práticas languageiras associadas ao gênero, decorrentes da aplicação dos dispositivos adotados nos módulos de estudos.

A fim de comparar, objetivamente, esse processo de desenvolvimento de capacidades de linguagem, retomemos as dificuldades encontradas após a interpretação inicial, comparando-as à interpretação final. Obtivemos os seguintes resultados:

Quadro 15 – Dificuldades x novas capacidades

Dificuldades identificadas após interpretação inicial		Após interpretação final
<i>Olhar de contexto</i>	Pouca compreensão do autor e seu lugar social, além dos objetivos do texto	Dificuldades superadas em relação aos objetivos do texto, mas em relação ao lugar social do autor do texto depende ainda de mediação docente.
<i>Organização do conteúdo temático</i>	Pouca compreensão de outras sequências textuais, embora não fosse pleno o conhecimento da sequência argumentativa.	Ainda há persistência de algumas dificuldades com outras sequências textuais, mas houve adequada compreensão do plano de texto e da disposição dele na sequência argumentativa.
	Grandes dificuldades em reconhecer discursos que se opunham	Compreensão adequada das marcas do discurso de contestação e do contra discurso.
	Pouco conhecimento das marcas discursivas do modernismo, do parnasianismo e da associação deste com a <i>arte pela arte</i> .	Embora ainda tenham ocorrido dificuldades em relação à compreensão das marcas discursivas do parnasianismo, da arte pela arte, houve desenvolvimento, sobretudo no que diz respeito ao elitismo discursivo. Em relação às marcas do discurso do modernismo, houve um desenvolvimento

		considerável, em comparação com o parnasianismo. Neste aspectos, as esquetes e os textos complementares do módulo 2 foram fundamentais.
<i>Olhar linguístico-discursivo</i>	Léxico e coesão	Houve desenvolvimento na compreensão da coesão. Pôde-se perceber o funcionamento da pontuação, da ausência de retomadas, que explica uma escrita fragmentada, combinada com a nominalização, que aproximava o texto da poesia. Por isso, a maioria dos estudantes conseguiu associar tais marcas ao texto moderno. Porém houve uma dificuldade não superada e que diz respeito aos termos que remetem a fatos e vozes de outros contextos, o que requer adoção do dicionário de termos (e mediação docente) para que os alunos possam situar-se no contexto de fatos e vozes mobilizados nos manifestos literários.

Fonte: quadro organizado pelo autor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho aplicamos os dispositivos adotados pelo ISD para a leitura de gêneros de texto. O quadro teórico desenvolvido pelos pesquisadores de Genebra, particularmente as categorias apresentadas por Bronckart (2009) para a análise de textos, levou em conta:

- a importância da prática social de manifestação pública para a vivência escolar;
- o fortalecimento da cidadania pela modelização do gênero manifesto e, sobretudo, sua vertente literária, contribuindo para a perspectiva vigotskiana da imitação como referência para utilização desse instrumento em situação escolar ou em contextos sociais;
- o redirecionamento das práticas docentes de ensino de língua materna para uma perspectiva sociodiscursiva.

Com o desenvolvimento dessa proposta, estabelecemos a didatização para a leitura em sala de aula de um gênero de difícil acesso a estudantes do ensino fundamental, o manifesto literário. Foram utilizados três manifestos (*da Poesia Pau-Brasil*, *Antropófago* e *da Antropofagia Periférica*), que apresentaram à sociedade brasileira as estéticas modernista e periférica nas primeiras décadas do século XX e no início do século XXI, respectivamente. Em seguida, propusemos a transposição dos aspectos teóricos para o ensino, com foco na aplicação de uma sequência didática de leitura.

Ao trilhar esse caminho, fizemos a apresentação de nosso arcabouço teórico-metodológico, apresentando o propósito da didatização de gênero para desenvolver capacidades de linguagem. Organizamos a modelização do gênero e, em seguida, analisamos os gêneros e desenvolvemos uma SDL, que foi aplicada dentro de uma perspectiva interacionista, cujo pesquisador também se envolveu com a ação docente, que foi o espaço de sala de aula.

A SDL adotada mostrou-se um bom dispositivo para a leitura de textos, pois os estudantes puderam estudar linguisticamente um gênero que é comum terem acesso apenas no ensino médio, mesmo assim de um ponto de vista literário, além de terem compreendido que manifestos são gêneros que vão além do ambiente de sala de aula e,

por isso, podem utilizar-se desses textos para agir socialmente, sempre que houver necessidade.

Ademais, cabe frisar os aspectos já elencados na análise da aplicação da pesquisa, a exemplo da compreensão do plano de texto comum ao gênero estudado, inclusive suas marcas de contestação, muito embora ainda tenham persistido dificuldades de identificação dos contextos e vozes que foram mobilizadas pelos discursos parnasiano e moderno. Por isso, recomendamos a mediação docente, combinada com um dicionário de termos, para facilitar o entendimento do contexto discursivo presente em tais textos pelo alunos.

Linguístico-discursivamente, a aplicação de atividades com charges, poesias e vídeos de esquetes deu um complemento fundamental, porque tornou a linguagem mais acessível ao público alvo, o que resultou na adequada identificação das marcas discursivas do elitismo parnasiano, em contraposição ao modelo de arte moderna, que buscava ser mais popular, fincado nos fatos cotidianos. De modo análogo, pôde-se perceber a maneira da escrita nos manifestos literários: embora seja um gênero que predomina a sequência argumentativa, a coesão se dá de outra forma: ausência de retomadas, escrita fragmentada e nominalização, aproximando o texto da poesia.

Se considerarmos que a leitura é uma etapa preparatória para a produção escrita, falta, talvez, o acréscimo de mais um elemento à SDL: a representação. Como as leituras de textos diversos podem ser representadas em ambiente de sala de aula e em contextos extraclasse? Essa é uma etapa também adequada à leitura? São dois dos questionamentos que não pudemos dar conta nesta pesquisa, em face da abrangência temporal de nosso trabalho.

Ainda no que diz respeito às categorias de análises, acrescentamos um aprofundamento que nos parece necessário em outras pesquisas: a adoção das *figuras de ação* (Bulea, 2016) para a leitura de manifestos literários (e talvez de outros textos da esfera da literatura), pois elas parecem fornecer bons subsídios para a análise do jogo de representações contidas em tais textos. Afinal, elas situam posicionamentos dentro de um contexto, inclusive em relação a acontecimentos passados, explicam posições, propõem caminhos, fazem definições, podendo até *teatralizar* (Peixoto, 2011, p. 23) e *julgar* (Almeida, 2015, p. 87) o agir pela linguagem. Destacamos, no entanto, que tal categoria de análise nunca foi utilizada para a leitura de textos. Elas apenas foram adotadas para análise da prática profissional em situações de trabalho, não apenas

docente, mas em diversas profissões. Portanto, esse caminho deve ser trilhado mediante pesquisa maior, que dê condições de validar ou não esse intento.

Julgamos não menos pertinente, por conseguinte, nessa trajetória de aprofundamento, uma aproximação com a perspectiva da linguística aplicada indisciplinar (Lopes, 2006), que também dialoga com outras áreas do conhecimento, levando em conta os chamados atravessamentos identitários de classe, etnia, gênero, geográficos, dentre outros, nos estudos linguísticos sob uma perspectiva mestiça de pesquisa, com caráter ideológico a favor de uma ética de empoderamento dos sujeitos marginalizados pela *mundialização do capital* (Chesnais, 1996), fazendo surgir novos esquemas de politização (Pennycook, 2001 apud Lopes, 2006) que extrapolam o ambiente de sala de aula e podem, sim, dialogar com os discursos mobilizados nos manifestos literários em contextos de uso social da linguagem.

Finalmente, esperamos ter contribuído com a prática docente, porque disponibilizamos um apêndice, em formato de caderno didático, que vai ao encontro do aperfeiçoamento do trabalho com os gêneros de textos, embora reconheçamos a necessidade de adequar às realidades heterogêneas das salas de aula Brasil afora para resultar na melhoria da proficiência da prática leitora de nossos estudantes de escola pública.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alessandra Preussler de. **Docência de língua materna**: o professor como ator do seu próprio agir. [Tese de Doutorado em Linguística Aplicada]. São Leopoldo: UNISSINOS, 2015.

ANDRADE, Oswald de. Manifesto da poesia pau-brasil. _____. **A utopia antropofágica**. São Paulo: Globo, 1990. p. 41-45. – (Coleção obras completas de Oswald de Andrade).

_____. Manifesto Antropófago. _____. **A utopia antropofágica**. São Paulo: Globo, 1990. p. 47-52. – (Coleção obras completas de Oswald de Andrade).

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. In: BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p.261-306.

BARROS, Eliana Merlim Deganutti de. **Gestos de ensinar e de aprender gêneros textuais**: a sequência didática como instrumento de mediação. [Tese de Doutorado em Estudos da Linguagem]. Londrina: UEL, 2012.

BORTULUCCE, Vanessa Beatriz. O manifesto como poética da modernidade. São Paulo. **Revista Literatura e Sociedade**: Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da USP. n. 21, 2015, p. 5-17. ISSN: 2237-1184 Disponível em: www.revistas.usp.br/ls/article/download/114486/112319. Acesso em 05 de junho de 2017.

BULEA, E. Tipos de discurso e interpretação do agir: o potencial de desenvolvimento das figuras de ação. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**. n. 32.1, 2016, p. 189-213. ISSN 0102-4450. Tradução: Ermelinda M. Barricelli e Taiane Malabarba. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/delta/v32n1/0102-4450-delta-32-01-00189.pdf>. Acesso em 01 de junho de 2017.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais de língua portuguesa: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental**. Brasília: MEC, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>. Acesso em 05/03/2017.

BRONCKART, J. P. **Atividades de linguagem, textos e discurso: por um interacionismo sociodiscursivo**. Trad. de Anna Rachel Machado e Péricles da Cunha. São Paulo: Educ, 2009.

_____. **Agir nos discursos**. Trad. de Anna Rachel Machado e Maria de Lourdes Meirelles Matencio. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2008.

CHAIKLIN, Seth. A zona de desenvolvimento próximo na análise de Vigotski sobre aprendizagem e ensino. **Revista Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 16, n. 4, p. 659-675, out./dez. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v16n4/a16v16n4.pdf>. Acesso em 10/04/2016.

CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes (org.). Tributo à Professora Anna Rachel Machado. **Rev. bras. linguist. apl.** vol.12 no.3 Belo Horizonte July/Sept. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbla/v12n3/a10v12n3.pdf>. Acesso em 21 de fevereiro 2017.

CHESNAIS, F. **A mundialização do capital**. São Paulo: Xamã, 1996.

DOLZ, Joaquim. Los cinco grandes retos de la formación del profesorado de lenguas. **Simpósio Internacional de Estudo de Gêneros**. Ago, 2009, Caxias do Sul/RS, ISSN 18087655. Disponível em: http://www.ucs.br/ucs/tplSiget/extensao/agenda/eventos/vsiget/portugues/anais/textos_autor/arquivos/los_cinco_grandes_retos_de_la_formacion_del_profesorado_de_lenguas.pdf. Acesso em 10/03/2017.

DOLZ, Joaquim. & SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, Bernard. **Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento**. In: DOLZ, J. e SCHNEUWLY, B. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 95-128.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Positivo, 2010.

GODOY, Arilda S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresa**. São Paulo, 1995, v. 35, 2: 57-63.

HABERMAS, Jürgen. **Teoria do Agir Comunicativo 1: Racionalidade da ação e racionalização social**. Tradução: Paulo Astor Soethe. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

JORGE, Noémia de Oliveira. **O género memórias: análise linguística e perspectiva didática**. [Tese de Doutorado]. Lisboa, Portugal: Universidade Nova de Lisboa, 2014. Disponível em: https://run.unl.pt/bitstream/10362/12524/1/NJorge_Tese.pdf. Acesso em 05/03/2017

LEURQUIN, E. V. L. **Contrato de Comunicação e Concepções de Leitura na Prática Pedagógica de Língua Portuguesa**. [Tese de Doutorado em Educação]. Natal-RN: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2001.

LOPES, Luiz Paulo da Moita (org). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

LOUSADA, Eliane Gouvêa. **Entre o trabalho prescrito e o realizado: um espaço para a emergência do trabalho real do professor**. [Tese de Doutorado]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.

_____. **A abordagem do Interacionismo Sociodiscursivo para a análise de textos**. In: CUNHA, C.L.; PIRIS, E.L.; CARLOS, J.T. (Orgs.). *Abordagens*

metodológicas em estudos discursivos. São Paulo: Editora Paulistana, 2010. Disponível em: http://moodle.stoa.usp.br/file.php/791/LOUSADAartigo_ago_2010.pdf. Acesso em 10/04/2016.

MACHADO, Anna Rachel. **A perspectiva interacionista sociodiscursiva de Bronckart**. In: J.L Meurer; A. Bonini; D. Motta-Roth (orgs.): *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005, p. 237-259.

MACHADO, Anna Rachel. Para (re) pensar o ensino de gêneros. **Calidoscópio**, v. 2, n. 1, p. 17-28, 2004. Disponível em: <http://www.revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/6478/3614>. Acesso em 05/03/2017.

MAZZILLO, T. M. F. M. **O trabalho do professor de língua estrangeira representado e avaliado em diários de aprendizagem**. [Tese de Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2006.

MELÃO, Priscila Aguiar. **O gênero textual anúncio publicitário no ensino do FLE: o desenvolvimento da capacidade discursiva\argumentar\por meio de recursos verbais e visuais**. 2014. [Tese de Doutorado]. São Paulo: Universidade de São Paulo. Disponível em: www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8146/tde-08102014-165506/publico/2014_PriscilaAguiarMelao_VCorr.pdf. Acesso em 12/03/2017.

PAVIANI, Neires Maria Soldatelli. **Aprendizagem na perspectiva da teoria do interacionismo sociodiscursivo de Bronckart**. Revista Espaço Pedagógico (Educação e Linguagem). V. 18, n. 1, 2011. ISSN 2238-0302. p. 58-73 Disponível em: <http://www.upf.br/seer/index.php/rep/article/view/2066/1293>. Acesso em 10/04/2016.

PEIXOTO, C. M. M. **Representações do agir docente: análises de reconfigurações do agir no discurso do professor**. [Tese de Doutorado em Linguística]. Fortaleza-CE: Universidade Federal do Ceará, 2011.

PORTA DOS FUNDOS. **Sotaque**. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GVTQO9czBsI>. Acesso em 05/04/2018.

PORTA DOS FUNDOS. **Versão Brasileira**. 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ykgZvSzcuDk>. Acesso em 05/04/2018.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia de pesquisa-ação**. 18^a .ed. São Paulo: Cortez, 2012.

VAZ, Sérgio. Manifesto da Antropofagia Periférica. **Revista Época**, São Paulo, nº 487, ano 2007. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG79089-6014-487,00.html>. Acesso em 10/04/2016.

VIGNOLI, Jacqueline Costa Sanches. **A Relação Entre Gênero e Texto em Sequências Didáticas no PDE/PR**. [Tese de Doutorado]. Curitiba-PR: Universidade Federal do Paraná, 2016. Disponível em: <http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/43387/R%20-%20T%20-%20JACQUELINE%20COSTA%20SANCHES%20VIGNOLI.pdf?sequence=3>. Acesso em 05/03/2017.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.a

_____. **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

VITORINO, Miquéias dos Santos. **As interações no diário de aprendizagem do Curso de Letras da UFPB Virtual: uma leitura interacionista sociodiscursiva**. [Dissertação de Mestrado]. João Pessoa-PB: Universidade Federal da Paraíba - UFPB/PROLING, 2012.

VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaevich. **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos/SP: Pedro e João Editores, 2013. Organização, tradução e notas: João Wanderley Geraldi.

APÊNDICE

Produto didático de gênero



DIGA
À aRTE pela aRTE
NÃO!

CADERNO PEDAGÓGICO

Leitura de manifestos literários no ensino fundamental

EVANDRO OLIVEIRA SANTOS

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA PROFESSOR ALBERTO CARVALHO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

S237m Santos, Evandro Oliveira

O manifesto literário como ação de linguagem: uma proposta de didatização do gênero para a leitura em sala de aula / Evandro Oliveira Santos; orientador: José Ricardo Carvalho da Silva. – Itabaiana, 2018. 79 f.; il.

Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, 2018.

1. Letras língua portuguesa. 2. Textos. 3. Leitura. 4. Gêneros literários. I. Silva, José Ricardo Carvalho da. II. Título.

CDU 811.134.3(81):37

*Aos artistas-cidadãos: Oswald, Tarsila, Sérgio Vaz, Mano Brown, Criolo e tantos
outros, por terem a ousadia de cantar a poesia dos fatos.*

SUMÁRIO

Apresentação	1
1. Para começo de conversa.....	4
2. Interpretação inicial: uma primeira leitura	10
3. Conhecendo um pouco mais sobre o gênero	18
4. Um outro discurso, da diversidade	25
5. Um pouco mais...manifesto antropófago.....	30
6. Interpretação final: um passo adiante no projeto antropofágico: a periferia	30
Referências	38
Apêndice: conceitos centrais do ISD.....	39

Apresentação

O presente caderno pedagógico é resultado de pesquisa de mestrado, aplicada em turma de 9º ano do ensino fundamental em escola pública do município de Paripiranga, estado da Bahia. Este material está voltado para a leitura de textos sob uma perspectiva interacionista sociodiscursiva, de modo a mobilizar as capacidades de linguagem dos estudantes, na medida em que apresenta situações de interação pela leitura do gênero manifesto literário, com o objetivo de possibilitar a apropriação dos conhecimentos vinculados às ideias estético-literárias apresentadas nos textos, através de uma Sequência Didática de Leitura (SDL), apoiada em atividades de interpretação focadas no modelo de análise de textos do interacionismo sociodiscursivo (ISD) proposto por Bronckart (2009), que consiste em uma análise que leva em conta dois níveis: um relacionado ao contexto de produção e, o outro, voltado à arquitetura textual, também chamado *folhado textual*.

Nesse caderno, propomos a leitura discursiva de três textos de referência (Manifestos da *Poesia Pau-Brasil*, *Antropófago* e *da Antropofagia Periférica*). Tais textos vinculam-se a práticas sociais de contestação pública mobilizadoras de discursos estéticos: parnasianos, modernos e contemporâneos.

Cabe salientar que ler discursivamente um texto é dialogar com ele, confrontando sentidos e levando em conta práticas sociais. Assim, propomo-nos:

- Identificar as características do gênero manifesto literário;
- Interpretar manifestos literários;
- Compreender o plano global, o discurso e as sequências predominantes nos textos;
- Identificar as vozes e julgamentos;
- Estabelecer relações discursivas no processo de leitura dos textos.

Durante as atividades de leitura, outros gêneros foram mobilizados, em caráter complementar, a exemplo da charge, da poesia, incluindo texto em esquete, utilizados na contextualização da situação de apresentação do discurso de contestação e das poesias parnasianas e modernas.

A SDL está assim organizada:

1- Apresentação da situação de comunicação

- Para começo de conversa

Uma charge para discutir o discurso com viés elitista, seguida da música *Diga não* para discutir a contestação discursiva. Essa primeira parte é concluída com a leitura introdutória de manifestos diversos como fios condutores do discurso de contestação pública.

2 - Interpretação inicial

- Leitura discursiva do texto *Manifesto da Poesia Pau-Brasil*, focada em três aspectos: a) *olhar de contexto*, com abordagem de quem produziu? Quando produziu? Por quê produziu? Com quem dialoga?; b) *a organização do conteúdo* temático, voltado para os elementos estruturais do texto, o discurso, as sequências mobilizadas; e *olhar linguístico-discursivo*, voltado para os elementos de coesão, vozes e julgamentos. Tais aspectos são avaliados pela Ficha de Interpretação Diagnóstica, utilizada como instrumento para as atividades seguintes e, ao final, para mediar a avaliação do desenvolvimento das capacidades de linguagem dos alunos.

Módulo 1: *Conhecendo um pouco mais sobre o gênero...*

- Leituras complementares de esquetes e poesias como formas mediadoras na compreensão do conceito de gênero manifesto, percebendo a estética anterior à moderna como uma arte elitista, apegada à forma e, por isso, pouco original, porque uma versão dos modelos clássicos, além de pautar-se na *arte pela arte*.

Módulo 2: *Um outro discurso, da diversidade*

- Identificar no esquete e afins as marcas que apontam para uma arte moderna como uma estética diversa, original e primitiva, além de destacar outros elementos discursivos mobilizados como discurso de contestação à *arte pela arte*.

Módulo 3: *Um pouco mais...Manifesto Antropófago*

- Leitura do texto *Manifesto Antropófago*, focado nos aspectos: a) plano de texto, fases argumentativas, as sequências textuais e os tipos de discursos mobilizados

Interpretação final

- Leitura discursiva do texto *Manifesto da Antropofagia Periférica* em intertexto com os demais manifestos, utilizando-se do modelo de análise de textos do interacionismo sociodiscursivo. Ao final da atividade, deve-se utilizar a Ficha de Interpretação Final para avaliar o desenvolvimento de capacidades de linguagem mobilizadas na leitura do *Manifesto Literário*.

O caderno é complementando com as referências e o apêndice, que aborda de forma breve os principais conceitos teóricos do ISD.

Finalmente, esperamos que este caderno de leitura contribua para que você, caro (a) colega professor (a), medeie atividades de leitura de forma crítica, associada a contextos sociais de manifestação pública, de modo que possibilite a(o)s estudantes desenvolverem capacidades de linguagem, tendo como instrumental o trabalho com o manifesto, um gênero de difícil acesso e pouco estudado do ponto de vista linguístico-discursivo por parte de estudantes do ensino fundamental.

Para começo de conversa...

Objetivos:

- Identificar o discurso de contestação.
- Compreender o discurso de contestação no texto literário.
- Reconhecer o manifesto como gênero da contestação.

O que será avaliado?

- As marcas do discurso de contestação.
- O discurso de contestação no texto literário.

ATENÇÃO, PROFESSOR!

- Explique aos alunos que essas atividades iniciais são introdutórias ao conjunto de atividades de leitura do gênero manifesto literário.

Para começo de conversa.....

Observemos a charge.



(DUKE, *Charges para o tempo*. 21 abr. 2015. Disponível em: <dukechargista.com.br>. Acesso em: 27 set. 2015.)

A charge apresenta uma cena que remete à entrada no céu.

O contexto da cena é atual, porque evidencia situações vividas na sociedade brasileira, seja no cotidiano, seja na arte.

O discurso do anjo pressupõe uma diferenciação de classe social ou nível de poder.

Vamos discutir oralmente?

1. Como é o discurso de São Pedro?

Resposta possível: a posição de São Pedro é de contestação da diferenciação sugerida pelo anjo.

2. Por que São Pedro contesta essa diferenciação apresentada pelo anjo?

Resposta possível: a posição de São Pedro é em favor de todos, indistintamente, porque no céu todos são iguais.

O discurso do não...

A contestação representada pela posição de São Pedro na Charge introdutória, aparece também na música.

Diga Não

Heróis da Resistência

Composição: Leoni

Diga não pra qualquer controle
Diga não pra qualquer descaso
Diga não pra quem não te ouve
Diga não!
Diga não pra quem destrói o mundo
Diga não pra quem constrói demais
Diga não pra falta de visão
Diga não!
Diga não pro prepotente
Diga não pro submisso
Diga não pra tudo isso
Diga não!
Diga não pra ser ouvido, seja positivo
Diga não pra ser ouvido, seja positivo
Diga não!
Diga não pra quem faz a guerra
Diga não pra quem foge à luta
Diga não pra ter paz na terra
Diga não!

Diga não pra quem engole tudo
Diga não pra falta de apetite
Diga não pra quem não tem limites
Diga não!
Diga não pra tantas leis
Diga não pra tantos crimes
Diga não pra ficar livre
Diga não!
Diga não pra ser ouvido, seja positivo
Diga não pra ser ouvido, seja positivo
Diga não!
Diga não pra quem tem demais
Diga não pra quem se deixa usar
Diga não pra desabafar
Diga não!
Diga não pra ser ouvido, seja positivo
Diga não pra ser ouvido, seja positivo
Diga não!

Tome nota

O discurso do não no DICIONÁRIO:

Recusa; negação; partícula negativa oposta à afirmativa sim; de modo nenhum. (Aurélio, 2010)

Observações pertinentes

- *Heróis da Resistência* foi uma Banda brasileira de Rock' in Roll dos anos 1980. O vídeo da canção *Diga Não* pode ser localizado em: <https://www.youtube.com/watch?v=okmUgWJoDrw>. Acesso em 30/05/2018.
- Professor, é recomendável a reprodução do texto da canção em cópias que possam ser coladas no caderno da disciplina. Disponível em: <https://www.cifraclub.com.br/leoni/383635/letra/>. Acesso em 30/05/2018.

- Professor(a), ao responder conjuntamente com seus alunos às questões referentes à canção *Diga Não*, leia a matéria completa em sala e amplie a discussão. Segue o link da matéria: <http://cultura.estadao.com.br/noticias/musica,o-rock-nao-e-mais-a-musica-da-juventude-diz-leoni,70002266100>. Acesso em 14 de abril de 2018.

Foco no texto

1. Como se pode constatar, a repetição da forma verbal *diga não*, no imperativo negativo, faz contestação a um discurso que reforça:

- a) (☒) o silêncio
- b) (☐) o diálogo
- c) (☒) a desigualdade social
- d) (☐) a paz

Resposta possível: Espera-se que o(a)s aluno(a)s concluam que as alternativas A e C são as mais adequadas. Professor(a), é importante destacar, inicialmente, que eles podem marcar mais de uma alternativa.

2. A expressão *Diga pra qualquer controle* carrega traços de contestação ao período vivido pelo Brasil (1964-1985), quando tivemos uma *Ditadura Militar* que cerceou a liberdade de expressão. O que mais você leu e ouviu falar sobre essa época?

Resposta possível: Conclusões do(a)s aluno(a)s.

3. Em matéria do Jornal Estadão, de 13 de abril de 2018, Leoni fala do projeto "Leoni & Leonardo", em que promove, com Leo Jayme, a música "A Fórmula do Amor II", lançada recentemente. Para ele, "O rock não é mais a música da juventude". A esse respeito, discuta:

a) O que vocês, jovens, costumam ouvir hoje em dia?

Resposta possível: Conclusões do(a)s aluno(a)s.

b) Quais estilos costumam mais apresentar o discurso de contestação na atualidade?

Resposta possível: Conclusões do(a)s aluno(a)s.

Uma sugestão

- Professor(a), sugere-se que leia a matéria completa sobre a afirmação do compositor e intérprete *Leoni* para ampliar a discussão em sala de aula. Segue o link: <http://cultura.estadao.com.br/noticias/musica,o-rock-nao-e-mais-a-musica-da-juventude-diz-leoni,70002266100>. Acesso em 14 de abril de 2018.

O manifesto como gênero da contestação pública...

O manifesto é um desses textos que remetem à emissão de posição pública, contestatória, diante de fatos políticos, linguísticos, religiosos, estéticos.

Professor, seguem links de textos que devem ser lidos com o objetivo de compreender o contexto de produção em textos diversos do gênero manifesto:

Texto 1: Manifesto de Confiança ao Governo Brasileiro.

Disponível em: http://www.globalagribusinessforum.com/arquivos/manifesto_GAF.pdf. Acesso em 30/05/2018.

Texto 2: Manifesto de Girona Sobre os Direitos Linguísticos.

Disponível em: <http://www.pencatala.cat/wp-content/uploads/2016/02/portugues-portuguese.pdf>. Acesso em 30/05/2018.

Texto 3: Manifesto Terra-Mãe.

Disponível em: <http://www.ebah.com.br/content/ABAAAenBoAB/manifesto-a-terra-mae>. Acesso em 30/05/2018.

Texto 4: Manifesto do Senhor Antipyrina.

Disponível em: <http://www.uel.br/projetos/artetextos/textos/dada.htm>. Acesso em 30/05/2018.

Observação: os textos acima encontram-se também em anexo.

Foco nos textos

1. Após a leitura dos 4 textos acima, identifique o tipo de manifesto, fazendo a correspondência adequada:

Coluna dos Textos

Coluna de Classificação dos Tipos

(1) Manifesto de Confiança ao Governo Brasileiro.	(2) Manifesto Linguístico.
(2) Manifesto de Girona Sobre os Direitos Linguísticos	(3) Manifesto Religioso.
(3) Manifesto Terra-Mãe.	(1) Manifesto Político.
(4) Manifesto do Senhor Antipyrina.	(4) Manifesto Estético/Artístico.

2. Identifique o emissor (quem escreveu) e o destinatário (para quem foi escrito) cada manifesto.

Atenção, professor!

É importante lembrar a(o)s aluno(a)s que não é o nome da pessoa, mas quem ela representa: um linguista, um artista, um político, um movimento social, líder religioso, um grupo representativo...

Texto	Emissor	Destinatário
Manifesto 1	O agronegócio brasileiro	Governo Michel Temer

Manifesto 2	Um grupo de escritores / linguistas	A comunidade mundial
Manifesto 3	Um representante indígena	Ao homem branco
Manifesto 4	Um artista Dadá	A burguesia/elite artística mundial

3. Tente agora identificar o objetivo de cada manifesto, numerando cada enunciado de acordo com o tipo de texto.

(2) Apresentar uma perspectiva linguística comprometida pela valorização da diversidade e do respeito a todas as línguas.

(3) Alertar o homem branco sobre a força sagrada da terra, contra o desenvolvimento predatório impulsionado por ele.

(4) Anunciar as ideias estéticas do movimento Dadá, como uma nova concepção de arte que nega o modelo artístico burguês.

(1) Tornar público o apoio do setor do agronegócio ao governo Michel Temer.

5. Há contestação em todos os manifestos? Por que isso ocorre.

Resposta possível: Nem todos os manifestos apresentam contestação. Às vezes eles apresentam um programa, um conjunto de proposições.

Uma primeira leitura...

Objetivos:

- Diagnosticar o domínio do gênero manifesto literário, conforme modelo de análise do interacionismo sociodiscursivo.
- Identificar a zona de desenvolvimento proximal das capacidades de linguagem mobilizadas na leitura do *Manifesto Literário*.

O que será avaliado?

- O domínio do gênero *manifesto literário* por parte do(a)s aluno(a)s, isto é, o que eles já sabem nesse momento e o que precisam aprender.
- O texto sob o qual se pauta a avaliação inicial é o *Manifesto da Poesia Pau-Brasil*.
- Esse diagnóstico identifica a zona de desenvolvimento proximal (ZDP), em relação ao domínio do gênero. Essa atividade orienta o planejamento das intervenções seguintes.

ATENÇÃO, PROFESSOR!

- Explique aos alunos que os resultados dessa primeira atividade serão discutidos em correção coletiva e depois aguardos para comparação com atividade final.
- O instrumento (Ficha de Interpretação Diagnóstica) que deve ser utilizado para avaliar esse diagnóstico inicial consta ao final da atividade. Ele deve ser entregue a cada estudante, para que possa interagir com a resolução das questões, avaliando as respostas apontadas por ele e pelo gabarito da atividade, de modo que tenha um registro do domínio de sua prática leitora. Esse instrumento encontra-se em formato de tabela e deve ser colado no caderno de atividades do(a) aluno(a).

Manifesto da Poesia Pau-Brasil

A poesia existe nos fatos. Os casebres de açafão e de ocre nos verdes da Favela, sob o azul cabralino, são fatos estéticos.

O Carnaval no Rio é o acontecimento religioso da raça. Pau-Brasil. Wagner submerge ante os cordões de Botafogo. Bárbaro e nosso. A formação étnica rica. Riqueza vegetal. O minério. A cozinha. O vatapá, o ouro e a dança.

Toda a história bandeirante e a história comercial do Brasil. O lado doutor, o lado citações, o lado autores conhecidos. Comovente. Rui Barbosa: uma cartola na Senegâmbia. Tudo revertendo em riqueza. A riqueza dos bailes e das frases feitas. Negras de jockey. Odaliscas no Catumbi. Falar difícil. O lado doutor. Fatalidade do primeiro branco aportado e dominando politicamente as selvas selvagens. O bacharel. Não podemos deixar de ser doutos. Doutores. País de dores anônimas, de doutores anônimos. O Império foi assim. Eruditamos tudo. Esquecemos o gavião de penacho.

A nunca exportação de poesia. A poesia anda oculta nos cipós maliciosos da sabedoria. Nas lianas da saudade universitária.

Mas houve um estouro nos aprendimentos. Os homens que sabiam tudo se deformaram como borrachas sopradas. Rebentaram.

A volta à especialização. Filósofos fazendo filosofia, críticos, crítica, donas de casa tratando de cozinha. A Poesia para os poetas. Alegria dos que não sabem e descobrem.

Tinha havido a inversão de tudo, a invasão de tudo: o teatro de base e a luta no palco entre morais e imorais. A tese deve ser decidida em guerra de sociólogos, de homens de lei, gordos e dourados como Corpus Juris.

Ágil o teatro, filho do saltimbanco. Ágil e ilógico. Ágil o romance, nascido da invenção. Ágil a poesia. A poesia Pau-Brasil, ágil e cândida. Como uma criança.

Uma sugestão de Blaise Cendrars: - Tendes as locomotivas cheias, ides partir. Um negro gira a manivela do desvio rotativo em que estais. O menor descuido vos fará partir na direção oposta ao vosso destino.

Contra o gabinetismo, a prática culta da vida. Engenheiros em vez de jurisconsultos, perdidos como chineses na genealogia das ideias.

A língua sem arcaísmos, sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos.

Não há luta na terra de vocações acadêmicas. Há só fardas. Os futuristas e os outros.

Uma única luta - a luta pelo caminho. Dividamos: poesia de importação. E a Poesia Pau-Brasil, de exportação. Houve um fenômeno de democratização estética nas cinco partes sábias do mundo. Instituíra-se o naturalismo.

Copiar. Quadro de carneiros que não fosse lâ mesmo, não prestava. A interpretação no dicionário oral das Escolas de Belas Artes queria dizer reproduzir igualzinho...Veio a pirogravura. As meninas de todos os lares ficaram artistas. Apareceu a máquina fotográfica. E com todas as prerrogativas do cabelo

grande, da caspa e da misteriosa genialidade de olho virado - o artista fotográfico.

Na música, o piano invadiu as saletas nuas, de folhinha na parede. Todas as meninas ficaram pianistas. Surgiu o piano de manivela, o piano de patas. A pleyela. E a ironia eslava compôs para a pleyela. Straviski.

A estatuária andou atrás. As procissões saíram novinhas das fábricas.

Só não se inventou uma máquina de fazer versos - a havia o poeta parnasiano.

Ora, a revolução indicou apenas que a arte voltava para as elites. E as elites começaram desmanchando. Duas fases: 1a) a deformação através do impressionismo, a fragmentação, o caos voluntário. De Cézanne e Malarmé, Rodin e Debussy até agora. 2a) o lirismo, a apresentação no templo, os materiais, a inocência construtiva.

O Brasil profiteur. O Brasil doutor. E a coincidência da primeira construção brasileira no movimento de reconstrução geral. Poesia Pau-Brasil.

Como a época é miraculosa, as leis nasceram do próprio rotamento dinâmico dos fatores destrutivos. A síntese. O equilíbrio. O acabamento de carrosserie. A invenção. A surpresa. Uma nova perspectiva. Uma nova escala. Qualquer esforço natural nesse sentido será bom. Poesia Pau-Brasil.

O trabalho contra o detalhe naturalista - pela síntese; contra a morbidez romântica - pelo equilíbrio geométrico e pelo acabamento técnico; contra a cópia, pela invenção e pela surpresa.

Uma nova perspectiva.

A nova, a de Paolo Ucello criou o naturalismo de apogeu. Era uma ilusão de ótica. Os objetos distantes não diminuam. Era uma lei de aparência. Ora, o momento é de reação à aparência. Reação à cópia. Substituir a perspectiva visual e naturalista por uma perspectiva de outra ordem: sentimental, intelectual, irônica, ingênua.

Uma nova escala:

A outra, a de um mundo proporcionado e catalogado com letras nos livros, crianças nos colos. O reclame produzindo letras maiores que torres. E as novas formas da indústria, da viação, da aviação. Postes. Gasômetros. Rails. Laboratórios e oficinas técnicas. Vozes e tics de fios e ondas e fulgurações. Estrelas familiarizadas com negativos fotográficos. O correspondente da surpresa física em arte.

A reação contra o assunto invasor, diverso da finalidade. A peça de tese era um arranjo monstruoso. O romance de ideias, uma mistura. O quadro histórico, uma aberração. A escultura eloquente, um pavor sem sentido.

Nossa época anuncia a volta ao sentido puro.

Um quadro são linhas e cores. A estatuária são volumes sob a luz.

A Poesia Pau-Brasil é uma sala de jantar das gaiolas, um sujeito magro compondo uma valsa para flauta e a Maricota lendo o jornal. No jornal anda todo o presente.

Nenhuma fórmula para a contemporânea expressão do mundo. Ver com olhos livres.

Temos a base dupla e presente - a floresta e a escola. A raça crédula e dualista e a geometria, a álgebra e a química logo depois da mamadeira e do chá de erva-doce. Um misto de "dorme nenê que o bicho vem pegá" e de equações.

Uma visão que bata nos cilindros dos moinhos, nas turbinas elétricas, nas usinas produtoras, nas questões cambiais, sem perder de vista o Museu Nacional. Pau-Brasil.

Obuses de elevadores, cubos de arranha-céus e a sábia preguiça solar. A reza. O Carnaval. A energia íntima. O sabiá. A hospitalidade um pouco sensual, amorosa. A saudade dos pajés e os campos de aviação militar. Pau-Brasil.

O trabalho da geração futurista foi ciclópico. Acertar o relógio império da literatura nacional. Realizada essa etapa, o problema é outro. Ser regional e puro em sua época.

O estado de inocência substituindo o estado de graça que pode ser uma atitude do espírito. O contrapeso da originalidade nativa para inutilizar a adesão acadêmica.

A reação contra todas as indigestões de sabedoria. O melhor de nossa tradição lírica. O melhor de nossa demonstração moderna.

Apenas brasileiros de nossa época. O necessário de química, de mecânica, de economia e de balística. Tudo digerido. Sem meeting cultural. Práticos. Experimentais. Poetas. Sem reminiscências livrescas. Sem comparações de apoio. Sem pesquisa etimológica. Sem ontologia.

Bárbaros, crédulos, pitorescos e meigos. Leitores de jornais. Pau-Brasil. A floresta e a escola. O Museu Nacional. A cozinha, o minério e a dança. A vegetação. Pau-Brasil.

São Paulo, 18 de março de 1924.

Oswald de Andrade.

ANDRADE, Oswald de. Manifesto Pau-Brasil. São Paulo: **Jornal Correio da Manhã**, 18 de março de 1924. Disponível em: <http://static.recantodasletras.com.br/arquivos/3629805.pdf>. Acesso em 12/03/2017.

Olhar de contexto

1. O *Manifesto da Poesia Pau-Brasil* foi escrito por Oswald de Andrade. Quem foi ele? Que papel ele cumpriu para o surgimento do modernismo?

Resposta possível: Espera-se que o(a)s aluno(a)s conheçam Oswald de Andrade e, portanto, identifiquem-no como artista moderno que cumpriu o papel de divulgador das ideias estéticas que rondaram a semana de arte moderna de 1922.

2. Levante hipóteses: por que foi preciso romper com arte anterior? Qual o objetivo desse texto?

Resposta possível: Espera-se que a leitura contribua para que os alunos compreendam que o rompimento com a estética/arte anterior se deveu por conta do caráter elitista, formal e clássico apresentado, o que não servia aos propósitos modernos, que são defendidos neste texto como aqueles vinculados a uma arte dos fatos reais, da vida cotidiana, sem elitista, nem formalidades.

3. A quem é dirigido o texto?

Resposta possível: Espera-se que o(a)s aluno(a)s compreendam que o texto é dirigido a toda a sociedade brasileira, porque defensor de uma nova concepção estética vinculada a identidade nacional brasileira, representada pela Poesia Pau-Brasil.

Professor(a), é importante frisar, no entanto, que o texto circulou inicialmente no jornal *Correio da Manhã*, destinado a elite paulistana.

A organização do conteúdo temático

4. *Manifesto da Poesia Pau-Brasil* é um texto argumentativo. O que marca isso?

Resposta possível: tem uma tese, ideia ou ponto de vista. Há um discurso que tem comentários favoráveis e contrários. Além de procurar a adesão do leitor à *Poesia Pau-Brasil*.

5. Assinale as alternativas possíveis, colocando V para verdadeira e F para falsa, sobre a estrutura do texto:

- (V) Compõe-se de título, corpo do texto, local, data e assinatura.
- (V) O título representa uma síntese do texto.
- (F) Tem obrigatoriamente signatários.

6. Considerando que em um texto argumentativo, geralmente temos as seguintes fases:

- a) Ideia ou tese
- b) Argumento a favor – comentários favoráveis à ideia apresentada.
- c) Argumento contra – comentários contrários à ideia apresentada.
- d) Conclusão

Associe os trechos que seguem a cada fase argumentativa correspondente:

- (c) *Contra o gabinetismo, a prática culta da vida. Engenheiros em vez de juriconsultos, perdidos como chineses na genealogia das ideias.*
- (b) *A língua sem arcaísmos, sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos.*
- (a) *A poesia existe nos fatos.*
- (d) *Tudo digerido. Sem meeting cultural. Práticos. Experimentais. Poetas. Sem reminiscências livrescas. Sem comparações de apoio. Sem pesquisa etimológica. Sem ontologia. Bárbaros, crédulos, pitorescos e meigos. Leitores de jornais. Pau-Brasil. A floresta e a escola. O Museu Nacional. A cozinha, o minério e a dança. A vegetação. Pau-Brasil.*
- (c) *A reação contra o assunto invasor, diverso da finalidade. A peça de tese era um arranjo monstruoso. O romance de ideias, uma mistura. O quadro histórico, uma aberração. A escultura eloquente, um pavor sem sentido.*
- (b) *O trabalho da geração futurista foi ciclópico. Acertar o relógio império da literatura nacional. Realizada essa etapa, o problema é outro. Ser regional e puro em sua época.*

7. O discurso é organizado no texto através de sequências textuais. Como se trata de texto argumentativo, a sequência predominante é a argumentativa. Mas existem outras: narrativa, expositiva, injuntiva, dialogal, descritiva. A esse respeito, analise os trechos a seguir e aponte a sequência textual correspondente.

Trecho 1:

Uma sugestão de Blaise Cendrars: - Tendes as locomotivas cheias, ides partir. Um negro gira a manivela do desvio rotativo em que estais. O menor descuido vos fará partir na direção oposta ao vosso destino.

Resposta possível: trata-se de trecho com sequência predominante narrativa, marcada pela presença do discurso direto.

Trecho 2:

Dividamos: poesia de importação. E a Poesia Pau-Brasil, de exportação.

Resposta possível: trata-se de trecho com sequência predominante injuntiva, marcada pela presença da forma verbal no imperativo, sugerindo o que deve ser feito *dividamos(...)*.

Olhar linguístico-discursivo

8. Logo no início, o expositor faz referência à existência da *poesia nos fatos*; contra a *erudição*, contra a *importação*, que seja *ágil* e apresente a *língua sem arcaísmos, sem erudição*. Explique a posição dele.

Resposta possível: Argumenta em favor de uma poesia do cotidiano, que usa a língua de modo que seja acessível a todos, portanto, popular, além de representante da agilidade própria da escrita automática, futurista e surreal.

9. Por que *a poesia anda oculta nos cipós maliciosos da sabedoria*? Por que essa poesia ainda não foi exportada, segundo a visão do expositor?

Resposta possível: para o expositor, a poesia produzida até o modernismo era representativa da cópia, do gabinetismo, dos arcaísmos e da erudição, fugindo a uma concepção de identidade nacional. Por isso não poderia ser exportada porque era simplesmente uma tentativa de copiar os modelos clássicos.

10. Como vimos, os manifestos são textos de ruptura/contestação. Ele rompe com a estética anterior. Qual é essa estética? Você concorda com esse rompimento? Justifique

Resposta possível: trata-se da estética parnasiana. É recomendável aceitar as conclusões do(a) aluno(a) sobre o rompimento destacado, já que se trata de percepção estritamente pessoal.

11. O expositor aponta o *poeta parnasiano* como *uma máquina de fazer versos*. Há um juízo de valor negativo? Explique

Resposta possível: é importante que o(a)s aluno(a)s percebam que de fato há sim juízo de valor negativo, na medida em que fazer versos na forma parnasiana não é suficiente para as necessidades modernas.

12. Os textos argumentativos se caracterizam por fazerem a coesão com marcas diversas, sejam operadores argumentativos (mas, porém, desse modo, por conseguinte, etc) e/ou anáforas (essa, esta, aquela, ela, ele, nós, etc.). A esse respeito, julgue os itens:

I – As marcas de coesão quase não aparecem no texto.

II – A ausência de tais marcas prejudica a coesão textual.

III – A quase ausência das marcas destacam uma característica do texto moderno: a fragmentação.

a) I, II e III estão adequadas.

b) I não atende ao apresentado no texto.

c) II está correta.

d) I e III estão adequadas.

e) III foge à característica do modernismo.

Resposta Possível: Espera-se que o(a) aluno(a) perceba que a fragmentação é uma característica desse texto, não prejudicando seu entendimento, mas representando uma influência vanguardista. Portanto, a alternativa adequada é a letra (d).

13. O fio condutor do discurso nesse texto é o jogo entre o passado e o agora, entre o velho e o novo. Quem é quem?

Resposta Possível: Espera-se que o(a) aluno(a) perceba que o passado/velho é representativo da postura da poesia parnasiana, enquanto o agora/novo é mudança moderna anunciada.

14. Ainda sobre as marcas linguístico-discursivas desse texto, analise as afirmações, colocando V para verdadeira e F para falsa:

(V) Na pontuação, predomina o uso do ponto continuativo, com poucos elementos de retomada.

(V) A escolha lexical se confunde com o fazer estético, marcado pelo paralelismo e pela construção nominal, própria da poesia.

(V) O tempo verbal de referência é o presente, uma vez que se deseja argumentar algo da ordem do aqui-agora, porém é comum a utilização do pretérito perfeito para comparar uma situação de ação-alvo contestada.

(V) A variedade predominante é a padrão.

15. Sobre vozes e julgamentos, todas estão adequadas, exceto:

a) O trecho “(...) A contribuição milionária de todos os erros. Como *falamos*. Como *somos* (...)” apresenta voz de expositor.

b) Em “(...) Ora, o momento é de reação à aparência. Reação à cópia. Substituir a perspectiva visual e naturalista por uma perspectiva de outra ordem: sentimental, intelectual, irônica, ingênua.(...)”, há voz neutra, marcada pelo verbo na terceira pessoa.

c) Em “(...) Só não se inventou uma máquina de fazer versos - a havia o poeta parnasiano.(...)” há a menção a voz social daquele que fazia versos na época parnasiana.

d) Em “(...) A *nunca* exportação de poesia. A poesia anda oculta nos cipós maliciosos da sabedoria. Nas lianas da saudade universitária.

Mas houve um estouro nos aprendimentos (...).”, o termo *nunca* evidencia uma ordem, um julgamento sobre como deve ser a poesia Pau-Brasil.

Resposta Possível: Espera-se que o(a) aluno(a) perceba que a alternativa inadequada é a letra **d**. Esta apresenta um julgamento apreciativo do actante. E não uma norma, um valor social a ser defendido, como a questão fora construída.

Ficha de Interpretação Diagnóstica					
Olhar de contexto	Emissor	Consegue identificar quem escreveu o texto?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
		Consegue compreender o papel social desempenhado pelo autor?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
	Receptor	Consegue identificar para quem se destina o texto?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
		Consegue compreender o papel social desempenhado pelo destinatário?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
	Objetivo da interação	Consegue compreender o objetivo do texto?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
Análise da arquitetura textual	A organização do conteúdo temático	Identifica o título como síntese do texto?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
		Compreende o plano (estrutura) do texto?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
		Consegue identificar as fases argumentativas?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
		Identifica as sequências mobilizadas?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
		Identifica as marcas de contestação?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
		Localiza as marcas de implicação do discurso no texto?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
		Identifica os discursos em contraponto?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
	Olhar linguístico-discursivo	Consegue compreender a coesão nominal pela fragmentação?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
		Identifica, na pontuação, o predomínio de ponto continuativo, com poucos elementos de retomada?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
		Identifica escolhas lexicais que primam pela nominalização?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
		Identifica a coesão verbal marcada pelo tempo presente	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
		Compreende adequadamente quem fala no texto?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
		Identifica com propriedade os julgamentos mobilizados?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()

ATENÇÃO, PROFESSOR!

- O preenchimento desse instrumento *Ficha de Interpretação Diagnóstica* deve ser mediado pelo docente, para possibilitar a interação aluno-texto e seus elementos contextuais e constitutivos da arquitetura textual, fazendo uma leitura coletiva como forma de interação com os itens, avaliando as respostas apontadas pelos alunos e o respectivo gabarito da atividade, de modo a confrontá-los para um adequado diagnóstico do domínio da prática leitora do gênero manifesto literário.

Conhecendo um pouco mais do gênero...

Objetivos:

- Compreender o conceito de gênero manifesto.
- Reconhecer as marcas dos discursos mobilizados no manifesto literário.
- Perceber a estética anterior à moderna como uma arte elitista, apegada à forma e, por isso, pouco original, porque uma versão dos modelos clássicos.

O que será avaliado?

- As marcas do discurso da estética parnasiana.
- As marcas que apontam para uma arte moderna como uma estética diversa, original e primitiva.
- Outros elementos discursivos mobilizados nas esquetes e textos lidos.

ATENÇÃO, PROFESSOR!

- Utilize-se de vídeos e slides para promover diálogo aberto sobre os discursos mobilizados.

Conhecendo um pouco mais do gênero

O que é um manifesto?

A palavra manifesto vem do latim *manifestus*, palavra formada por *manus* (mão) e *festus* (agarrado), que tem o sentido de *agarrado à mão*. Trata-se de um gênero cujo aparecimento data dos séculos XVI e XVII, na França, para divulgar posições políticas, declarações de guerra, até tornar-se um documento revolucionário com a publicação do Manifesto Comunista (1848) de Karl Marx e Friedrich Engels (Bortolucce (2015, p. 7)

O dicionário, por conseguinte, afirma que se trata de algo *evidente*, de uma *coisa manifestada*; uma *declaração pública ou solene das razões que justificam certos atos ou (...) direitos*, podendo ser também um *programa político, religioso, etc.* (Ferreira, 2010).

Manifesto é, por isso, uma ferramenta que o cidadão pode usar para emitir posição pública diante de fatos políticos, sociais, linguísticos, religiosos, estéticos. É um texto argumentativo, de tom contestatório, escrito em conformidade com o público-alvo.

O objetivo principal deste texto é dizer não a determinada situação de exercício de uma prática social, vinculada a diversos campos da ação humana. Para isso, o expositor deve usar fortes argumentos para convencer o destinatário que sua contestação é relevante e, assim, poder tê-lo como apoiador/signatário.

No campo literário, o texto utiliza-se de tom agressivo, irônico, recorrendo a estratégias próprias da poesia, como a escrita automática, a nominalização e outras influências vanguardistas modernas, não se utilizando do modelo clássico da coesão nominal feita por conectivos e operadores argumentativos, próprios de textos de sequência argumentativa.

No Brasil, os manifestos literários datam da primeira metade do século XX, com a publicação dos Manifestos da Poesia Pau-Brasil (1924) e Antropófago (1928). Tais textos objetivam convencer o destinatário da importância da arte moderna, de modo a incorporar a arte em si, como caminho fundamental para criar uma produção estética que valoriza uma arte identificada com a identidade do Brasil e de seu povo, inclusive incorporando a língua portuguesa em uso em nosso país, o que significa utilizar-se de linguagem coloquial, não formal, além da linguagem padronizada pela gramática.

Crítica da literatura como versão...

Assistir a esquete *Versão brasileira*, produzida pelo grupo Portas do Fundo.



Disponível em: <https://youtu.be/ykgZvSzcuDk>. Acesso em 01 de março de 2018.

Vamos discutir oralmente?

1. A dublagem é igual à fala do personagem?

Resposta possível: espera-se que o(a)s aluno(a)s percebam que não, pois se trata de uma tentativa de representação da fala, mas apresenta diferenças diversas.

2. O que muda?

Resposta possível: é recomendável aceitar as conclusões do(a) aluno(a), que devem vincular-se às diferenças de entonação, formalidade excessiva, distância da emoção e do cotidiano. Como se a fala não representasse o personagem.

3. Pensemos na literatura: como isso se daria?

Resposta possível: as traduções pouco rigorosas, todo tipo de imitação, faz com que a literatura não pareça autêntica.

4. Imitação será sempre uma falsificação? Por quê?

Resposta possível: a imitação nunca é a realidade. Daí parecer algo artificial, fabricado, distante do real. Por isso sim, uma falsificação.

Observação pertinente:

É importante o professor frisar que a literatura que imitava, copiava ou importava formas de dizer era criticada pelos modernos. Essa literatura era chamada de Parnasiana.

Um pouco da arte pela arte...

Observe o trecho do poema de *Profissão de Fé*, de Olavo Bilac.

(...)

Mais que esse vulto extraordinário,
Que assombra a vista,
Seduz-me um leve relicário
De fino artista.

Invejo o ourives quando escrevo:
Imito o amor
Com que ele, em ouro, o alto relevo
Faz de uma flor.

Imito-o. E, pois, nem de Carrara
A pedra firo:
O alvo cristal, a pedra rara,
O ônix prefiro.

(...)

Torce, aprimora, alteia, lima
A frase; e, enfim,
No verso de ouro engasta a rima,
Como um rubim.

Quero que a estrofe cristalina,
Dobrada ao jeito
Do ourives, saia da oficina
Sem um defeito:

Tome nota

Parnasianismo

Anterior ao Modernismo, o Parnasianismo foi um movimento literário surgido na França, século XIX, influenciado pelo positivismo e pelo espírito científico da época. Buscava valores da antiguidade clássica, o respeito às regras de fazer versos, com prevalência de rimas ricas e estruturas fixas como o soneto, além de valorização da norma padrão gramatical portuguesa, e da arte pela arte, com pouca preocupação com o conteúdo social, porque cultuava a perfeição formal.

O estudo desse movimento é aprofundado no ensino médio, quando se estuda versificação (em conteúdos do primeiro ano) e Parnasianismo (em conteúdos do segundo ano).

(...)

*Assim procedo. Minha pena
Segue esta norma,
Por te servir, Deusa serena,
Serena Forma!*

(...)

*Deixa-o: que venha e uivando passe
- Bando feroz!
Não se te mude a cor da face
E o tom da voz!*

(...)

*Ver esta língua, que cultivo,
Sem ouropéis,
Mirrada ao hálito nocivo
Dos infieis!...*

(...)

Disponível em: <http://www.biblio.com.br/default.asp?link=http://www.biblio.com.br/conteudo/OlavoBilac/profissaodefe.htm>. Acesso em 10/03/2018.

Foco no texto

1. Ao que remete a expressão *fino artista*?

Resposta possível: espera-se que o(a)s aluno(a)s perceba(m) que se trata de um artista refinado, que produz versos sofisticados.

2. As rimas são recursos utilizados pelos poetas para expressarem o sentimento com sonoridade, ritmo e musicalidade. Esse recurso aparece na maior parte dos casos no fim do verso, fazendo coincidir mesma terminação a cada dois ou mais versos. Para além disso, apresentam-se com classes gramaticais diferentes, como em:

(...)

*Ver esta língua, que cultivo,
Sem ouropéis,
Mirrada ao hálito nocivo
Dos infieis!...*

A esse respeito, explique a estrofe acima.

Resposta possível: espera-se que o(a)s aluno(a)s perceba(m) que há mesma sonoridade no emprego de *cultivo* e *nocivo*, dando sonoridade e ritmo à estrofe. As mesmas palavras são representativas das chamadas rimas ricas, que entoam classes gramaticais diferentes.

3. Sobre demais características parnasianas presentes no poema, associe corretamente:

(1) Perfeição formal

(2) Erudição

(3) Recorre a valores clássicos

(1) *Quero que a estrofe cristalina,
Dobrada ao jeito
Do ourives, saia da oficina
Sem um defeito:*

(3) *Assim procedo. Minha pena
Segue esta norma,
Por te servir, Deusa serena,
Serena Forma!*

(2) *Imito-o. E, pois, nem de Carrara*
A pedra firo:
O alvo cristal, a pedra rara,
O ônix prefiro.
(...)

Um outro discurso, da diversidade



Esquete do Grupo Porta dos Fundos “Sotaque”. Disponível em: <https://youtu.be/GVTQO9czBsI>. Acesso em 01 de maio de 2018.

Discutir as variações linguísticas presentes na língua. Formas de dizer por região, classe, idade, dentre outras.

Vamos discutir oralmente?

1. Ao que remete a esquete *Sotaque*?

Resposta possível: **espera-se que o(a)s aluno(a)s aponte(m) que a fala se manifesta em formas diversas.**

2. O personagem varia a fala? Justifique.

Resposta possível: **varia, apresentando sotaques diversos.**

3. Você já deve ter ouvido alguém falar diferente de você. Conte-nos suas impressões dessa experiência.

Resposta possível: **impressões do(a)s aluno(a)s.**

4. Há variações das formas de comunicação em uma língua. Explique quais.

Resposta possível: **a língua apresenta variações geográficas, históricas, por faixa etária, classe social, dentre outras.**

O lirismo dessa diversidade

Poética

Manuel Bandeira

Estou farto do lirismo comedido
Do lirismo bem comportado
Do lirismo funcionário público com livro de ponto expediente
protocolo e manifestações de apreço ao Sr. diretor.

Estou farto do lirismo que para e vai averiguar no dicionário
o cunho vernáculo de um vocábulo.

Abaixo os puristas

Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais
Todas as construções sobretudo as sintaxes de exceção
Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis

Estou farto do lirismo namorador
Político
Raquítico
Sifilítico
De todo lirismo que capitula ao que quer que seja
fora de si mesmo
De resto não é lirismo
Será contabilidade tabela de co-senos secretário do amante
exemplar com cem modelos de cartas e as diferentes
maneiras de agradar às mulheres, etc

Quero antes o lirismo dos loucos
O lirismo dos bêbedos
O lirismo difícil e pungente dos bêbedos
O lirismo dos clowns de Shakespeare

- Não quero mais saber do lirismo que não é libertação.

(BANDEIRA [s.d.] apud CAMPOS et al: 2013, p. 78)

Disponível em: <http://www.mac.usp.br/mac/templates/projetos/educativo/paranoia.html>. Acesso em 01/04/2018.

O Último Poema

Manuel Bandeira

Assim eu queria meu último poema
Que fosse terno dizendo as coisas mais simples e menos intencionais
Que fosse ardente como um soluço sem lágrimas
Que tivesse a beleza das flores quase sem perfume
A pureza da chama em que se consomem os diamantes mais límpidos
A paixão dos suicidas que se matam sem explicação.

Disponível em: <https://www.revistabula.com/564-os-10-melhores-poemas-de-manuel-bandeira/>. Acesso em 01/04/2018.

Pronominais

Oswald de Andrade

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro.

Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/oswal.html#pronominais>. Acesso em 01/04/2018.

Tome nota

Monteiro Lobato pensava diferente...

Em artigo publicado no jornal *O Estado de São Paulo*, em 20 de dezembro de 1917, com o título "A Propósito da Exposição Malfatti", diz assim o autor:

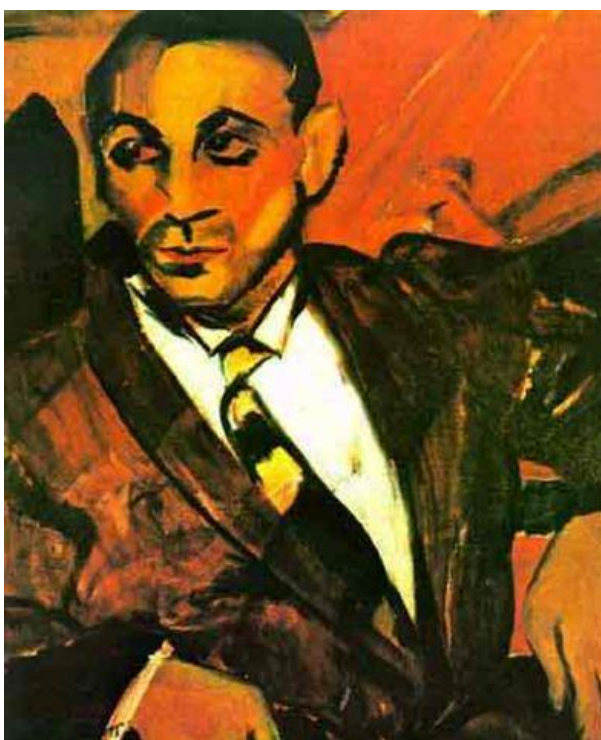
PARANÓIA OU MISTIFICAÇÃO?

Há duas espécies de artistas. Uma composta dos que veem normalmente as coisas e em consequência disso fazem arte pura, guardando os eternos ritmos da vida, e adotados para a concretização das emoções estéticas, os processos clássicos dos grandes mestres. (...). A outra espécie é formada pelos que veem anormalmente a natureza, e interpretam-na à luz de teorias efêmeras, (...) são frutos de fins de estação, bichados ao nascedouro. Estrelas cadentes, brilham um instante, as mais das vezes com a luz de escândalo, e somem-se logo nas trevas do esquecimento.

Escritor brasileiro, nascido em Taubaté, São Paulo. Foi crítico do Modernismo por conta das influências das vanguardas artísticas europeias que esse novo movimento literário recebia. Escreveu diversos livros (*Saci-Pererê* - *O Resultado de um Inquérito*, *Ideias de Jeca Tatu*, *Histórias de Tia Nastácia*, *Urupês*, *Cidades Mortas*, dentre outros), tornando-se o primeiro a publicar para o público infanto-juvenil, com maior destaque para a obra *O Sítio do Pica Pau Amarelo*, adaptada para a televisão aberta.

ATENÇÃO, PROFESSOR!

- Os poemas modernistas lidos servem de recursos complementares que se contrapunham ao parnasianismo. Mas também não eram unânimes na época, como pudemos constatar na crítica de Monteiro Lobato às concepções modernistas, particularmente a exposição de pintura moderna de Anita Malfatti. Neste quesito é importante mostrar a pintura criticada, comentando a respeito das características sobre suas formas não convencionais nas artes visuais do período, o que justifica a postura do escritor.



Título: O Homem Amarelo

Ano: 1915-1916

Dimensões: 61 X 51 cm

Técnica: óleo sobre tela

Localização: Acervo do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, Brasil

Disponível em:

<http://www.arteeartistas.com.br/principais-obras-de-anita-malfatti/>. Acesso em

20 de abril de 2018.

Um pouco mais de discussão?

1. Há diferenças entre as poesias anteriores e a opinião de Monteiro Lobato?

Resposta possível: espera-se que o(a)s aluno(a)s aponte(m) que sim, destacando a forma, o uso da língua, a questão da rima, dentre outras.

2. Você concorda com Monteiro? Justifique.

Resposta possível: impressões do(a)s aluno(a)s.

3. A opinião de Monteiro Lobato está de acordo com o poema Profissão de Fé. Essa maneira de fazer poesia é atraente em nossos dias? Justifique.

Resposta possível: impressões do(a)s aluno(a)s.

Próxima aula



Agora que você já está familiarizado com a noção do discurso do não, com a linguagem literária que apresenta esse discurso, o manifesto literário, é hora de partirmos para o aprofundamento de alguns aspectos da argumentação que esse gênero mobiliza, tais como: o plano de texto, as fases argumentativas, as sequências e o discurso.

Um pouco mais...Manifesto Antropófago

Objetivos:

- Compreender o plano de texto.
- Reconhecer as fases argumentativas.
- Identificar as sequências textuais e os tipos de discursos mobilizadas.

O que será avaliado?

- A interação do(a)s estudantes na leitura *manifesto literário*, focando no que eles precisam aprender a respeito sobre o gênero, no que diz respeito à arquitetura textual e a capacidade discursiva.
- Essa leitura orienta-se por atividades coletivas, com intervenções que favorecem a interação entre os estudantes.

Manifesto Antropófago

Só a Antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente.

Única lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os coletivismos. De todas as religiões. De todos os tratados de paz.

Tupi, or not tupi that is the question.

Contra todas as catequeses. E contra a mãe dos Gracos.

Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago.

Estamos fatigados de todos os maridos católicos suspeitosos postos em drama. Freud acabou com o enigma mulher e com outros sustos da psicologia impressa.

O que atropelava a verdade era a roupa, o impermeável entre o mundo interior e o mundo exterior. A reação contra o homem vestido. O cinema americano informará.

Filhos do sol, mãe dos viventes. Encontrados e amados ferozmente, com toda a hipocrisia da saudade, pelos imigrados, pelos traficados e pelos turistas. No país da cobra grande.

Foi porque nunca tivemos gramáticas, nem coleções de velhos vegetais. E nunca soubemos o que era urbano, suburbano, fronteiriço e continental. Preguiçosos no mapa-múndi do Brasil.

Uma consciência participante, uma rítmica religiosa.

Contra todos os importadores de consciência enlatada. A existência palpável da vida. E a mentalidade pré-lógica para o Sr. Lévy-Bruhl estudar.

Queremos a Revolução Caraíba. Maior que a Revolução Francesa. A unificação de todas as revoltas eficazes na direção do homem. Sem nós a Europa não teria sequer a sua pobre declaração dos direitos do homem.

A idade de ouro anunciada pela América. A idade de ouro. E todas as girls.

Filiação. O contato com o Brasil Caraíba. Ori Villegaignon print terre. Montaigne. O homem natural. Rousseau.

Da Revolução Francesa ao Romantismo, à Revolução Bolchevista, à Revolução Surrealista e ao bárbaro tecnizado de Keyserling. Caminhamos.

Nunca fomos catequizados. Vivemos através de um direito sonâmbulo. Fizemos Cristo nascer na Bahia. Ou em Belém do Pará.

Mas nunca admitimos o nascimento da lógica entre nós.

Contra o Padre Vieira. Autor do nosso primeiro empréstimo, para ganhar comissão. O rei-analfabeto dissera-lhe: ponha isso no papel mas sem muita lábia. Fez-se o empréstimo. Gravou-se o açúcar brasileiro. Vieira deixou o dinheiro em Portugal e nos trouxe a lábia.

O espírito recusa-se a conceber o espírito sem o corpo. O antropomorfismo. Necessidade da vacina antropofágica. Para o equilíbrio contra as religiões de meridiano. E as inquisições exteriores.

Só podemos atender ao mundo orecular.

Tínhamos a justiça codificação da vingança. A ciência codificação da Magia. Antropofagia. A transformação permanente do Tabu em totem.

Contra o mundo reversível e as ideias objetivadas. Cadaverizadas. O stop do pensamento que é dinâmico. O indivíduo vítima do sistema. Fonte das injustiças clássicas. Das injustiças românticas. E o esquecimento das conquistas interiores.

Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros.

O instinto Caraíba.

Morte e vida das hipóteses. Da equação eu parte do Cosmos ao axioma Cosmos parte do eu. Subsistência. Conhecimento. Antropofagia.

Contra as elites vegetais. Em comunicação com o solo.

Nunca fomos catequizados. Fizemos foi Carnaval. O índio vestido de senador do Império. Fingindo de Pitt. Ou figurando nas óperas de Alencar cheio de bons sentimentos portugueses.

Já tínhamos o comunismo. Já tínhamos a língua surrealista. A idade de ouro.

Catiti Catiti

Imara Notiá

Notiá Imara

Ipeju*

A magia e a vida. Tínhamos a relação e a distribuição dos bens físicos, dos bens morais, dos bens dignários. E sabíamos transpor o mistério e a morte com o auxílio de algumas formas gramaticais.

Perguntei a um homem o que era o Direito. Ele me respondeu que era a garantia do exercício da possibilidade. Esse homem chamava-se Galli Mathias. Comi-o.

Só não há determinismo onde há mistério. Mas que temos nós com isso?

Contra as histórias do homem que começam no Cabo Finisterra. O mundo não datado. Não rubricado. Sem Napoleão. Sem César.

A fixação do progresso por meio de catálogos e aparelhos de televisão. Só a maquinaria. E os transfusores de sangue.

Contra as sublimações antagônicas. Trazidas nas caravelas.

Contra a verdade dos povos missionários, definida pela sagacidade de um antropófago, o Visconde de Cairu: – É mentira muitas vezes repetida.

Mas não foram cruzados que vieram. Foram fugitivos de uma civilização que estamos comendo, porque somos fortes e vingativos como o Jabuti.

Se Deus é a consciência do Universo Incriado, Guaraci é a mãe dos viventes. Jaci é a mãe dos vegetais.

Não tivemos especulação. Mas tínhamos adivinhação. Tínhamos Política que é a ciência da distribuição. E um sistema social-planetário.

As migrações. A fuga dos estados tediosos. Contra as escleroses urbanas. Contra os Conservatórios e o tédio especulativo.

De William James e Voronoff. A transfiguração do Tabu em totem. Antropofagia.

O pater famílias e a criação da Moral da Cegonha: Ignorância real das coisas+ fala de imaginação + sentimento de autoridade ante a prole curiosa.

É preciso partir de um profundo ateísmo para se chegar à idéia de Deus. Mas a caraíba não precisava. Porque tinha Guaraci.

O objetivo criado reage com os Anjos da Queda. Depois Moisés divaga. Que temos nós com isso?

Antes dos portugueses descobrirem o Brasil, o Brasil tinha descoberto a felicidade.

Contra o índio de tocheiro. O índio filho de Maria, afilhado de Catarina de Médicis e genro de D. Antônio de Mariz.

A alegria é a prova dos nove.

No matriarcado de Pindorama.

Contra a Memória fonte do costume. A experiência pessoal renovada.

Somos concretistas. As ideias tomam conta, reagem, queimam gente nas praças públicas. Suprimamos as ideias e as outras paralisias. Pelos roteiros. Acreditar nos sinais, acreditar nos instrumentos e nas estrelas.

Contra Goethe, a mãe dos Gracos, e a Corte de D. João VI.

A alegria é a prova dos nove.

A luta entre o que se chamaria Incriado e a Criatura – ilustrada pela contradição permanente do homem e o seu Tabu. O amor cotidiano e o modus vivendi capitalista. Antropofagia. Absorção do inimigo sacro. Para transformá-lo em totem. A humana aventura. A terrena finalidade. Porém, só as puras elites conseguiram realizar a antropofagia carnal, que traz em si o mais alto sentido da vida e evita todos os males identificados por Freud, males catequistas. O que se dá não é uma sublimação do instinto sexual. É a escala termométrica do instinto antropofágico. De carnal, ele se torna eletivo e cria a amizade. Afetivo, o amor. Especulativo, a ciência. Desvia-se e transfere-se. Chegamos ao aviltamento. A baixa antropofagia aglomerada nos pecados de catecismo – a inveja, a usura, a calúnia, o assassinato. Peste dos chamados povos cultos e cristianizados, é contra ela que estamos agindo. Antropófagos.

Contra Anchieta cantando as onze mil virgens do céu, na terra de Iracema, – o patriarca João Ramalho fundador de São Paulo.

A nossa independência ainda não foi proclamada. Frape típica de D. João VI: – Meu filho, põe essa coroa na tua cabeça, antes que algum aventureiro o faça! Expulsamos a dinastia. É preciso expulsar o espírito bragantino, as ordenações e o rapé de Maria da Fonte.

Contra a realidade social, vestida e opressora, cadastrada por Freud – a realidade sem complexos, sem loucura, sem prostituições e sem penitenciárias do matriarcado de Pindorama.

São Paulo, 1º de maio de 1928.

Oswald de Andrade

ANDRADE, Oswald de. Manifesto Antropófago. **Revista de Antropofagia**, Ano 1, No. 1, maio de 1928.

Compreendendo a argumentação no texto...

O objetivo maior no texto argumentativo é fazer o outro convencer-se de nossa ideia. Para isso, não basta, apenas, termos uma posição diante de algum fato ou prática social. Para

além disso, precisamos de argumentos convincentes, para que nossos interlocutores passem a partilhar da mesma ideia que a nossa. Inclusive, nesses textos é comum comentários favoráveis ou contrários para que possamos fortalecer a ideia defendida.

Vamos compreender melhor esse processo argumentativo?

1. O discurso apresenta um expositor predominantemente implicado, isto é, quem fala está presente no texto. Aponte trechos do texto que comprovam isso.

Resposta possível: espera-se que o(a)s aluno(a)s aponte(m) trechos em que é possível verificar, pela desinência verbal, o sujeito do discurso. Como em: “Somos concretistas. As ideias tomam conta, reagem, queimam gente nas praças públicas. Suprimamos as ideias e as outras paralisias.”. No trecho, as formas verbais *somos/suprimamos* indica um expositor que se inclui no discurso através do sujeito desinencial *nós*.

2. Há trechos em que não aparece a implicação do expositor. Isso ocorre quando o verbo vem na terceira pessoa. Aponte trechos em que isso ocorre.

Resposta possível: espera-se que o(a)s aluno(a)s aponte(m) trechos como em: “A alegria é a prova dos nove”. O verbo *ser* na terceira pessoa apresenta um textualizador neutro.

3. Os textos argumentativos apresentam-se com verbos no presente, pois se argumentam algo do aqui-agora, mas há trechos em que o discurso se constrói no passado, como segue:

“Perguntei a um homem o que era o Direito. Ele me respondeu que era a garantia do exercício da possibilidade. Esse homem chamava-se Galli Mathias. Comi-o.”

Análise o trecho e reflita sobre essa escolha de deixar os verbos no passado. Em seguida, comente sobre o efeito de sentido que isso provoca.

Resposta possível: Os verbos no passado são utilizados como elementos de contextualização para marcar a superação histórica da estética anterior sob o princípio da antropofagia. Professor(a), é importante voltar a debater a prática antropofágica e o contexto a que o trecho alude.

4. Esses textos apresentam-se, predominantemente, vinculados ao mundo ordinário, real. Nos manifestos literários, no entanto, há trechos que se apresentam no mundo virtual, da ficção. Apresente um desses trechos e justifique.

Resposta possível: Um trecho que marca o discurso narração, do mundo virtual, aparece em: “Contra o Padre Vieira. Autor do nosso primeiro empréstimo, para ganhar comissão. O rei-analfabeto dissera-lhe: *ponha isso no papel mas sem muita lábia*. Fez-se o empréstimo. Gravou-se o açúcar brasileiro. Vieira deixou o dinheiro em Portugal e nos trouxe a lábia.”

5. Como texto de sequência predominantemente argumentativa, o manifesto pressupõe negociação no debate de uma tese que confronta argumentos, apresentados em 4 fases: 1) *premissa/tese/ponto de vista*, 2) *argumentos*, 3) *contra-argumentos* e 4) *conclusão*. Observe as marcações das etapas argumentativas no texto e, em seguida, preencha os quadros à direita com a fase adequada.

Manifesto Antropófago	
Só a Antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente.	tese
Única lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os coletivismos. De todas as religiões. De todos os tratados de paz.	
Tupi, or not tupi that is the question.	
(...)	
Queremos a Revolução Caraíba. Maior que a Revolução Francesa. A unificação de todas as revoltas eficazes na direção do homem. Sem nós a Europa não teria sequer a sua pobre declaração dos direitos do homem.	argumento
(...)	
Nunca fomos catequizados. Vivemos através de um direito sonâmbulo. Fizemos Cristo nascer na Bahia. Ou em Belém do Pará.	
(...)	
Contra o mundo reversível e as ideias objetivadas. Cadaverizadas. O stop do pensamento que é dinâmico. O indivíduo vítima do sistema. Fonte das injustiças clássicas. Das injustiças românticas. E o esquecimento das conquistas interiores.	Contra-argumento
(...)	
A magia e a vida. Tínhamos a relação e a distribuição dos bens físicos, dos bens morais, dos bens dignários. E sabíamos transpor o mistério e a morte com o auxílio de algumas formas gramaticais.	
Perguntei a um homem o que era o Direito. Ele me respondeu que era a garantia do exercício da possibilidade. Esse homem chamava-se Galli Mathias. Comi-o.	
(...)	
É preciso partir de um profundo ateísmo para se chegar à ideia de Deus. Mas a caraíba não precisava. Porque tinha Guaraci.	argumento
O objetivo criado reage com os Anjos da Queda. Depois Moisés divaga. Que temos nós com isso?	
Antes dos portugueses descobrirem o Brasil, o Brasil tinha descoberto a felicidade.	
(...)	
Somos concretistas. As ideias tomam conta, reagem, queimam gente nas praças públicas. Suprimamos as ideias e as outras paralisias. Pelos roteiros. Acreditar nos sinais, acreditar nos instrumentos e nas estrelas.	argumento
Contra Goethe, a mãe dos Gracos, e a Corte de D. João VI.	
A alegria é a prova dos nove.	
(...)	
A nossa independência ainda não foi proclamada. Frase típica de D. João VI: – Meu filho, põe essa coroa na tua cabeça, antes que algum aventureiro o faça! Expulsamos a dinastia. É preciso expulsar o espírito bragantino, as ordenações e o rapé de Maria da Fonte.	argumento
Contra a realidade social, vestida e opressora, cadastrada por Freud – a realidade sem complexos, sem loucura, sem prostituições e sem penitenciárias do matriarcado de Pindorama.	contra-argumento
São Paulo, maio de 1928.	
Oswald de Andrade	
(ANDRADE, Oswald de. Manifesto Antropófago. Revista de Antropofagia, São Paulo, Ano 1, No. 1, maio de 1928.)	

6. Como podemos explicar a ausência conclusão do Manifesto Antropófago?

Resposta possível: Trata-se de um texto literário, influenciado por vanguardas artísticas que supervalorizam a fragmentação. Por isso, não necessariamente precisa ter uma conclusão.

Um passo adiante no projeto antropofágico: a periferia

Objetivos:

- Utilizar o modelo de análise de textos do interacionismo sociodiscursivo para avaliar o domínio do gênero manifesto literário.
- Avaliar o desenvolvimento de capacidades de linguagem mobilizadas na leitura do *Manifesto Literário*.

O que será avaliado?

- O desenvolvimento das capacidades de linguagem referentes à leitura do gênero *manifesto literário*.
- O texto sob o qual se pauta a avaliação final é o *Manifesto da Antropofagia Periférica*, em intertexto com os *Manifestos Antropófago e da Poesia Pau-Brasil*.
- Essa atividade final orienta a avaliação dos dispositivos adotados.

ATENÇÃO, PROFESSOR!

- Os resultados dessa última atividade devem ser discutidos em correção coletiva e depois comparados com a atividade diagnóstica inicial.
- O instrumento (Ficha avaliativa final) deve ser utilizado para essa avaliação. Ele deve ser entregue a cada estudante, para que possa interagir com a resolução das questões, avaliando as respostas apontadas por ele e pelo gabarito da atividade, de modo que tenha um registro do domínio de sua prática leitora ao final. Esse instrumento encontra-se em formato de tabela e deve ser colado no caderno de atividades do(a) aluno(a).

Manifesto da Antropofagia Periférica

A Periferia nos une pelo amor, pela dor e pela cor. Dos becos e vielas há de vir a voz que grita contra o silêncio que nos pune. Eis que surge das ladeiras um povo lindo e inteligente galopando contra o passado. A favor de um futuro limpo, para todos os brasileiros.

A favor de um subúrbio que clama por arte e cultura, e universidade para a diversidade. Agogôs e tamborins acompanhados de violinos, só depois da aula.

Contra a arte patrocinada pelos que corrompem a liberdade de opção. Contra a arte fabricada para destruir o senso crítico, a emoção e a sensibilidade que nasce da múltipla escolha.

A Arte que liberta não pode vir da mão que escraviza.

A favor do batuque da cozinha que nasce na cozinha e sinhá não quer. Da poesia periférica que brota na porta do bar.

Do teatro que não vem do “ter ou não ter...”. Do cinema real que transmite ilusão.

Das Artes Plásticas, que, de concreto, querem substituir os barracos de madeira.

Da Dança que desafoga no lago dos cisnes.

Da Música que não embala os adormecidos.

Da Literatura das ruas despertando nas calçadas.

A Periferia unida, no centro de todas as coisas.

Contra o racismo, a intolerância e as injustiças sociais das quais a arte vigente não fala.

Contra o artista surdo-mudo e a letra que não fala.

É preciso sugar da arte um novo tipo de artista: o artista-cidadão. Aquele que na sua arte não revoluciona o mundo, mas também não compactua com a mediocridade que imbeciliza um povo desprovido de oportunidades. Um artista a serviço da comunidade, do país. Que, armado da verdade, por si só exercita a revolução.

Contra a arte domingueira que defeca em nossa sala e nos hipnotiza no colo da poltrona.

Contra a barbárie que é a falta de bibliotecas, cinemas, museus, teatros e espaços para o acesso à produção cultural.

Contra reis e rainhas do castelo globalizado e quadril avantajado.

Contra o capital que ignora o interior a favor do exterior. Miami pra eles? “Me ame pra nós!”.

Contra os carrascos e as vítimas do sistema.

Contra os covardes e eruditos de aquário.

Contra o artista serviçal escravo da vaidade.

Contra os vampiros das verbas públicas e arte privada.

A Arte que liberta não pode vir da mão que escraviza.

Por uma Periferia que nos une pelo amor, pela dor e pela cor.

É TUDO NOSSO!

São Paulo, 18 de setembro de 2007.

Sérgio Vaz

VAZ, Sérgio. Manifesto da Antropofagia Periférica. **Revista de Época**, , São Paulo, nº 487, 18 de setembro de 2007. Disponível em:

Olhar de contexto

1. O *Manifesto da Antropofagia Periférica* foi escrito por Sérgio Vaz. Quem é ele? Que papel social ele representa?

Resposta possível: Sérgio Vaz é um artista da periferia de São Paulo, que cumpre um papel de poeta, divulgador das ideias estéticas da poesia que se faz na periferia.

2. Levante hipóteses: por que foi preciso dar um passo a mais na antropofagia? Qual o objetivo desse texto?

Resposta possível: Não se tem museus, nem teatros ou bibliotecas na periferia. A cultura dominante não fala da arte cidadã. Por isso, esse texto objetiva dar um passo adiante e trazer à tona uma arte que se identifique com a construção da cidadania, com a fala dos invisíveis da periferia.

3. A quem é dirigido o texto da Antropofagia Periférica?

Resposta possível: Espera-se que o(a)s aluno(a)s compreendam que o texto é dirigido à própria periferia, porque a arte cidadã não pode ser produzida por quem escravizada, quem impede o exercício da cidadania.

4. Qual a importância da periferia para a literatura?

Resposta possível: Espera-se que o(a)s aluno(a)s destaque(m) que a periferia é um novo passo na construção da identidade nacional, antropofágica, porque traz à tona uma poesia cidadã, dos fatos cotidianos.

5. Em relação aos destinatários nos três manifestos estudados, quais as semelhanças?

Resposta possível:

Ambos não são endereçados explicitamente a uma determinada pessoa. Eles são textos públicos, o destinatário é representado por um grupo de pessoas: no texto 1, os leitores do Correio da Manhã; no texto 2, os leitores da Revista de Antropofagia; no 3, leitores da Revista Época e pessoas identificadas com o universo cultural da periferia.

A organização do conteúdo temático

6. Os manifestos defendem ideias. Textos que defendem ideias podem ser chamados de argumentativos? Por quê?

Resposta possível: Sim. Porque eles não só expressam uma opinião, mas também levantam argumentos (comentários) para defender essa opinião.

7. Quando defendemos uma ideia/tese/opinião/premissa (são todos sinônimos), nós temos que argumentar a favor dessa nossa opinião? Por quê?

Resposta possível: Se não argumentamos, nossa opinião fica frágil. Ficamos meio perdidos no achismo “– eu acho isso, aquilo...”, sem dizer os porquês daquela posição.

8. Em relação à estrutura, o que os três textos têm em comum?

Resposta possível:

- A identificação do emissor e do discurso do não.
- Título, que enuncia uma síntese do texto.
- Corpo do texto.
- Nome do emissor, local, data e meio de circulação.

9. O *Manifesto da Antropofagia Periférica* estabelece uma relação intertextual com o *Manifesto Antropófago*. Com base nessa relação, associe as expressões do texto de 2007 que remetem ao de 1928, escrito por Oswald de Andrade:

(1) “ter ou não ter...”.

(2) “Periferia”

(3) “Contra reis e rainhas do castelo globalizado e quadril avantajado.”

(4) “Pelo amor, pela dor e pela cor.”

(3) “A nossa independência ainda não foi proclamada. Frape típica de D. João VI: – Meu filho, põe essa coroa na tua cabeça, antes que algum aventureiro o faça! Expulsamos a dinastia. É preciso expulsar o espírito bragantino, as ordenações e o rapé de Maria da Fonte.”

(1) “Tupi, or not tupi that is the question.”

(2) “Antropofagia.”

(4) “Socialmente. Economicamente. Filosoficamente.”

10. O Considerando que em um texto argumentativo, geralmente temos as seguintes fases:

- a) Ideia ou tese
- b) Argumento a favor – comentários favoráveis à ideia apresentada.
- c) Argumento contra – comentários contrários à ideia apresentada.
- d) Conclusão

Observe os trechos assinalados e indique à direita a fase correspondente:

Manifesto da Antropofagia Periférica	
A Periferia nos une pelo amor, pela dor e pela cor. Dos becos e vielas há de vir a voz que grita contra o silêncio que nos pune. Eis que surge das ladeiras um povo lindo e inteligente galopando contra o passado. A favor de um futuro limpo, para todos os brasileiros.	Tese/ideia
A favor de um subúrbio que clama por arte e cultura, e universidade para a diversidade. Agogôs e tamborins acompanhados de violinos, só depois da aula.	argumento
Contra a arte patrocinada pelos que corrompem a liberdade de opção. Contra a arte fabricada para destruir o senso crítico, a emoção e a sensibilidade que nasce da múltipla escolha.	Contra-argumento
A arte que liberta não pode vir da mão que escraviza.	
A favor do batuque da cozinha que nasce na cozinha e sinhá não quer. Da poesia periférica que brota na porta do bar.	argumento
Do teatro que não vem do “ter ou não ter...”. Do cinema real que transmite ilusão.	
Das Artes Plásticas, que, de concreto, querem substituir os barracos de madeira.	
Da Dança que desafoja no lago dos cisnes.	
Da Música que não embala os adormecidos.	
Da Literatura das ruas despertando nas calçadas.	argumento
A Periferia unida, no centro de todas as coisas.	
Contra o racismo, a intolerância e as injustiças sociais das quais a arte vigente não fala.	
Contra o artista surdo-mudo e a letra que não fala.	
É preciso sugar da arte um novo tipo de artista: o artista-cidadão. Aquele que na sua arte não revoluciona o mundo, mas também não compactua com a mediocridade que imbeciliza um povo desprovido de oportunidades. Um artista a serviço da comunidade, do país. Que, armado da verdade, por si só exercita a revolução.	Argumento
Contra a arte domingueira que defeca em nossa sala e nos hipnotiza no colo da poltrona.	
Contra a barbárie que é a falta de bibliotecas, cinemas, museus, teatros e espaços para o acesso à produção cultural.	
Contra reis e rainhas do castelo globalizado e quadril avantajado.	
Contra o capital que ignora o interior a favor do exterior. Miami pra eles? “me ame pra nós!”.	Contra-argumento
Contra os carrascos e as vítimas do sistema.	
Contra os covardes e eruditos de aquário.	
Contra o artista serviçal escravo da vaidade.	
Contra os vampiros das verbas públicas e arte privada.	
A Arte que liberta não pode vir da mão que escraviza.	
Por uma Periferia que nos une pelo amor, pela dor e pela cor.	conclusão
É TUDO NOSSO!	
São Paulo, 18 de setembro de 2007	
Sérgio Vaz	
FONTE: Revista Época, São Paulo, nº 487, 18 de setembro de 2007	

11. Analise as afirmativas sobre o discurso no manifesto literário:

“(...) Contra todas as catequese. E contra a mãe dos Gracos.

Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago. (...)

Contra todos os importadores de consciência enlatada. A existência palpável da vida. E a mentalidade pré-lógica para o Sr. Lévy-Bruhl estudar. (...)

Contra o Padre Vieira. Autor do *nosso* primeiro empréstimo, para ganhar comissão. (...)” (ANDRADE, Oswald de. Manifesto Antropófago. Revista de Antropofagia, São Paulo, Ano 1, No. 1, maio de 1928).

I – há uma representação explícita de um discurso implicado, isto é, marcado pela presença do expositor no texto.

II - marcas verbais indicam que a ação de linguagem coincide com o momento de produção textual.

As marcas linguísticas que confirmam as afirmações são, respetivamente:

a) Os pronomes “me”, “meu” e “nosso” indicam discurso implicado, enquanto a forma verbal “interessa” indica que a ação de linguagem coincide com o presente, a realidade.

b) O termo “todos” evoca um discurso isolado, distante do presente e da realidade.

c) O “é”, o “e” e “só” indicam discurso implicado, enquanto a forma verbal “é” indica que a ação de linguagem coincide com o presente, da realidade.

d) Os termo “contra”, “para” e “todos” indicam discurso implicado, enquanto a forma verbal “interessa” indica que a ação de linguagem não coincide com o presente, da realidade.

e) NRA (nenhuma das respostas anteriores).

Resposta Possível: Espera-se que o(a) aluno(a) perceba que a alternativa adequada é a letra a, tendo em vista que explica a implicação e a conjunção discursiva.

12. Como vimos, os manifestos são textos de ruptura/contestação. O *Manifesto da Antropofagia Periférica* rompe com qual estética. Você concorda com esse rompimento? Justifique.

Resposta possível: trata-se de rompimento com a arte que escraviza, vinculada a uma estética elitista, que não fala, nem constrói cidadania, uma arte que não chega à periferia.

13. O expositor aponta que o artista periférico deve estar *a serviço da comunidade, do país. Que, armado da verdade, por si só exercita a revolução*. Por que a verdade é tão importante na periferia? O que é estar a serviço da comunidade?

Resposta possível: a verdade é muito importante porque é transmitida para a periferia a mentira sobre a desigualdade social, as injustiças e a falta de acesso à arte. Ser verdadeiro é ser revolucionário. Desse modo, é tarefa de todo artista-cidadão falar do cotidiano, da vida difícil da comunidade.

14. O fio condutor do discurso no *Manifesto da Antropofagia Periférica* é o jogo entre a periferia e o centro elitista, entre o artista-cidadão e o artista surdo-mudo. Como mudar essa realidade?

Resposta Possível: Espera-se que o(a) aluno(a) aponte que uma forma de mudar essa realidade é democratizando o acesso aos bens culturais, acabando com as discriminações de qualquer tipo, o que só é possível revolucionando o mundo, em favor de uma sociedade para todos.

Olhar linguístico-discursivo

15. Explique a fragmentação nos manifestos literários.

Resposta Possível: Espera-se que o(a) aluno(a) discuta que a fragmentação é uma característica desses textos, não prejudicando seu entendimento, mas representando uma influência vanguardista.

16. Ainda sobre as marcas linguístico-discursivas desse texto, analise as afirmações, colocando V para verdadeira e F para falsa:

(F) Há poucos pontos continuativos, com muitos elementos de retomada.

(V) A escolha lexical se confunde com o fazer estético, marcado pelo paralelismo e pela construção nominal, própria da poesia.

(V) O tempo verbal de referência é o presente, uma vez que se deseja argumentar algo da ordem do aqui-agora, porém é comum a utilização do pretérito perfeito para comparar uma situação de ação-alvo a que se contesta.

17. Determinadas marcas apontam quem enuncia no manifesto literário. Esse processo de enunciação é representativo das vozes que falam no texto. A esse respeito, associe adequadamente:

(1) Voz de expositor, representando os propósitos modernos.

(2) Voz neutra, deduzida da 3ª pessoa do verbo.

(3) Voz de expositor, representando o artista da periferia.

(4) Voz de personagem

(4) “*O rei-analfabeto dissera-lhe: ponha isso no papel mas sem muita lábia. Fez-se o empréstimo. Gravou-se o açúcar brasileiro. Vieira deixou o dinheiro em Portugal e nos trouxe a lábia (...)*”.

(ANDRADE, Oswald de. Manifesto Antropófago. Revista de Antropofagia, São Paulo, Ano 1, No. 1, maio de 1928).

(1) “*Queremos a Revolução Caraíba. Maior que a Revolução Francesa. A unificação de todas as revoltas eficazes na direção do homem. Sem nós a Europa não teria sequer a sua pobre declaração dos direitos do homem*”

(ANDRADE, Oswald de. Manifesto Antropófago. Revista de Antropofagia, São Paulo, Ano 1, No. 1, maio de 1928).

(2) “*A Arte que liberta não pode vir da mão que escraviza*”.

(VAZ, Sérgio. Manifesto da Antropofagia Periférica. **Revista Época**, São Paulo, nº 487, 18 de setembro de 2007.)

(3) “*A Periferia nos une pelo amor, pela dor e pela cor*”.

(VAZ, Sérgio. Manifesto da Antropofagia Periférica. **Revista Época**, São Paulo, nº 487, 18 de setembro de 2007.)

18. O trecho “É preciso sugar da arte um novo tipo de artista: o artista-cidadão. Aquele que na sua arte não revoluciona o mundo, mas também não compactua com a mediocridade que imbeciliza um povo desprovido de oportunidades. Um artista a serviço da comunidade, do país. Que, armado da verdade, por si só exercita a revolução.”, o emprego da locução verbal “É preciso”, marca:

- a) uma avaliação dos valores defendidos pela antropofagia periférica.
- b) uma avaliação do conteúdo temático pautada em critérios prováveis.
- c) uma avaliação explicitada nas capacidades da estética do expositor.
- d) uma avaliação que aprecia aspectos do mundo subjetivo.

Resposta Possível: Espera-se que o(a) aluno(a) perceba que a alternativa adequada é a letra a, tendo em vista que se trata de trecho com modalização deôntica, vinculada aos valores e opiniões do mundo social, periférico.

Ficha de Interpretação Final					
Olhar de contexto	Emissor	Consegue identificar quem escreveu o texto?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
		Consegue compreender o papel social desempenhado pelo autor?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
	Receptor	Consegue identificar para quem se destina o texto?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
		Consegue compreender o papel social desempenhado pelo destinatário?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
	Objetivo da interação	Consegue compreender o objetivo do texto?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
Análise da arquitetura textual	A organização do conteúdo temático	Identifica o título como síntese do texto?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
		Compreende o plano (estrutura) do texto?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
		Consegue identificar as fases argumentativas?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
		Identifica as sequências mobilizadas?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
		Identifica as marcas de contestação?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
		Localiza as marcas de implicação do discurso no texto?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
		Identifica os discursos em contraponto?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
	Olhar linguístico-discursivo	Consegue compreender a coesão nominal pela fragmentação?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
		Identifica, na pontuação, o predomínio de ponto continuativo, com poucos elementos de retomada?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
		Identifica escolhas lexicais que primam pela nominalização?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
		Identifica a coesão verbal marcada pelo tempo presente	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
		Compreende adequadamente quem fala no texto?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()
		Identifica com propriedade os julgamentos mobilizados?	Sim ()	Medianamente ()	Não ()

Referências

ANDRADE, Oswald de. Manifesto Antropófago. São Paulo: **Revista de Antropofagia**, n.1, ano 1, maio de 1928. Disponível em: <http://www.uel.br/projetos/artetextos/textos/antropofagico.htm>. Acesso em 12/03/2017.

_____. Manifesto Pau-Brasil. São Paulo: **Jornal Correio da Manhã**, 18 de março de 1924. Disponível em: <http://static.recantodasletras.com.br/arquivos/3629805.pdf>. Acesso em 12/03/2017.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. In: BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p.261-306.

BORTULUCCE, Vanessa Beatriz. O manifesto como poética da modernidade. São Paulo. **Revista Literatura e Sociedade**: Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da USP. n. 21, 2015. p. 5 -17.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais de língua portuguesa**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Brasília: MEC, 1998.

BRONCKART, J. P. **Atividades de linguagem, textos e discurso**: por um interacionismo sociodiscursivo. Trad. de Anna Rachel Machado e Péricles da Cunha. São Paulo: Educ, 2009.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, Bernard. **Sequências didáticas para o oral e a escrita**: apresentação de um procedimento. In: DOLZ, J. e SCHNEUWLY, B. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 95-128.

FERREIRA, Aurelio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa** - 5ª edição histórica 100 Anos. Rio de Janeiro: editora positivo, 2010.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaevich. **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos/SP: Pedro e João Editores, 2013. Organização, tradução e notas: João Wanderley Geraldi.

Apêndice: Conceitos centrais do ISD

O modelo de análise de textos do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD)

O modelo de análise de textos do ISD apresenta dois níveis: um relacionado ao contexto de produção e, o outro, voltado à arquitetura interna, também chamado *folhado ou arquitetura textual*.

A compreensão do contexto de produção para a leitura dos textos

Bronckart (2009), aponta dois mundos que mobilizam o contexto da ação de linguagem:

a) *o mundo físico*, que mobiliza coordenadas espaço-temporais voltadas para uma ação de linguagem situada em um *lugar físico e em um momento de produção*, feita por um *emissor* para um *receptor*, inseridos numa situação imediata; e

b) *o mundo sociossubjetivo*, que vincula a ação de linguagem à *interação entre o mundo social e o subjetivo*, ambos estabelecidos pelas *normas/valores* e pela *imagem que o agente-produtor faz de si e do destinatário ao agir*, inseridos numa situação mais ampla do contexto social, histórico e ideológico da comunicação.

A esse respeito, observe o quadro:

Quadro 1: mundos formais e condições de produção

Mundo físico		Mundo sociossubjetivo	
Contexto das coordenadas espaço-temporais em que se dá a ação de linguagem implicadas na produção de um texto.		Contexto das normas e valores sociais, bem como da imagem que o agente faz de si e do destinatário ao realizar uma ação de linguagem.	
Coordenadas	Questionamentos mobilizados	Coordenadas	Questionamentos mobilizados
O <i>lugar</i> físico de produção.	De onde escreveu?	O <i>lugar social</i> no qual o texto é produzido (escola, família, igreja, movimento artístico, social, sindical, político, etc.).	Que instituição ou lugar social representa?
O <i>momento</i> de produção.	Quando foi escrito?	Os <i>objetivos da interação</i> .	Quais efeitos o enunciador pretende

			produzir no destinatário?
O <i>emissor</i> : pessoa que produz fisicamente o texto.	Quem escreveu?	A posição social do emissor ou <i>enunciador</i> .	Qual a posição social de quem enuncia?
O <i>receptor</i> : a(s) pessoa(s) que recebe(m) concretamente o texto.	Para quem?	A posição social do receptor ou <i>destinatário</i> .	Qual a posição social de quem recebe a enunciação?

(Adaptado de Bronckart, 2009)

A arquitetura textual

Há três níveis de organização interna dos textos:

a) no nível mais profundo, há a *infraestrutura global*, que compreende o plano geral (organização resumida das partes constitutivas), os tipos de discursos (interativo, teórico, narração e relato interativo) e de sequências (narrativa, descritiva, argumentativa, explicativa, injuntiva, dialogal, script e esquematização).

b) no nível intermediário, ocorrem os *mecanismos de textualização*, que articulam a progressão do conteúdo temático dos textos, a partir de unidades linguísticas que marcam as relações de continuidade, ruptura e contraste, agrupadas em três grandes conjuntos: conexão, coesão nominal e coesão verbal.

Há quatro tipos linguísticos que marcam a conexão, segundo Bronckart (2009):

- 1) advérbios ou locuções adverbiais
- 2) sintagmas preposicionais
- 3) conjunções de coordenação
- 4) conjunções de subordinação

Quanto à coesão *nominal*, dar-se-á a partir da explicitação de relações de dependência entre referentes, sendo realizada por anáforas, nominais ou pronominais, constituindo uma organização em cadeia (Barros, 2012, p. 61).

Finalmente, a coesão verbal, que se dá através das escolhas dos verbos, e respectivos tempos, que contribuem para dar coerência temática aos textos.

c) no nível mais superficial, há *os mecanismos de responsabilização enunciativa*, que apresentam as vozes e as modalizações. Neste nível, ocorre a coerência pragmática (ou interativa), definida tanto pela responsabilidade do que é enunciado quanto pelas avaliações contidas no conteúdo temático.

Vejamos como elas se apresentam:

a) Voz do expositor

Corresponde à a voz que procede diretamente da pessoa que está na origem da produção textual e que intervém, como tal, para comentar ou avaliar alguns aspectos do que é enunciado. Bronckart (2009, p. 328) assim exemplifica:

Ex.: “Mas chegou o momento de te revelar – ó meu leitor [...] – que não vimos a Bangkok, Sua Majestade Bérurier e eu, para elucidar esse tipo de quebra-cabeça chinês. (F. Dard, *A prende ou à lécher*, p.26).

No trecho acima, a expressão *ó meu leitor* atribui a responsabilidade pelo que é dito a F. Dard, escritor.

No Manifesto da Poesia Pau-Brasil, essa responsabilidade pelo que é enunciado aparece na avaliação que o expositor faz daquilo que fala, como em: “(...) A contribuição milionária de todos os erros. Como *falamos*. Como *somos* (...)”, em que o dêitico pessoal “nós”, inferido da forma desinencial de “falamos” e “somos”, remete-se aos erros que constituem a grande contribuição de nossa cultura.

b) Voz neutra

Diz respeito à voz do narrador ou do expositor/textualizador, como instância geral da enunciação, deduzida, principalmente, do uso da 3ª pessoa:

Ex.: “(...) A estatuária *andou* atrás. As procissões *sáíram* novinhas das fábricas. Só não se *inventou* uma máquina de fazer versos - a havia o poeta parnasiano. Ora, a revolução *indicou* apenas que a arte voltava para as elites (...)”. (Manifesto da Poesia Pau-Brasil)

c) Voz de personagem

A voz secundária de um personagem pode proceder de segmentos de textos na primeira pessoa ou na terceira pessoa, conforme destaque no trecho que segue:

Ex.: “(...) Contra o Padre Vieira. Autor do nosso primeiro empréstimo, para ganhar comissão. *O rei-analfabeto dissera-lhe: ponha isso no papel mas sem muita lábia*. Fez-se o empréstimo. Gravou-se o açúcar brasileiro. Vieira deixou o dinheiro em Portugal e nos trouxe a lábia (...)”. (Manifesto Antropófago)

Como se observa, a voz de personagem aparece, no segmento exemplificado, marcada pelo dêitico pessoal “lhe”, que retoma “rei-analfabeto”, personagem que fala no texto, determinando que seja posta uma norma para o estabelecimento de um imposto sobre o açúcar, no trecho “ponha isso no papel mas sem muita lábia”.

c) Vozes sociais

São as vozes provenientes de personagens, grupos ou instituições sociais, mencionadas como instâncias externas e, por isso, não intervêm como agentes de um dado segmento de texto.

Ex.: “(...) *Contra o Padre Vieira*. Autor do nosso primeiro empréstimo, para ganhar comissão. O rei-analfabeto dissera-lhe: ponha isso no papel mas sem muita lábia. Fez-se o empréstimo. Gravou-se o açúcar brasileiro. Vieira deixou o dinheiro em Portugal e nos trouxe a lábia (...)”. (Manifesto Antropófago)

Constata-se a referência a voz externa do Padre Antonio Vieira (1608 – 1697), que foi um reconhecido intelectual, erudito, qualidade que o tornou conselheiro e diplomata do rei, inclusive, propondo a criação da Companhia Geral do Comércio do Brasil e, com ela, o tributo sobre produtos como o açúcar, conforme aponta Loureiro (2015, p. 12).

Outra instância de responsabilização enunciativa, traduzida nos diversos comentários ou avaliações dentro de um conteúdo temático, pode ser encontrada nas modalizações:

a) Modalização lógica

Avalia aspectos do conteúdo temático, pautados em critérios e conhecimentos (certos, possíveis, prováveis, eventuais, necessários, etc.)

Ex.: “(...)O estado de inocência substituindo o estado de graça que *pode ser* uma atitude do espírito. O contrapeso da originalidade nativa para inutilizar a adesão acadêmica (...)”. (Manifesto Antropófago)

A avaliação do mundo objetivo é atestada pela presença da locução verbal “pode ser”, que tem mesmo valor semântico de “é possível”, indicando uma probabilidade de construção identitária, em oposição ao academicismo que dominava o fazer estético do período em que o manifesto tinha surgido.

b) Modalização deôntica

Avalia aspectos do conteúdo temático procedentes das regras, dos valores e das opiniões do mundo social.

Ex.: “(...) Expulsamos a dinastia. *É preciso* expulsar o espírito bragantino, as ordenações e o rapé de Maria da Fonte (...)”. (Manifesto Antropófago).

Neste segmento, o emprego da locução verbal “É preciso”, representa uma prescrição utilizada pelo actante para evidenciar a opinião contrária ao Brasil que ainda carrega valores do tempo de colônia de Portugal.

c) Modalização apreciativa

Avalia aspectos do conteúdo temático, procedentes do mundo subjetivo.

Ex.: “(...)Nunca fomos catequizados. Vivemos através de um direito sonâmbulo. Fizemos Cristo nascer na Bahia. Ou em Belém do Pará.

Mas *nunca* admitimos o nascimento da lógica entre nós (...)” (Manifesto Antropófago)

Como se pode constatar, o emprego do advérbio de tempo “nunca”, representa um julgamento do actante em relação à admissão do nascimento da lógica entre nós, brasileiros. Forma semelhante encontramos no Manifesto da Poesia Pau-Brasil:

“(...) A *nunca* exportação de poesia. A poesia anda oculta nos cipós maliciosos da sabedoria. Nas lianas da saudade universitária.

Mas houve um estouro nos aprendimentos (...).”

d) Modalização pragmática

Explicita as intenções, razões ou capacidades de ação do agente do texto.

Ex.: “*Temos* a base dupla e presente - a floresta e a escola. A raça crédula e dualista e a geometria, a álgebra e a química logo depois da mamadeira e do chá de erva-doce. Um misto de "dorme nenê que o bicho vem pegá" e de equações.

Uma visão que *bata* nos cilindros dos moinhos, nas turbinas elétricas, nas usinas produtoras, nas questões cambiais, sem perder de vista o Museu Nacional. Pau-Brasil.” (Manifesto da Poesia Pau-Brasil).

As formas verbais “temos” e “bata” dizem respeito a um agente (nós) que propõe à ação de projetar a visão de bater sobre as realizações modernas (turbinas elétricas, usinas, etc.), em sintonia com a nossa identidade (Pau-Brasil).

Os Tipos de discurso

O ISD desenvolveu o conceito de tipos de discurso (TD) associado aos chamados *mundos discursivos ou da enunciação*, levando-se em conta: de um lado, a organização temporal dos enunciados; de outro, a organização atorial, isto é, os agentes mobilizados no

texto, bem como a situação de produção. Com se poderá ver em seguida, não estamos tratando dos discursos presentes em sequências textuais conversacionais ou dialogais, comuns na fala de personagem em gêneros predominantemente narrativos.

Do ponto de vista da organização temporal, os enunciados podem se dar de forma *conjunta* ou *disjunta*. Assim, ocorre relação de *conjunção* quando a ação de linguagem se dá no mundo real/ordinário, coincidindo no tempo e se traduzindo na *ordem do expor*, com os discursos *teórico* e *interativo*. Por outro lado, a relação estabelecida de *disjunção* entre os enunciados se dá na *ordem do narrar*, com os discursos *relato interativo* e *narração*, que apresentam o conteúdo temático distante do mundo real/ordinário, não fazendo coincidir o tempo com a situação de produção.

De modo análogo, a relação entre os agentes mobilizados no texto e a situação de produção, evidencia a organização atorial, que destaca os tipos psicológicos correspondentes, e ocorre de duas formas: *implicada* e *autônoma*. A primeira, aparece nos *discursos interativos* e nos *relatos interativos*, porque fazem coincidir os agentes mobilizados no texto e na situação de produção; a segunda, diz respeito ao *discurso teórico* e à *narração*, em que os agentes mobilizados no texto não coincidem com os da situação de produção.

Os TD têm importância central para análise do texto, porque incorporam as línguas, as linguagens e os estilos como elementos constitutivos da heterogeneidade textual, sendo, por isso, uma das características dos gêneros, diretamente associada ao agir linguageiro, conforme pontua Machado (2005, p. 245). Observe a síntese dos TD no quadro:

Quadro 2: Tipos de discurso

		ORGANIZAÇÃO TEMPORAL	
		Coordenadas gerais dos mundos e dos tipos de discurso	
		Ordem do Expor (conjunção)	Ordem do Narrar (disjunção)
		Discurso Interativo	Relato Interativo
ORGANIZAÇÃO ATORIAL	Implicado	Discurso Teórico	Narração
	Autônomo		

Bronckart (2009, p. 157)

Semiotização dos discursos em unidades linguísticas

Em cada tipo de discurso ocorre a semiotização (tradução) tipo linguístico, formado por um conjunto de unidades linguísticas que o caracterizam. Vejamos como, em cada mundo discursivo, isso aparece caracterizado.

Em relação aos textos que se apresentam implicados, temos as seguintes características linguísticas, conforme Bronckart (2009, p. 166-176):

a) Discurso interativo:

- Pode ser dialogado ou monologado, oral ou escrito;
- Alternância de turnos de fala nas formas dialogadas;
- Presença de unidades que remetem à interação verbal (real ou encenada);
- Presença de frases não declarativas (interrogativas, imperativas e exclamativas);
- Exploração do subsistema de verbos do plano do discurso

(Benveniste): presente, pretérito perfeito e futuro perifrástico; geralmente, com valor dêitico;

▪ Presença de unidades que remetem: a objetos acessíveis (ostensivos), ao espaço (dêiticos espaciais) e ao tempo (dêiticos temporais);

▪ Presença de nomes próprios, verbos e pronomes de primeira e segunda pessoa do singular ou do plural, que remetem aos protagonistas da interação verbal (valor exofórico);

▪ Presença do pronome indefinido *on*, com valor de primeira pessoa do singular ou do plural. Em português: *a gente*, *você*;

▪ Presença de anáforas pronominais;

▪ Presença de auxiliares de modo (poder, dever, querer, ser preciso, etc.);

▪ Densidade verbal elevada;

▪ Densidade sintagmática baixa.

Exemplo desse tipo de discurso encontramos no segmento a seguir do Manifesto Antropófago:

“(...) Queremos a Revolução Caraíba. Maior que a Revolução Francesa. A unificação de todas as revoltas eficazes na direção do homem. Sem nós a Europa não teria sequer a sua pobre declaração dos direitos do homem.

A idade de ouro anunciada pela América. A idade de ouro. E todas as girls.

Filiação. O contato com o Brasil Caraíba. Ori Villegaignon print terre. Montaigne. O homem natural. Rousseau. Da Revolução Francesa ao Romantismo, à Revolução Bolchevista, à Revolução Surrealista e ao bárbaro tecnizado de Keyserling. Caminhamos. (...)”

b) Relato interativo

- É monologado em princípio;
- Desenvolve-se em situação de interação;

- Tem caráter disjuncto, implicado, do mundo construído;
- Ausência de frases não declarativas;
- Os tempos verbais mais dominantes são: o pretérito perfeito e o imperfeito, podendo associar-se a esses, os tempos pretérito-mais-que-perfeito, futuro simples e futuro do pretérito;
- Presença de organizadores temporais (advérbios, sintagmas preposicionais, coordenativos e subordinativos, etc.);
- A presença de pronomes e adjetivos de primeira e segunda pessoa;
- Presença dominante de anáforas pronominais;
- Densidade verbal semelhante ao discurso interativo.

Exemplo desse discurso consta no segmento que segue, presente no Manifesto Pau-Brasil:

“(…) Nunca fomos catequizados. Fizemos foi Carnaval. O índio vestido de senador do Império. Fingindo de Pitt. Ou figurando nas óperas de Alencar cheio de bons sentimentos portugueses.

Já tínhamos o comunismo. Já tínhamos a língua surrealista. A idade de ouro.

Catiti Catiti

Imara Notiá

Notiá Imara

Ipeju (…)

Quanto aos textos que se apresentam de forma autônoma, disjuncta do momento da produção, temos as características linguísticas que seguem, em conformidade com Bronckart (2009, p. 170-179):

c) Discurso teórico

- Apresentação, em princípio, sob a forma monologada e escrita;
- Ausência de frases não declarativas;
- Explora o mesmo subconjunto de verbos presentes no discurso interativo, com nítida dominância do presente e do futuro do pretérito;
- ausência de unidades que remetem aos interactantes ou espaço-tempo da produção, como os ostensivos, os dêiticos espaciais e temporais;

- ausência de nomes próprios e de pronomes e adjetivos de primeira e segunda pessoa do singular com valor exofórico, ou ainda de verbos na primeira e segunda pessoa do singular;
- presença de organizadores com valor lógico-argumentativo (como, de outro lado, de fato, primeiro, mas);
- presenças de numerosas modalizações lógicas e do auxiliar de modo poder (de modo geral, é evidentemente difícil, aparentemente, poderiam, podemos, pode, etc.);
- Presença de procedimentos de referência metatextual, intratextual e intertextual;
- presença de numerosas frases passivas;
- grande frequência de anáforas nominais e pronominais e de referenciação dêitica intratextual;
- densidade verbal fraca;
- densidade sintagmal elevada.

Exemplo:

“(…) O espírito recusa-se a conceber o espírito sem o corpo. O antropomorfismo. Necessidade da vacina antropofágica. Para o equilíbrio contra as religiões de meridiano. E as inquisições exteriores (…).” (Manifesto Antropófago)

“(…) O Brasil profiteur. O Brasil doutor. E a coincidência da primeira construção brasileira no movimento de reconstrução geral. Poesia Pau-Brasil.

Como a época é miraculosa, as leis nasceram do próprio rotamento dinâmico dos fatores destrutivos. A síntese. O equilíbrio. O acabamento de carrosserie. A invenção. A surpresa. Uma nova perspectiva. Uma nova escala. Qualquer esforço natural nesse sentido será bom. Poesia Pau-Brasil. (...)” (Manifesto da Poesia Pau-Brasil)

d) Discurso narração

- Apresentado sob a forma escrita e monologada;
- Comporta apenas frases declarativas;
- Tem caráter disjunto autônomo do mundo discursivo;
- Os tempos verbais mais dominantes são o pretérito perfeito e o imperfeito, podendo ser acrescido o mais-que-perfeito composto, o futuro do pretérito e as formas complexas (aux. do imperfeito+infinitivo);
- Presença de organizadores temporais (advérbios, sintagmas preposicionais, coordenativos e subordinativos, etc.);

▪ Ausência de pronomes e adjetivos de primeira e segunda pessoa do singular e do plural, que remetem ao agente-produtor ou ao destinatário;

- Anáforas pronominais;
- Anáforas nominais, que retomam sintagma antecedente, com substituição lexical;
- Densidade verbal mediana, em relação aos discursos interativo e teórico;
- Densidade sintagmática mediana.

Um trecho do Manifesto da Poesia Pau-Brasil assim exemplifica:

“(...) A nunca exportação de poesia. A poesia anda oculta nos cipós maliciosos da sabedoria. Nas lianas da saudade universitária.

Mas houve um estouro nos aprendimentos. Os homens que sabiam tudo se deformaram como borrachas sopradas. Rebentaram.

A volta à especialização. Filósofos fazendo filosofia, críticos, crítica, donas de casa tratando de cozinha. A Poesia para os poetas. Alegria dos que não sabem e descobrem.(...)”

Capacidades de linguagem: o propósito da análise de textos

A análise de texto deve levar o ser humano a desenvolver capacidades de linguagem. (Bronckart, 2009). Tais *capacidades* relacionam-se com as aptidões requeridas do agente produtor para agir socialmente, sob a mediação de um gênero, constituído histórico e culturalmente. Segundo Dolz e Schneuwly (2004), elas constituem-se de três tipos, interligados e indissociáveis para o domínio de um gênero:

a) *capacidade de ação*, que possibilita ao agente-produtor fazer representações do contexto de produção da ação de linguagem, nos parâmetros físico, social e subjetivo;

b) *capacidade discursiva*, que permite ao agente produtor fazer escolhas discursivas, situadas na arquitetura ou folhado textual, como o plano geral do texto, o tipo de discurso e de sequência, mobilizados para o gênero escolhido;

c) *capacidade linguístico-discursiva*, que possibilita ao agente produtor realizar operações linguísticas, com os mecanismos de textualização, e operações discursivas, com os mecanismos enunciativos.

Tais capacidades diferem em relação aos níveis de análise do texto, porque enquanto estes pertencem ao texto enquanto objeto empírico, de descrição, aquelas pertencem a um estatuto psicológico, de internalização pelo sujeito, dos requisitos fundamentais para a ação de linguagem.

Sob a perspectiva da transposição didática de gênero

Transpor didaticamente significa articular sistema de ensino, didático e o saber a ensinar, de modo que haja um movimento de transformação do saber, passando pela invenção, transmissão e aplicação, para a concretização em saber prático, aprendido. Esse conceito de transposição didática foi criado por Verret (1975) e desenvolvido por Chevallard (1985), que também defendeu a criação da didática como disciplina científica. Atualmente, ele tem sido difundido por Bronckart (2009) e os demais pesquisadores de Genebra (particularmente, Dolz, Noverraz e Scheneuwly), que o introduziram como noção basilar nas didáticas das disciplinas escolares (em especial, das línguas), conforme aponta Jorge (2014, p. 239-240).

Isto implica desenvolver dispositivos operacionais que criem as condições para a didatização do saber mobilizado por um gênero. Tal tarefa requer:

“Planificar la materia que se va a enseñar, crear y adaptar dispositivos didácticos, introducir innovaciones, asegurar la gestión de la dinámica de la clase, regular las interacciones con los alumnos para asegurar los aprendizajes y evaluar las adquisiciones y los resultados de su trabajo son algunas de las principales tareas del docente (Dolz: 2009, p. 1).

Dos elementos apresentados como tarefa docente no trabalho com gêneros de texto, o procedimento Sequência Didática (SD), desenvolvido por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 97), é fundamental, porque corresponde a uma sequência de atividades, orientadas, originalmente, para o oral e a escrita, de modo a contemplar as seguintes etapas: a) *apresentação da situação*, quando o docente deve detalhar a tarefa a ser realizada, de modo a situar os estudantes na ação de linguagem a que o gênero adotado se vincula, culminando com a primeira produção, que deverá permitir ao professor avaliar as capacidades já adquiridas pelos discentes; b) *etapas de aplicação dos módulos de atividades*, que deve favorecer ao domínio do gênero, discursiva e linguisticamente; e d) *na etapa de produção final*, deve-se avaliar o dispositivo adotado, para destacar o desenvolvimento das capacidades de linguagem dos alunos.

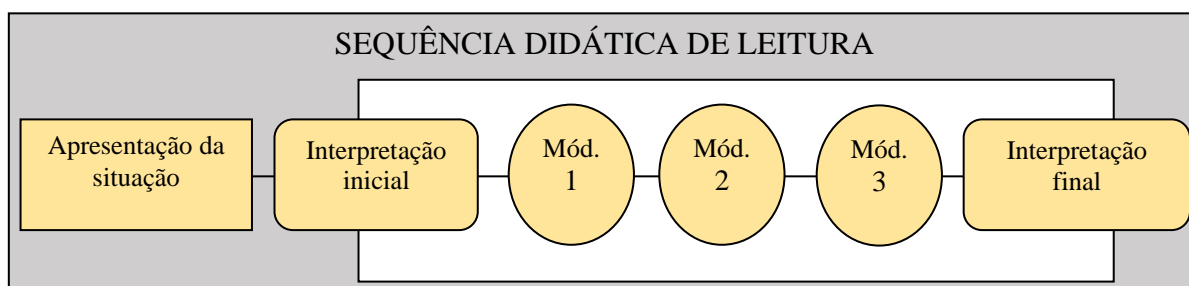
A adoção de tais atividades devem levar em conta:

- a modelização do gênero como incorporação do conceito vigotskiano de imitação;
- a interação como perspectiva de trabalho;

- o domínio do gênero para utilização desse instrumento em situação escolar ou em contextos sociais;
- redirecionamento da prática docente do eixo gramatical para uma perspectiva sociodiscursiva.

O procedimento Sequência Didática de Leitura (SDL)

Adaptado de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 97), uma Sequência Didática de Leitura (SDL) deve contemplar: a apresentação da situação de leitura, seguida de um diagnóstico, a partir de uma atividade de leitura (interpretação inicial), ao invés de produção inicial; em seguida, uma sequência de módulos de estudo, dedicados à leitura com foco na arquitetura textual (plano de texto, sequências, discurso, coesão nominal e verbal, além da responsabilização enunciativa), finalizando com uma atividade de interpretação final, conforme representação:



É importante que tais atividades sejam organizadas de modo a contemplar questões relacionadas ao contexto e a arquitetura textual, devendo ter os resultados das atividades inicial e final confrontados para poder avaliar, adequadamente, o desenvolvimento das capacidades de linguagem. Neste sentido, cabe ao professor criar instrumentos de coleta de tais resultados para poder acompanhar a *zona de desenvolvimento* de cada estudantes, podendo adaptar as atividades às especificidades de cada turma de alunos.